

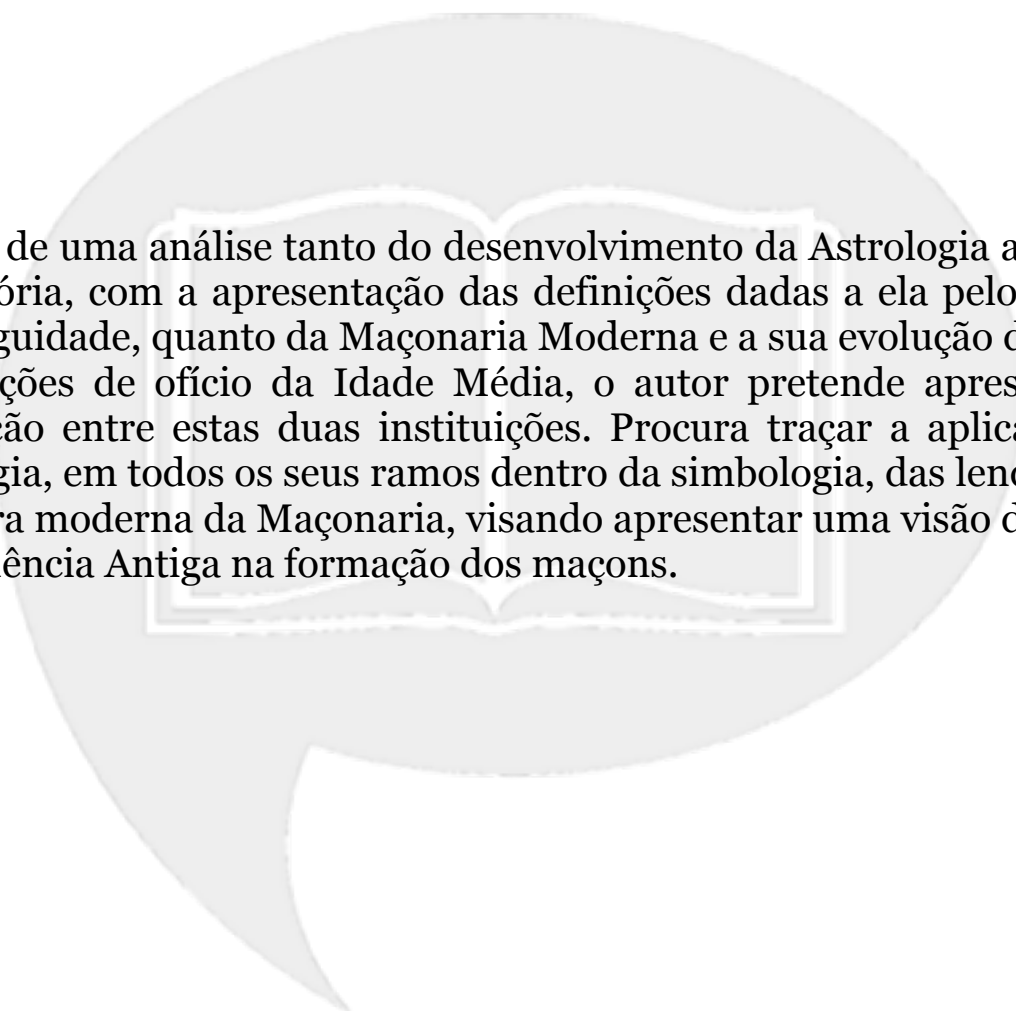
JOSÉ CASTELLANI

MAÇONARIA E ASTROLOGIA

3ª EDIÇÃO REVISADA







Através de uma análise tanto do desenvolvimento da Astrologia ao longo da História, com a apresentação das definições dadas a ela pelos povos da Antiguidade, quanto da Maçonaria Moderna e a sua evolução desde as corporações de ofício da Idade Média, o autor pretende apresentar a correlação entre estas duas instituições. Procura traçar a aplicação da Astrologia, em todos os seus ramos dentro da simbologia, das lendas e da estrutura moderna da Maçonaria, visando apresentar uma visão do papel desta Ciência Antiga na formação dos maçons.

JOSÉ CASTELLANI

(29 DE MAIO DE 1937 - 21 DE NOVEMBRO DE 2004)

José Castellani, médico, escritor e historiador, autor de mais de sessenta livros sobre a cultura maçônica, sendo considerado assim, um fenômeno na ampla literatura da Fraternidade Maçônica, nasceu em 29 de maio de 1937, em Araraquara, SP, tem exercido cargos na docência médica, tendo se especializado em oftalmologia.

Iniciado em 9 de novembro de 1965, logo em 1973, teve seu primeiro livro maçônico publicado pela editora A Gazeta Maçônica, sob o título 'Os Maçons que fizeram a História do Brasil'. Além desta importante obra, José Castellani também é autor dos livros 'Shemá Israel', 'A Ciência Maçônica e as Antigas Civilizações', 'A Maçonaria na Década da Abolição e da República', entre outros.

Portador de várias condecorações por sua contribuição à cultura maçônica, destacam-se a Ordre Militaire et Hospitallier de Saint Lazare de Jerusalém (França) e a Ordo Sancti Georgi (Itália).

Somou ainda mais de sessenta títulos culturais maçônicos, tendo sempre no 'forno', novos títulos a serem publicados. José Castellani era um incansável colaborador de inúmeras publicações, entre elas, o responsável pela Consultoria Maçônica do site Lojas Maçônicas.

Incansável trabalhador em prol da Educação e da Cultura Maçônicas ocupou os mais altos postos da Ordem, nesta área, na Maçonaria de São Paulo e no governo da Instituição no Brasil, criando e reformulando o pensamento e as atitudes de uma época e influenciando toda uma geração com sua forma de agir e pensar.

Faleceu em São Paulo, SP, em 21 de novembro de 2004.

INTRODUÇÃO

No final da Pré-História, antecedendo a Idade dos Metais, que se iniciaria por volta de 6.000 anos a. C., o Homem começava a desenvolver padrões metafísicos e religiosos e a praticar rituais – como os fúnebres, por exemplo – onde a materialidade de sua vida pregressa cedia espaço à interrogação dos mistérios da Natureza, ao impacto emocional das forças cósmicas, à influência dos corpos celestes visíveis sobre o ciclo de vida do Homem e à especulação sobre a existência de divindades orientadoras da vida humana e dos fenômenos naturais.

Raios, trovões, temporais, cheias de rios, eclipses eram todos para o Homem, de então, isentos de casualidade, pois, certamente, entidades superiores eram as responsáveis por eles. Os astros visíveis, por sua aparente superioridade – era necessário olhar para cima, para vê-los – atraíam, cada vez mais, a atenção dos humanos. Posteriormente, já na Idade dos Metais, os sumérios tinham, como símbolo da divindade, uma estrela.

O papel fundamental do Sol e da Lua já haviam sido percebidos: o astro da luz como o responsável por toda a vida da Terra, atuando sobre o ciclo dos vegetais, amadurecendo os frutos, dando o calor necessário ao desenvolvimento humano; e a Lua, atuando sobre as águas do mar. Tudo isso definia o mistério da vida, do crescimento e do definhamento, fazendo com que o Homem primitivo se prendesse a uma explicação física do Universo.

Sobre o fundo estrelado, aparentemente fixo, via, ele, girar em torno da Terra, também aparentemente, sete corpos celestes: o Sol, a Lua e os cinco planetas visíveis do Sistema Solar, ou seja, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno, que, por terem um movimento mais palpável do que as estrelas, eram chamados de “estrelas errantes”.

Já no período histórico da humanidade, a partir dos sumérios, que se estabeleceram na Mesopotâmia, no V Milênio a. C., estava presente a ideia de que esses sete corpos celestes eram divindades, com o poder de dirigir a vida na Terra, intervindo nas atividades humanas. Estabelecia-se, aí, o conceito dos “sete planetas”, criando a mística do número sete, e definia-se o panteão dos deuses do mundo antigo, cada um com as suas características, de acordo com o que cada planeta despertasse na mente dos homens. Assim, por exemplo, Marte era o regente da guerra e da força física; Júpiter era o rei dos deuses e senhor de todos os homens; Saturno, tomado como um Sol no exílio, por ser frio e distante, era associado à

crueldade e à intolerância.

Iniciava-se, aí, a base do conhecimento astrológico, quando a antropomorfização dos deuses-planetas e a associação destes com os elementos da Natureza, começava a tomar feição de uma estrutura organizada. E, a partir daí, a astrologia iria crescer em importância no interesse dos homens, sem embargo de períodos de decadência, principalmente na Idade Média, em função do combate que a Igreja lhe movia.

A Maçonaria moderna, que evoluiu a partir das organizações medievais de ofício, embora tivesse, no seu início, apenas um certo misticismo religioso, já que essas organizações haviam surgido e se desenvolvido à sombra da Igreja medieval, começou, a partir do século XVIII, a desenvolver conceitos e símbolos de instituições místicas, que haviam florescido mais a partir do final da Idade Média, como é o caso da astrologia, do rosacruzianismo e da alquimia oculta.

A Maçonaria é uma instituição universal e iniciática, essencialmente filosófica, filantrópica e progressista, que luta pelo aperfeiçoamento moral e intelectual dos seres humanos. Sua finalidade principal é a união fraternal de toda a humanidade e o império da Paz Universal, pela prática da justiça e da virtude, pela cooperação social e pelo respeito à dignidade humana. Impõe, aos seus filiados, o estudo da natureza e a investigação constante da Verdade, como fontes do conhecimento e do progresso cultural do nosso mundo. Assim, ela é uma instituição exotérica e operativa, esotérica e especulativa, embora o sentido da palavra esoterismo tenha sido alterado, através dos tempos.

Na Antiguidade, esoterismo não designava nada mais do que a doutrina ensinada aos Mistos – iniciados nos “Mistérios de Elêusis”, culto da deusa grega Deméter – pelos hierofantes, sendo o oposto do termo exoterismo. Tanto um como outro termo serviram, primordialmente, para designar não um ensinamento iniciático cerimonial, mas, sim, a obra dos grandes filósofos. Algumas delas tornaram-se reservadas, formando os tratados esotéricos, ou seja, destinados, apenas, aos adeptos; outros, todavia, eram destinados ao público, daí a sua denominação de exotéricos. Desta maneira, entende-se por esoterismo a antiga denominação que se dava ao estudo dos Mistérios, guardados, com zelo, nas Antigas Escolas, como a síntese das verdades ocultas, da investigação da origem do mundo e da humanidade, da busca da verdade e da realidade das coisas.

A iniciação maçônica procede de uma iluminação interior, da qual os

símbolos maçônicos são os veículos. O esoterismo, aí, não é ter a posse de alguns segredos reservados, mas, sim, a arte de ver as coisas, do interior, do âmago do próprio ser, espiritualmente. Ele começa na iniciação e se estende por toda a doutrina, que prossegue até que o maçom atinja a plenitude de sua escalada iniciática. Nem todos, porém, diga-se a bem da verdade, conseguem ter essa visão interior, que lhes permita o acesso aos grandes tesouros do espírito humano, reservados, esses sim, apenas aos verdadeiros iniciados.

Assim, o estudo das implicações astrológicas nas lendas, símbolos e alegorias maçônicas não é esotérico, na medida em que não aborda temas restritos aos iniciados. Mas é esotérico, quando propõe, às pessoas, em geral, uma visão vinda do “Eu” interior, uma visão espiritual da doutrina maçônica, em relação a um ramo do conhecimento humano, existente desde os primórdios da civilização e que, independentemente da exploração que tem sofrido por parte de aproveitadores, como se fosse obra de saltimbancos, tem tido, desde a Idade Média, a consideração de muitas comunidades científicas.

Abordar alguns conceitos da Astrologia e da Maçonaria, com sua História e suas peculiaridades, mostrando a presença da primeira nos trabalhos maçônicos, muitas vezes ignorada pelos próprios maçons, é a finalidade primordial deste trabalho, que pretende, apenas, mostrar a realidade dos fatos e as conclusões em torno deles, sem qualquer proselitismo em favor de qualquer uma das duas instituições.

A ASTROLOGIA

HISTÓRIA

NA MESOPOTÂMIA, O INÍCIO

Já se tem como certo que no final do período Paleolítico, há cerca de 30.000 anos, de acordo com achados arqueológicos daquela época, os homens já tinham conhecimento, por observação, da periodicidade lunar, ou seja, das fases da Lua. Outros achados mostram, também, que a importância do Sol sobre o ciclo dos vegetais – que é a base da vida animal – também era conhecida, embora esse conhecimento fosse apenas empírico.

Somente na Idade dos Metais é que a observação dos astros, o maior conhecimento científico e a evolução do misticismo tornaram possível o início de uma organização dos conhecimentos astrológicos. E isso se deu, inicialmente, na Mesopotâmia, através dos sumérios.

A Mesopotâmia - “terra entre rios” – é a região da Ásia, localizada entre os rios Tigre e Eufrates, limitada, ao sul, pelo golfo Pérsico e, ao norte, pelas montanhas da Armênia. Ela abrigou, ao lado do vale do rio Nilo, as mais antigas civilizações organizadas da Terra, as quais surgiram, inicialmente, no sul, junto ao golfo Pérsico, caminhando, depois, para o norte.

As mais remotas civilizações mesopotâmicas só chegaram ao conhecimento do mundo atual através da arqueologia. Durante o IV milênio antes da era cristã, distinguiram-se três principais: El-Obeid, Djendet-Nache e Uruc, baseadas, inicialmente, no trabalho sobre pedra, osso e terracota, próprio do período Neolítico da Pré-História, e, posteriormente, no cobre, cerâmica e glíptica, do início da Era dos Metais. Essas não foram, porém, as principais civilizações da região, já que esse título é aplicado às de Sumer, Acad e Subarru (Assíria), estabelecidas, em ordem, do sul para o norte.



O HOMEM APRENDEU A DISTINGUIR A DIFERENÇA ENTRE DUAS ÉPOCAS:

Uma caracterizada pelo calor e outra pelo frio, o que, no início

Na metade do IV milênio a. C. – ou seja, por volta de 3.500 a. C. – começava a florescer, junto ao golfo Pérsico, a organização urbana dos sumérios, povo de origem provavelmente iraniana. Aí eram encontradas as grandes cidades-estado de Ur, Lagash e Uma, cada uma delas sob o comando absoluto de um chefe, chamado Ensag, ou Patesi (vigário do deus), ou, ainda, Lugal (o grande). Sob a direção de um deles, Zaguisi, ensag de Uma, é que foi fundado o primeiro império mesopotâmico.

Por volta de 2.350 a. C., o domínio da região passaria dos sumérios para os acadianos, que eram de origem semita e cuja supremacia era resultado de uma lenta e progressiva infiltração nas regiões sumérias e do uso de armamento leve, mais manejável do que o equipamento pesado dos sumérios. Seu chefe, Charruquim (ou Sargão), apoderou-se de toda a região, até ao golfo Pérsico, e, também, do Elam, situado fora da Mesopotâmia e do país dos amorritas, tendo a sua obra de conquista completada por seu descendente, Naransin, que se apoderou da Assíria (Subarru).

A partir daí, todavia, foi preparada lenta restauração suméria, cujo apogeu aconteceu durante a III dinastia de Ur, entre 2.150 e 2.050 a. C., e cuja queda ocorreu devido às revoltas dos elamitas – que originaram a migração do clã de Abraão, originário de Ur – e dos amorritas. Estes últimos, de origem semita, fundaram a dinastia dos reis de Isin e estabeleceram-se na cidade de Babel (Babilônia) – que significa “a porta dos deuses” – a qual, posteriormente, por volta de 1.950 a. C., iria dar nome a toda a região. O sexto rei dessa dinastia amorrita, foi o grande Hamurábi, famoso pelo seu código de jurisprudência, economia e religião, gravado em placa de diorito, que, hoje, se encontra no museu do Louvre, em Paris. O império de Hamurábi iria abranger toda a Mesopotâmia, desde o golfo Pérsico, com a regiões de Sumer e Acad, reunidas sob o nome de Babilônia, até às regiões que limitavam, ao norte, a Assíria e, a noroeste, a Alta Síria.

No início do último milênio antes da Era Cristã, os caldeus, povo originário do litoral norte do golfo Pérsico, estabeleceu-se aos sul da Babilônia e sua aculturação parece ter sido completada no século VIII.

A partir de 859 a. C., com Salmanasar III, começava o domínio assírio, que se estenderia até 612 a. C., com Assurbanipal. Alguns notáveis soberanos reinaram durante esses dois séculos, tendo, por capital, Nínive, Calac, ou, então, a cidade criada por Sargão II, Dur-Charruquin (Corsabad). Com Sargão II, fundador do império assírio, o domínio desse povo se estendia a toda a Mesopotâmia, a partir de 722 a. C. . A partir da queda dos

assírios, houve um renascimento da Babilônia, com a instalação do reino neo-babilônico, através de Nabopolassar, o destruidor de Nínive, e, principalmente, de seu filho Nabucodonosor. Sob o reinado deste é que se daria a tomada de Judá, com a destruição do Templo de Jerusalém, seguida do exílio dos hebreus na Babilônia. Esse reino neobabilônico existiu até ao ano de 539 a. C., quando se iniciaria o domínio persa na região, marcando o fim das grandes civilizações mesopotâmicas.

NA RELIGIÃO, AS DIVINDADES CÓSMICAS

Todas essas civilizações mesopotâmicas influíram, profundamente, sobre a formação cultural e mística dos demais povos asiáticos e mediterrâneos. Hoje, não restam mais dúvidas de que a escrita – cuneiforme – foi invenção dos sumérios. Além disso, é certo terem, eles, tudo criado: formas políticas de governo, que vão desde as cidades-estado até ao Império; administração e justiça fundadas em códigos, que serviam de padrão; instrumentos de troca e de produção; formas do pensamento religioso, que dominaram todo o mundo antigo; técnicas de construção de templos religiosos e de casas de dois andares, à volta de um pátio central, comprovadas, pela arqueologia, como protótipos das futuras casas gregas e romanas.

Mas a religião, na realidade, é que foi o motor, a base e o centro de toda a vida da Mesopotâmia, sendo, toda ela, originária dos padrões religiosos dos sumérios, os quais remontam à época neolítica da Pré-História e eram todos baseados nas divindades cósmicas, como o germe dos mitos solares. Assim, os três deuses principais eram: Anu, rei do Céu; Enlil, rei da Terra; e Ea, rei do Oceano. Esses deuses primordiais criaram os deuses astrais, que se ocupavam, diretamente, dos homens: Shamash, o deus-Sol; Sin, o deus-Lua; Ichtar, a deusa correspondente ao planeta Vênus; e Dumuzi, o deus agrário das mortes e ressurreições anuais dos vegetais.

Pode-se perceber, aí, a base de toda a religiosidade cósmica do mundo antigo, inclusive da mitologia greco-romana, onde os deuses cósmicos representam as forças naturais e os astros visíveis e possuem representação antropomórfica, ou seja, com forma humana. Muitas das narrativas religiosas dos sumérios envolviam lendas poéticas sobre os grandes deuses, as quais lembram, bastante, certas figuras mitológicas dos gregos, como Héracles (Hércules, para os romanos), Odisseu (Ulisses, para os romanos) e Ícaro, além de narrativas sobre o Dilúvio (grande cheia dos rios Tigre e Eufrates), que foram aproveitadas, através dos hebreus, pela

Bíblia e que, hoje, fazem parte do patrimônio místico de toda a Humanidade.

A civilização babilônica possuía uma religião ainda mais forte, mas os deuses eram os mesmos dos sumérios, acrescidos de Marduc, o deus supremo dos babilônios. O grande Templo religioso da Babilônia – de Marduc – era denominado Esaguil (“casa do teto alto”) e era flanqueado, ao norte, pela torre em degraus, o zigurate, chamado Etemenanqui (“Templo dos fundamentos dos Céus e da Terra), conhecido pelo nome de Torre de Babel, cuja base era um quadrado de 91 metros de lado e cuja altura também era de 91 metros. O zigurate era, assim, uma imensa pirâmide com andares, de onde os observadores tinham uma ampla visão do horizonte, a qual lhes permitia determinar, com bastante precisão, os movimentos dos corpos celestes.

ASSIM SURGIA A ASTROLOGIA

A Astrologia seria, então, criada na Mesopotâmia pelos sumérios – embora seus rudimentos já existissem desde o período Neolítico – como a arte, ou ciência, que estuda as influências dos corpos celestes sobre a vida e o comportamento dos homens, bem como tenta prever acontecimentos humanos, pela posição desses corpos celestes.

Os povos mesopotâmicos eram bons observadores e, assim, notaram que os acontecimentos, no céu, seguiam um determinado padrão, com as estrelas movendo-se numa ordem fixa, através do firmamento, enquanto que os planetas vagavam, excentricamente, mas no mesmo plano. O que eles verificavam era o movimento rígido, contra o céu estrelado, de sete corpos celestes principais: o Sol, a Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno. Ficou patente que os planetas também tinham um comportamento regular, o que proporcionou, a partir do século VII a. C., época do rei Assurbanipal, o surgimento das primeiras tábuas de movimentos planetários, ou efemérides.

Apesar dos estudos cósmicos, o fato de as civilizações mesopotâmicas serem todas teocráticas, gerou a evolução da antiga ideia de que todos esses astros representavam deuses, com o poder de dirigir a vida dos homens, intervindo nela, a cada instante. Na época babilônica, em que já iam adiantadas as observações astronômicas, o panteão divino já estava totalmente estabelecido, cabendo, a cada deus-astro, um poder particular sobre alguma área da vida e da experiência humana. Além dos

deuses sumérios, alusivos ao Sol (Shamash), à Lua (Sin) e a Vênus (Ichtar), os outros planetas conhecidos só iriam ter os seus padrões divinos estabelecidos a partir dos babilônios e através da astrologia. Assim, Mercúrio, um deus veloz e astuto, era o senhor da sabedoria calculista; Marte era o senhor da guerra; Júpiter era o régio senhor dos homens, embora suplantado pelo deus-Sol; e Saturno era um deus frio, cruel e irascível. E a astrologia, na Babilônia e na Assíria, era, oficialmente, considerada um dos meios de que dispunham os sacerdotes, para interpretar a vontade dos deuses.

Essas associações acabaram formando a base do saber astrológico, com os astros atuando sobre os homens, embora não mais como deuses venerados. Grandes matemáticos, os mesopotâmios – principalmente os sumérios, os babilônios e os caldeus – chegaram, através da astrologia, a adquirir grandes conhecimentos de astronomia, aprendendo a distinguir os planetas das estrelas e a prever os eclipses lunares e solares. Também aprenderam a plantar de acordo com as fases da Lua, dividiram o ano em doze meses lunares, os meses em semanas, a semana em sete dias (cada um consagrado a um dos “sete planetas”), o dia em vinte e quatro horas, a hora em sessenta minutos e o minuto em sessenta segundos.

Quando elaboraram o seu sistema cosmológico, fizeram uso das doze constelações principais, através das quais o Sol e a Lua passavam, regularmente, e que foram as precursoras do Zodíaco. Notaram, também, que, a cada duas horas, as constelações se deslocavam 30 graus no firmamento, ou seja, a duodécima parte do círculo completo. Um outro sistema de doze divisões, sem ligação com o primeiro, tinha suas doze casas numeradas a partir da inclinação oriental sob o horizonte e representavam áreas da existência, de acordo com o seguinte padrão:

1. vida – 2. pobreza/ riqueza – 3. irmãos – 4. pais – 5. filhos – 6. doença/ saúde – 7. esposa/ marido (cônjuge) – 8. morte – 9. religião – 10. honrarias – 11. amizade – 12. inimizade.

Desta maneira, os planetas eram descritos de acordo com a casa ocupada e também com a relação dos ângulos entre eles, o que podia revelar o tipo de influência que poderiam exercer sobre os homens.

NO ANTIGO EGITO

Apenas começamos a conhecer, realmente, o Egito, a partir de 3.200

a. C., não havendo, porém, qualquer solução de continuidade entre o período neolítico e a fase histórica, pois o país mostra-se, ao mesmo tempo, antigo e contínuo.

Foi antes do IV milênio a. C., que homens vindos do Saara, região que, rapidamente, se ressecava, estabeleceram-se em torno do rio Nilo, um verdadeiro oásis em pleno clima saariano, bastante fértil e cultivável, graças às inundações do rio, regulares e extraordinariamente ricas em húmus. A configuração da região, todavia, tornava precária uma unidade nacional, o que propiciou uma divisão natural entre o Alto Egito, cercado pelos rebordos dos desertos da Líbia e da Arábia, e o Baixo Egito, formado pelo delta do rio Nilo.

Após um curto período proto-histórico, assinalado pela predominância de povos asiáticos, vindos pelo istmo de Pelúcio, uma revolução nacional realizou a unificação do Egito, fundindo, em uma só, as duas coroas: a vermelha, do Baixo Egito e a branca, do Alto. Iniciava-se, então, a primeira dinastia do Antigo Império, com a capital situada em Tinis.

A partir da III dinastia, a capital foi transferida para Mênfis, junto ao delta do Nilo. E foi durante os reinados da III, da IV e da V dinastias – contemporâneos do período acadiano da Mesopotâmia – que o Antigo Império atingiu seu máximo apogeu. Na III dinastia, o maior rei foi Djeser, assessorado pelo seu ministro Imotep, que mais tarde seria divinizado e assimilado a Esculápio, na Grécia arcaica; na IV dinastia estavam os construtores de pirâmides: Khufu, Khafra e Menkhaura, chamados pelos gregos, respectivamente, de Quéops, Quéfren e Miquerinos. A V dinastia marcaria o início da decadência do Antigo Império, com o início da teocracia, implantada pelos sacerdotes de Heliópolis (nome dado pelos gregos e que significa “cidade do Sol”), seguidores fanáticos do deus Rá (o Sol), que suplantaria, politicamente, o deus Phtá, de Mênfis.

Essa decadência estendeu-se até à X dinastia (cerca de 2.250 a. C.), quando houve o esfacelamento do Egito e, em fase posterior, a supremacia da cidade de Tebas, iniciando-se, então, o Médio Império, sob a direção dos faraós tebanos, dos quais os maiores foram os da XII dinastia, a dos Amenemat e dos Sensusret. O fim do Médio Império é assinalado pela invasão dos hicsos, povo de origem semita, que teria sido o responsável pela ida dos hebreus para o Egito.

Ao fim do domínio dos hicsos, iniciava-se o Novo Império, cujos principais soberanos foram Tutmés III, Ramsés II e Amenófis IV. Este

último, que reinou de 1370 a 1352 a. C., passou à História como o soberano que ousou quebrar o poderio dos sacerdotes de Ámon, tornando-se um místico do Sol, simbolizado pelo disco solar (Áton); mudou seu nome para Aquenáton e mudou a sede do reino de Tebas para Aquetáton (o horizonte do disco solar) – conhecida pelo nome de Tel-el-Amarna – tentando tornar universal a sua religião solar monoteísta. Seu sucessor, porém, um menino, pressionado pelo poderoso clero egípcio, voltou a Tebas e mudou o seu próprio nome, de Tutancáton para Tutancámon, restaurando o culto de Ámon.

Posteriormente, o país seria esfacelado, em decorrência das grandes invasões de seu território pelos assírios, persas, macedônios e, finalmente, pelos romanos, quando deixaria de existir como unidade nacional.

A RELIGIÃO COM MITOS SOLARES, DOMINAVA O POVO EGÍPCIO

O forte caráter religioso que dominou o Egito, já se fazia presente e era bem definido no poder real, desde o seu início: o faraó (“senhor da casa grande”) era considerado um deus, filho de Hórus, amado de Ámon e filho de Rá. Na sua pessoa divinizada, juntavam-se as contribuições dos antigos reinos do norte e do sul, simbolizadas pelas duas coroas – a vermelha, do Baixo Egito e a branca, do Alto Egito – e pelo entrelaçamento, em torno do pilar sagrado, das duas plantas sagradas do antigo Egito, o lótus e o papiro, e dos dois emblemas, o caniço e a abelha.

Na religião egípcia, podiam-se distinguir duas linhas distintas: a popular e a sacerdotal; esta última era representada pelas doutrinas esotéricas dos sacerdotes, inacessíveis ao povo. A religião popular reconhecia inúmeros deuses e sua característica era o regionalismo, pois cada unidade territorial do império possuía o seu deus-rei. Os deuses locais seguiam o destino político do seu lugar de origem, de modo que houve, a partir da V dinastia, a supremacia de Rá, de Heliópolis, da mesma maneira que, na XII dinastia, Ámon, de Tebas, tornou-se o deus supremo, propiciando, posteriormente, um sincretismo, sob a forma de Ámon-Rá. Já as doutrinas esotéricas dos sacerdotes, originaram cosmogonias complexas e muitas vezes confusas. O traço marcante e comum da vida religiosa, porém, era a preocupação com o além, com o destino do Homem depois da morte física, pois acreditavam, os egípcios, que a vida continuava num outro mundo, desde que houvesse a necessária conservação do corpo, como moradia da alma, daí tendo surgido o hábito de embalsamar e mumificar os corpos dos mortos.

Embora fosse muito confuso o conceito do deus-Sol, tendo, o astro, diversas representações (Ámon, Rá, Hórus), ele era, num certo desvio para o monoteísmo, o deus do império unificado e o senhor do céu e dos deuses. Havia, entretanto, somente um deus egípcio cuja importância era semelhante à do deus-Sol: Osíris, deus da fertilidade e do reino dos mortos, cuja lenda, baseada nos mitos solares, tinha grande sucesso entre o povo preocupado com o além, pois ela mostrava os mistérios da morte e da ressurreição.

A ASTROLOGIA NA LENDA DE OSÍRIS

Foi Plutarco quem deu, no século I da era cristã, a melhor versão da lenda de Osíris, confirmada, depois, pela tradução dos textos hieroglíficos:

Osíris foi um grande rei egípcio, muito sábio e bondoso, cuja preocupação era civilizar o povo e tirá-lo de seu primitivo barbarismo. Ensinou ele, portanto, aos homens, o cultivo da terra, o culto dos deuses e os fundamentos da lei.

Depois de concluir a sua obra no Egito, foi transmitir os mesmos ensinamentos a outros povos, enquanto que, em sua ausência, o país era governado por Isis, sua esposa, que enfrentava a inveja e os instintos malévolos de Set, ou Tifão, irmão de Osíris e personificação do mal.

Quando Osíris regressou ao Egito, Set tramou uma conspiração contra ele, conseguindo convencer outras pessoas a auxiliá-lo. Tendo conseguido tomar as medidas do corpo de Osíris, mandou construir, secretamente, um caixão com essas medidas; e, durante uma festividade, trouxe o caixão até ao centro de seu salão de banquetes, onde, entre outros convivas, estava Osíris, e, em tom de brincadeira, prometeu dá-lo de presente àquele cujo corpo se ajustasse ao caixão. Todos os convidados atenderam à brincadeira e fizeram a experiência, sem que nenhum deles tivesse correspondido às medidas. Chegada a vez de Osíris, este se deitou no caixão e, imediatamente, Set e seus sequazes fecharam, firmemente, sua tampa, soldando-a com chumbo, após o que o jogaram nas águas do Nilo.

Isis, tomando conhecimento do fato, vestiu-se de luto e saiu à procura do corpo de Osíris, pois soubera que o caixão havia sido carregado até a Biblos, no delta do Nilo, onde se enroscara numa tamareira, que crescera, enormemente, em torno dele, ocultando-o; devido ao grande tamanho da árvore, o rei daquela região a havia cortado e a transformara numa coluna, para sustentar o peso do seu palácio.

Assim, foi, Isis, para Biblos e empregou-se como ama de um dos filhos do rei; e, em todas as noites, ela colocava a criança no fogo, para consumir suas partes mortais, enquanto se transformava numa andorinha, para lamentar a morte do marido. Em certa ocasião, porém, a rainha viu seu filho em chamas e gritou, angustiada, privando-o, assim, da imortalidade que lhe seria concedida por Isis. A deusa, então, revelou-se à rainha e solicitou que esta lhe desse a coluna que sustentava o teto do palácio. Atendida, ela retornou ao Egito, levando o caixão com o corpo de Osíris e ocultando-o em local secreto, enquanto procurava seu filho Hórus.

Todavia, certa noite, enquanto caçava, Set, casualmente, encontrou o caixão e, reconhecendo o corpo de Osíris, cortou-o em quatorze pedaços e espalhou-os por todo o Egito. Ao tomar conhecimento disso, Isis construiu um barco de papiro e tratou de procurar e juntar todos os pedaços do corpo. Osíris, com seu corpo reconstituído, voltou do além e ordenou ao seu filho, Hórus, que lutasse contra Set. Obedecendo, Hórus lutou com o assassino de seu pai, durante vários dias, até vencê-lo. Osíris, então, tornou-se o deus e o juiz do reino dos mortos.

Essa lenda é, indisfarçavelmente, decalcada nos mitos solares, já que, segundo ela, Osiris foi assassinado no 17o. dia do mês de Hator, data que marcava o começo do inverno. Assim, ela mostra o Sol (Osíris), morto pelas forças das trevas (Set), para renascer, posteriormente, completando um novo ciclo, que é, também, representado pelas sucessivas mortes e renascimentos dos vegetais, de acordo com a influência solar, as quais são mostradas na sequência dos signos zodiacais.

UMA EVOLUÇÃO, AINDA EMPÍRICA

Isso mostra que a astrologia era muito praticada no antigo Egito, trazendo, como consequência, grandes conhecimentos astronômicos. Já no terceiro milênio a. C., os egípcios elaboraram um calendário solar, que era o mais perfeito da Antiguidade, permitindo-lhes, inclusive, prever as cheias do rio Nilo. Desde essa época, no Egito, praticava-se uma forma muito mística de astrologia, totalmente dependente do eixo econômico e religioso de sua civilização, ou seja, o Nilo. O rio era a fonte de toda a vida e os egípcios acreditavam que as cheias, que traziam fertilidade a uma região que seria estéril sem ele, eram ativadas pela ação combinada do Sol e de Sirius, tendo, esta estrela, em razão disso, assumido grande importância. As pirâmides, construídas durante a III Dinastia do Antigo Império, tinham

dupla finalidade: monumento funerário e calculadores astrológicos.

Ao faraó Ramsés II^[1], um dos maiores do Novo Império, é atribuída a responsabilidade pelo estabelecimento dos quatro signos cardeais do zodíaco: Áries, Libra, Câncer e Capricórnio. Era grande o interesse desse soberano pela astrologia e, em decorrência disso, fez decorar o seu túmulo com motivos e símbolos astrológicos (1236 a. C.). Ramsés VI foi, também, um nome importante na astrologia egípcia e, em sua tumba, aparece um notável mapa estelar, confeccionado na forma de um homem sentado.

NA GRÉCIA ANTIGA

A Grécia antiga abrangia não só a parte continental, mas, também, ilhas do mar Egeu, do Mediterrâneo e do Adriático, além de uma estreita faixa de terra na Ásia Menor. A Grécia continental não evoluiu tão rapidamente quanto a ilha de Creta e, até cerca de 1900 a. C., a parte norte, constituída pela Tessália e pela Macedônia, continuava no período neolítico, enquanto que o sul, junto ao mar, já conhecia o bronze. A partir daí, invasores indo-europeus, os jôniominianos, começaram a se infiltrar na região; isso fez com que, por volta de 1600 a. C., estivesse já constituída a civilização da Argólida, região bastante favorecida, não só pela grande fertilidade de suas planícies, mas, também, pelas suas relações com Creta e com as ilhas do mar Egeu.

Esse período é caracterizado pela presença de um novo grupo de indo-europeus, os aqueus, que se localizam no Peloponeso e entram em contato com os cretenses, fazendo surgir a civilização conhecida como micênica, por ter Micenas como principal centro. Os aqueus, juntamente com os jôniominianos foram os primeiros gregos da História, tendo sido civilizados por Creta, surgindo, daí, uma combinação de influências mediterrâneas e nórdicas.

É essa a época arcaica da civilização helênica, correspondente aos chamados “tempos heroicos”, descritos por Homero, na “Ilíada” e na “Odisseia”, cujas narrativas são, hoje, comprovadas pelas escavações arqueológicas realizadas em Micenas e Tirinto, além do reconhecimento, pela arqueologia, de sítios como a gruta de Calipso, a região de Circe, Caribde e Cila, e etc. .

Entre os séculos XII e X a. C., aconteceria a instalação dos dórios na Grécia, firmando, então, a civilização grega; nessa ocasião, os centros micênicos foram substituídos por outros: Amicleia, por Esparta, Micenas e

Tirinto, por Argos, e Orcômeno, por Tebas. A partir daí começava a expansão e a colonização grega, que atingiria a Sicília, o sul da Itália, o Mediterrâneo ocidental e oriental (Calcídica e Trácia), a Propôntida (mar de Mármara) e os Estreitos, o Ponto Euxino (mar Negro) e até a árida costa africana, a oeste do Egito. O nome mais antigo da Grécia foi Pelasgia, ou seja, a terra dos pelasgos; depois veio o nome de Acaia, tirado da designação de uma das tribos dos aqueus; e, finalmente, Hélade, derivado de Helen, filho de Deucalião e Pirra. O patronímico “gregos”, foi introduzido pelos romanos (do latim “graeci”).

Em 146 a. C., a Grécia era feita província romana, com o nome de Acaia, exercendo, a partir daí, uma notável influência moral, intelectual e artística sobre a cultura romana. Esse prestígio cultural só declinaria após a fundação de Constantinopla, quando esta passou a exercer a hegemonia na Europa oriental. Durante a Idade Média, os imperadores cristãos bizantinos não viam com simpatia o clima pagão da Grécia e Justiniano, finalmente, numa das violências da religião contra a cultura, mandou fechar as escolas de Atenas, tidas como propagadoras do paganismo. A civilização grega, sem forças para manter a antiga pujança, foi arruinada pela invasão dos bárbaros e, ao término do período medieval, em 1453, ficou sob o domínio turco, só terminado já na Idade Contemporânea.

O período mais importante da evolução grega foi o dos primeiros séculos de sua história, quando houve o florescimento de suas artes, de sua filosofia e de sua religião, que tanto influenciaram o mundo antigo e atual, através dos ensinamentos de produtos brilhantes da cultura grega: na Filosofia, Sócrates, Platão e a Academia, Aristóteles e o Liceu, Demócrito, Anaxágoras, Fédon e a Escola de Élis, Antístenes e a Escola Cínica, etc. ; na Geometria, Euclides e Arquimedes, já no período helenístico da expansão; na História, Heródoto, Xenofonte e Tucídides; na Filologia, Aristarco, Calímaco e Zenódoto; e os pensadores jônicos, como Tales de Mileto, Pitágoras de Samos e Heráclito de Éfeso.

NA RELIGIÃO, OS ASTROS E AS FORÇAS NATURAIS

Apesar da religião grega ter surgido desde a antiga civilização aqueia, o certo é que jamais houve, entre os gregos, uma teocracia como a existente no Egito e na Mesopotâmia, o que permitiu o desenvolvimento do pensamento e a criação da ciência pura, teórica e desinteressada, sem o primitivismo e o empirismo das demais civilizações subjugadas pelas classes sacerdotais.

Na época da civilização aqueia, cuja religião era muito próxima da dos cretenses, surgem grandes deuses, como Zeus, Atená, Hera, Possêidon e a deusa Deméter, os quais viriam a ser adotados pelos romanos, com os nomes de Júpiter, Minerva, Juno, Netuno e Ceres, respectivamente. Posteriormente, foram acrescentadas as influências orientais e as contribuições indo-europeias, tendo havido dois ordenadores, que lançaram os padrões religiosos: Homero, criador de uma sociedade divina à imagem da humana, e Hesíodo, que criou toda uma teogonia e abordou o problema das forças misteriosas, que regem o destino do homem. Ao mesmo tempo, a religião popular, baseada no respeito às forças naturais antropomorfizadas e nos imutáveis ciclos da vegetação, das sementeiras e das colheitas, adquiria seus traços fundamentais e mais duradouros.

Todos os principais deuses gregos eram assimilados a um dos astros visíveis, ou aos fenômenos naturais, que, desde tempos mais remotos, sempre fascinaram os homens:

Zeus, o Júpiter romano, filho de Cronos e de Reia, o maior dos deuses (como Júpiter, o maior dos planetas), que reinava no monte Olimpo, era o senhor dos fenômenos atmosféricos;

Hera, a Juno romana, esposa de Zeus, era a deusa do casamento, dos lares, da maternidade e das crianças;

Apolo, ou Febo – que conservou o nome, entre os romanos – filho de Zeus, era o deus do Sol, criador da poesia e da música, do canto e da lira, das profecias e das artes;

Hermes, o Mercúrio romano, filho de Zeus, era o mensageiro dos deuses - movia-se rapidamente, como o planeta Mercúrio – além de deus dos pastores, dos comerciantes, dos viajantes, dos atletas e dos oradores;

Possêidon, o Netuno romano, irmão de Zeus, era o deus do mar, a quem os navegantes temiam e imploravam proteção;

Héstia, a Vesta romana, filha de Zeus, zelava pela chama sagrada, que devia arder em todas as casas;

Hades, o Plutão romano, senhor absoluto e sempre invisível das profundezas da terra, era o deus do reino dos mortos;

Ares, o Marte romano, era o deus da agricultura e da guerra;

Afrodite, a Vênus romana, também filha de Zeus, era a deusa do amor e da beleza;

Deméter, a Ceres romana, irmã de Zeus, era a deusa protetora dos agricultores, dos campos e das colheitas de cereais e de frutas;

Atená, a Minerva romana, nascida da cabeça de Zeus, era a deusa da razão, da inteligência, da sabedoria e da paz;

Hefesto, o Vulcano romano, filho de Zeus, era o deus do fogo, da forja e dos ferreiros;

Dionísio, o Baco romano, filho de Zeus, era o protetor da vegetação e das vinhas e, também, o deus dos mortos, através das promessas de ressurreição.

Interessante é a lenda de Deméter, incluída nos chamados “Mistérios de Elêusis”, já que o mais antigo telesterion (Templo) da deusa encontrava-se na cidade de Elêusis. Os mistérios de Elêusis justapõe o culto de Deméter ao de sua filha, Perséfone (Prosérpina, para os romanos), cujo estágio hibernar nos infernos simbolizaria o ciclo do nascimento e morte dos vegetais. E a lenda é a seguinte:

Deméter amava intensamente, sua filha Perséfone. Esta, certo dia, enquanto colhia flores no campo, foi raptada por Hades, deus dos infernos. Deméter procurou-a pelo mundo inteiro, dia e noite, até que se encontrou com Apolo, que a informou sobre o rapto da filha; tomada de cólera contra a terra, ela se nega a permitir que, nela, cresçam os grãos e os frutos. Diante disso, Zeus resolve interferir junto a Hades, para que este devolva Perséfone, estabelecendo, contudo, uma condição: a de que ela só poderia voltar ao Olimpo, se não houvesse ingerido nenhum alimento. Como, porém, ela havia ingerido alguns grãos de romã, não pôde voltar, sendo-lhe permitido, apenas, passar seis meses do ano com sua mãe e os outros seis meses no inferno.

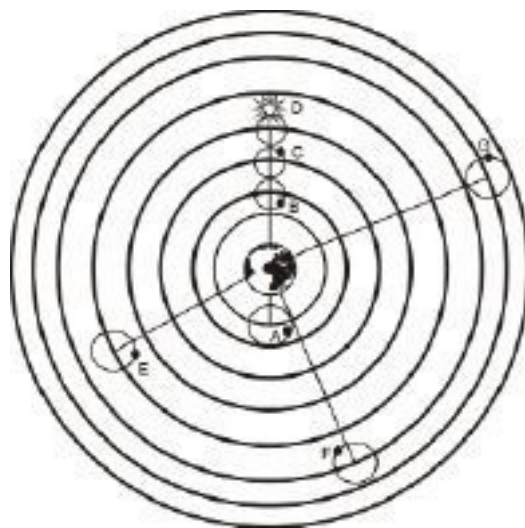
Graças à lenda, Perséfone simboliza as sementes, que permanecem sob a terra, durante meio ano e, depois, frutificam sobre ela. Esotericamente, esse ciclo de nascimento e morte dos vegetais – presente na sequência dos signos zodiacais – representa a eternidade e a imortalidade.

E COMEÇAVA O RACIONALISMO NA ASTROLOGIA

Embora tenha chegado à Grécia um pouco tardiamente, foi aí que a

Astrologia adquiriu os seus aspectos fundamentais e mais duradouros. A partir do terceiro século a. C., os gregos empenharam-se em adaptar a Astrologia babilônica às suas próprias tradições, tornando-a cada vez mais complexa. Datam dessa época os laços maiores entre a medicina e a astrologia, já entrevisto nos escritos de Hermes Trimegisto, nome dado pelos gregos ao deus egípcio Toth, o qual formulava a ideia de que o homem reproduzia, em si, em miniatura – microcosmo – a estrutura do Universo, o macrocosmo; e afirmava, também, que as diversas indisposições eram específicas dos diferentes decanatos, ou seja, de cada divisão dos signos. O médico e filósofo Hipócrates^[2], o “pai da Medicina” (nascido por volta de 460 a. C.), que sugeriu que o caráter do homem era resultado do equilíbrio de quatro “humores” – sangue, fleuma, bile negra e bile amarela – afirmava que “um médico sem o conhecimento da astrologia, não tem o direito de proclamar-se médico”.

Foram os gregos os responsáveis pela popularização de um sistema, que, anteriormente, só era acessível aos reis: o método de calcular os destinos individuais, com base no momento do nascimento. O primeiro livro astrológico moderno, já fugindo, um pouco, ao empirismo dominante, até então, foi o Tetrabiblos, atribuído ao matemático, astrônomo e geógrafo Cláudio Ptolomeu^[3], nascido em Alexandria, cujo trabalho desenvolveu-se durante o século II da era atual, entre os anos 150 e 180, estabelecendo os princípios da influência cósmica, os quais constituem o cerne da moderna astrologia. Ptolomeu ainda catalogou trezentas estrelas e explicou a refração da luz; no Tetrabiblos, expunha a sua crença nos efeitos físicos dos planetas, afirmando que eles “causam calores, ventos e tempestades, à influência dos quais as coisas terrestres estão conformemente sujeitas”.

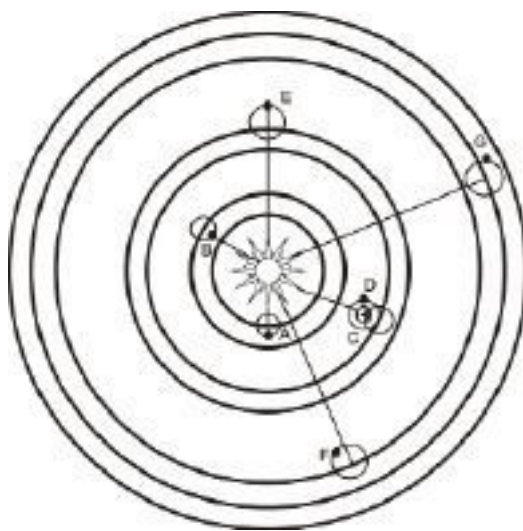


O UNIVERSO, SEGUNDO PTOLOMEU

A Terra está no centro do Universo, em repouso. Em torno dela, movem-se: Lua (A), Mercúrio (B), Vênus (C), Marte (E), Júpiter (F), Saturno (G) e o Sol (D). Note-se que foi conferida a cada um deles, uma órbita constante.

O trabalho de Ptolomeu formulou o primeiro plano a respeito da física do universo, a qual era amplamente desconhecida pelo homem antigo. Mas a sua teoria, hoje, parece absurda, embora tivesse, para a época, servido como baliza dos estudos cósmicos. Para ele, a Terra ocupava o centro do universo e, em torno dela, moviam-se os planetas, cada um num círculo perfeito, dentro de uma esfera exterior sólida, à qual se fixavam as estrelas. Assim, em torno da Terra, em repouso, moviam-se, em círculos concêntricos, em ordem, do centro para a periferia: a Lua, Mercúrio, Vênus, o Sol, Marte, Júpiter e Saturno; além de Saturno, ficavam as estrelas fixas. A fim de que os movimentos observados e predeterminados, em relação aos planetas, concordassem, foi conferida, a cada um deles, uma órbita constante, sendo o epiciclo centralizado sobre o deferente.

A teoria ptolomaica perdurou até ao século XVI, quando foi derrubada por Nicolau Copérnico, que, em 1543, horrorizava o acanhado mundo da época, ao sustentar que o centro do nosso sistema planetário não era a Terra, mas, sim, o Sol.



O SISTEMA DE COPÉRNICO

No século XVI, Copérnico derrubou a teoria ptolomáica, surpreendendo o acanhado mundo da época, ao colocar o Sol como o centro do Sistema Solar, com os planetas, inclusive a Terra, girando em torno dele: Mercúrio (A), Vênus (B), Terra (C), Marte (E), Júpiter (F) e Saturno (G). Somente a Lua (D) gira em torno da Terra.

Sob a influência da cultura grega, os planetas, as casas e os signos do zodíaco foram racionalizados, tendo sido, as suas funções, plenamente determinadas, de tal maneira que, até hoje, houve pouquíssimas alterações. Sob a influência grega, graças à fundação de Alexandria, em 322 a. C., os egípcios criaram, no segundo século a. C., a mais antiga representação pictórica conhecida do zodíaco, que se encontra em relevo em um Templo de Denderá e que demonstra a precessão dos equinócios.

NA ROMA IMPERIAL, O PRESTÍGIO DOS ASTRÓLOGOS

Entre os romanos, sujeitos à influência grega, os astrólogos eram considerados, tendo, no período de alguns dos imperadores, um prestígio incomum, já que a astrologia desfrutava de grande posição social. Juvenal, no primeiro século da era atual, destacava, em seus escritos, que existiam pessoas que não apareciam em público, nem jantavam ou tomavam banho, sem, antes, consultar as efemérides.

Nem todos os imperadores, todavia, estimavam os astrólogos: enquanto que, por exemplo, Tibério se cercava deles, porque tivera o seu destino previsto no momento do nascimento, Cláudio os baniu, porque dava preferência aos augúrios. Com a decadência do império, eles desapareceram.

DEPOIS DA ASCENSÃO, UMA GRANDE QUEDA

Na Europa, a tradição clássica iria morrer com Ptolomeu, em 180 d.C., enquanto a astrologia também começava a entrar em declínio, principalmente porque, nessa época, se perdeu a habilidade para fazer observações e cálculos. Com a queda do Império Romano do Ocidente, a astrologia foi relegada, temporariamente, à condição de deturpada superstição.

Esse estado de decadência foi uma das razões das quais a Igreja ocidental valeu-se, para atacar as práticas astrológicas, embora existam muitas referências astrológicas no Novo Testamento, como, por exemplo, os magos do Evangelho de São Lucas e muitas passagens do Apocalipse; o maior crítico da prática astrológica, nessa época, foi Santo Agostinho de Hipona (354-430), que proclamava que a astrologia era uma fraude e que, se algumas vezes, os astrólogos acertavam, em suas predições, só podia ter sido através da invocação de espíritos malignos e satânicos, os quais sempre procuraram possuir a mente humana. A Igreja oriental, porém,

conservou alguns conhecimentos da astrologia científica.

Apesar disso, ainda na Idade Média, os principais fundamentos da moderna astrologia seriam lançados por dois grandes teólogos da Igreja: Santo Alberto Magno e São Tomás de Aquino.

COM OS ÁRABES E COM OS TEÓLOGOS DA IGREJA, A REDENÇÃO

Nessa época de decadência de todas as ciências, surgiriam, então, os árabes conquistadores, insuflados pela força de sua nova religião, o Islã. É inegável que uma das causas principais da sobrevivência da ciência e da filosofia clássicas foi a sua preservação e uso pelas avançadas culturas árabes, no norte da África e no Mediterrâneo oriental, a partir do século VIII.

Muito hábeis na medicina e na astronomia, os árabes desenvolveram grandes estudos astronômicos, os quais tiveram uma indisfarçável orientação astrológica. Em Damasco e em Bagdá foram criados núcleos de aprendizado e o califa Al-Mansur, filho do famoso Harun Al-Rachid, criou, em Bagdá, um observatório e uma biblioteca, fazendo com que a cidade se tornasse o principal centro astronômico. Abu Maachar – ou Albumansur, para os ocidentais – com o seu tratado *Introductorium in Astronomiam*, de nítida influência aristotélica, foi o maior dos astrólogos árabes; o seu tratado foi um dos primeiros livros a ser traduzido na Europa, no início da Idade Média, influenciando, nitidamente, sobre o processo de renascimento e de revitalização da astrologia e da astronomia. Em sua obra, a respeito dos sete “planetas” da Antiguidade – Sol, Lua, Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno – ele afirma:

Assim como os movimentos dessas estrelas errantes nunca se interrompem, as gerações e alterações das coisas terrenas nunca têm fim; apenas pela observação da grande diversidade de movimentos planetários é que podemos compreender as inúmeras diversidades de mudança neste mundo.

Os árabes criaram uma nova forma de astrologia prática, a qual, embora dúbia, era utilizada, largamente, para todos os tipos de predição na vida diária, como, por exemplo: o melhor momento para realizar viagens, fechar negócios, assumir compromissos, etc. . Esse empenho em indicações favoráveis, ou desfavoráveis, em lugar de predições de eventos, acabaria servindo de grande auxílio à astrologia, quando ela foi reabilitada, no Ocidente, pouco antes da Renascença, graças ao trabalho de alguns teólogos importantes.



Nesta Antiga gravura, astrólogos árabes usam instrumentos astronômicos para as suas predições.

Se, no início do período medieval, os teólogos enfrentavam o problema de classificar a astrologia como ciência legítima, ou como uma simples arte divinatória proibida, caberia, séculos depois, a Santo Alberto Magno (1200-1280), separar a astrologia de suas associações pagãs, divisando o valor teológico da ciência e da filosofia dos árabes e dos gregos e afirmando que, embora não pudessem, as estrelas, influenciar a alma humana, elas poderiam, certamente, influenciar o corpo e a vontade dos homens. Sua grande realização foi tornar o conhecimento dos gregos e árabes acessível à civilização ocidental, especialmente os ensinamentos de Aristóteles; nestes, era fundamental a doutrina de que os eventos terrenos eram governados pelas esferas estelares.

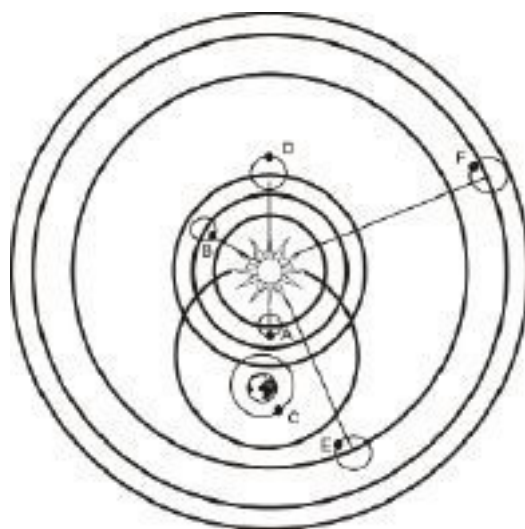
São Tomás de Aquino^[4], considerado o maior teólogo cristão, consolidou a obra de Santo Alberto Magno, tornando-a aceitável como tema digno de estudo e estabelecendo que, na sua visão do universo, a astrologia podia ser tomada como uma complementação da doutrina cristã. E foi graças a essa maneira peculiar de encarar as coisas, que nenhum astrólogo foi punido pelos tribunais do Santo – da inquisição europeia – como aconteceu com alquimistas, templários, rosacruzes, etc. Ganhou, então, a astrologia, respeitabilidade acadêmica, passando a fazer parte do currículo de diversas universidades europeias, como a Universidade de Bolonha, em 1125, não experimentando, praticamente, nenhum declínio com o advento da Renascença e obtendo, inclusive, o apoio do papado (Sisto IV, no século XV, foi o primeiro papa a fazer e interpretar um horóscopo; e Júlio II, do início da Renascença, é conhecido por ter consultado um astrólogo, para ajudá-lo a escolher o dia mais propício para a sua coroação).

FUNDAMENTOS CIENTÍFICOS, COM A QUEDA DA TEORIA PTOLOMAICA

No início do século XVI, começava a demolição do sistema idealizado por Ptolomeu, através de Nicolau Copérnico^[5], que introduziu a teoria heliocêntrica. O sistema elaborado por Copérnico, mostrava o Sol, no centro, com os planetas girando em torno dele, na seguinte ordem, do centro para a periferia: Mercúrio, Vênus, Terra, Marte, Júpiter e Saturno; apenas a Lua permanecia em órbita ao redor da Terra, que, até então, de acordo com a teoria ptolomaica, havia sido o centro de toda a atividade cósmica, com os planetas orbitando em torno dela. Essa teoria, embora correta, era uma heresia, para a dominadora e retrógrada Igreja da época, a qual, logo, condenou os trabalhos do cientista.

Depois de Copérnico, o próximo pesquisador de destaque, de orientação astrológica, foi Tycho Brahe^[6], que não conseguia aceitar o ponto básico da teoria de Copérnico, segundo o qual a Terra não era o centro de todas as coisas; como muita gente, ele acreditava que isso era uma heresia.

Todavia, um discípulo de Tycho, Johannes Kepler^[7], iria se encarregar de sepultar, definitivamente, o sistema ptolomaico, reconhecendo o erro de Tycho, ao considerar a Terra como o centro fixo do sistema, mas tomando como base, em grande escala, os cálculos elaborados pelo mestre, quando este formulou as suas leis do movimento planetário, as quais explicam a velocidade dos planetas e a natureza da sua órbita em torno do Sol.



O UNIVERSO SEGUNDO TYCHO BRACHE

Segundo a Teoria de Tycho Brache, os planetas giravam em torno do Sol - Mercúrio (A), Vênus (B), Marte (D), Júpiter (E), Saturno (F) - mas este

descrevia uma órbita em torno da Terra, sendo que a Lua (C) girava em torno desse último.

A primeira lei de Kepler informa que um planeta move-se através do espaço, descrevendo uma elipse, com o Sol ocupando um dos focos. A segunda lei afirma que o raio vetor varre áreas iguais em tempos idênticos. A terceira lei estabelece uma relação entre os períodos planetários e a distância do Sol.

A Igreja da época, porém, não se rendeu à evidência dos fatos científicos e continuou a considerar herética a teoria heliocêntrica, colocando toda a obra de Kepler entre aquelas que ela condenava. E só se rendeu à evidência, já em pleno século XIX, em 1835, retirando, então, a obra de Kepler de seu index, duzentos anos depois, portanto, dela ter sido publicada.

E ATÉ NA AMÉRICA PRÉ-COLOMBIANA, A ASTROLOGIA

Embora separada – e desconhecida – das civilizações da Ásia Menor, do Norte da África e da Europa Ocidental, as civilizações do continente americano, ditas pré-colombianas, mostram, através da arqueologia, que o calendário e o tempo eram de fundamental importância para elas.

As principais dessas civilizações eram as dos maias, dos astecas e do império dos incas. Os maias habitavam a região onde, atualmente, situam-se o México, a Guatemala, San Salvador e Honduras; formaram a mais culta civilização americana, destacando-se na Astronomia, na Arquitetura e na Escultura; os astecas ocuparam a região do México atual, a qual dominavam, quando os espanhóis conquistadores ali chegaram; e o império inca, ocupando a região do atual Peru, era formado pelas tribos quíchua, aimará e junca (a designação de império dos incas foi dada pelos espanhóis, em homenagem à família Inca, que dominava as três tribos).

Dentre essas civilizações, destaca-se, então, a dos maias – e, depois, a dos astecas, que copiaram os maias – que possuíam dois calendários principais: um deles, que representava o ano solar de 365 dias, regulava, principalmente, o plantio agrícola, enquanto que o outro, de 260 dias, tinha uso ritualístico, nos serviços religiosos.

Ambos os calendários estavam ligados a sistemas astrológicos, que abordavam todas as particularidades da vida humana. Indissociáveis da religião, proporcionaram o surgimento de uma casta sacerdotal poderosíssima, composta pelos sacerdotes-interpretadores. Esses

sacerdotes resolviam, aplicando, indevidamente, a teoria celeste, o destino de cada pessoa, já quase após o nascimento; no quinto dia depois do nascimento de um menino, o sacerdote-interpretador traçava o seu horóscopo e decidia qual a profissão que ele iria ter: soldado, trabalhador braçal, funcionário público, sacerdote e, até, vítima dos cultos sacrificais.

Apesar do envolvimento com essa teocracia – que, como no Egito, subjugava a razão, em benefício do empirismo e do primitivismo – os maias deixaram obras apreciáveis, como o observatório em caracol, na cidade de Chichén Itzá, onde uma escadaria interior em espiral, lembrando a concha de um caracol, conduz a janelas que correspondem às posições dos planetas, como eles eram vistos pelos observadores, em diversas épocas do ano.

MAS, AFINAL, SEM ESQUECER STONEHENGE

Stonehenge, apesar de sua importância, que, aos poucos, vai sendo desvendada, não pode ser analisado no contexto histórico da astrologia, porque ainda intriga os pesquisadores, por ter sido construído numa região, que, na época, era, pelo menos à luz dos atuais conhecimentos, desprovida de civilização tecnologicamente avançada.

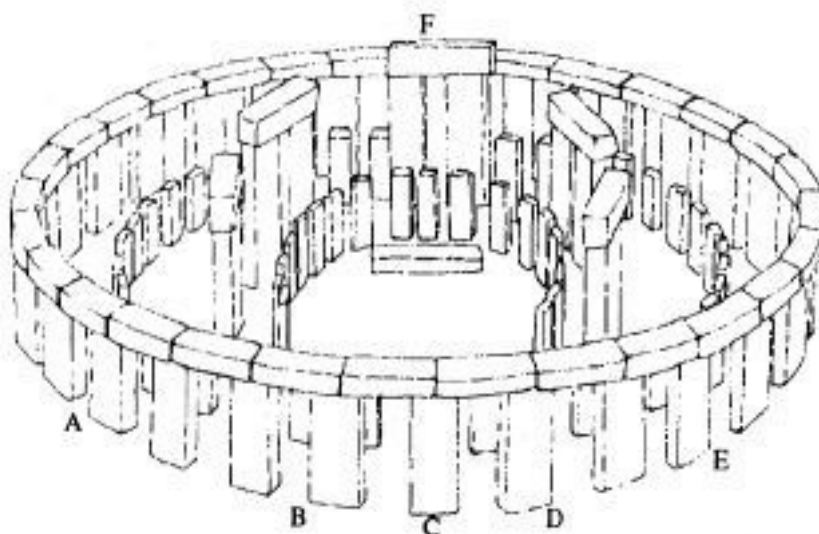
O monumento de Stonehenge é um conjunto circular de enormes pedras, situado na planície de Salisbury, no Wiltshire, Inglaterra; sua origem é desconhecida, mas muitos pesquisadores acreditam que ela seja obra dos druidas, antigos sacerdotes bretões e gauleses, que acreditavam na imortalidade da alma e não possuíam templos, reunindo-se, para o seu culto, nas florestas.

Stonehenge é o principal dos grandes monumentos megalíticos, espalhados por toda a Europa ocidental e que, segundo evidências, que vão se acumulando, através das pesquisas, tinham, como função principal, computar os movimentos anuais dos corpos celestes. O exame das datações, realizadas por carbono radioativo, mostra que a sua construção pode ter sido iniciada cerca de dois milênios a. C., quando a civilização micênica, da Grécia arcaica, mal começava, e quando o antigo Egito iniciava o seu Médio Império.

O que intriga é que, nessa época, a região da Europa ocidental era primitivíssima, sendo habitada por um povo – chamado, pelos arqueólogos, de povo beaker – que ainda estava no início da Idade dos Metais e que ainda não tinha nem meios de registrar o seu conhecimento. Apesar disso,

ele desenvolveu um sofisticado método de calcular um calendário de precisão surpreendente, predizendo eclipses e assinalando solstícios, do qual os menires europeus e, principalmente, o monumento de Stonehenge, são provas irrefutáveis.

As imensas pedras, com cinco toneladas cada uma, de Stonehenge foram extraídas dos montes Prescelly, em Gales, e transportadas até à planície de Salisbury, a 380 quilômetros de distância. Constituído por diversos blocos, formando semicírculos, e fechado por um anel de pedras, com distâncias regulares entre elas, o monumento foi submetido, pelo professor G.S. Hawkins, a análises computadorizadas, que revelaram uma grande variação de alinhamentos, mostrando que ele é, na realidade, um grande computador astrológico. Por fora das pedras externas, há um anel com cinquenta e seis orifícios – chamados “buracos de Aubrey” – redescobertos pelo antiquário John Aubrey, no século XVII; Hawkins, em época recente, demonstrou que, utilizando um sistema de quatro pedras móveis, para marcação, os eventuais erros poderiam ser corrigidos e todos os eclipses do Sol e da Lua poderiam ser previstos.



Stonehenge revela uma extraordinária variação de alinhamentos, mostrando que o monumento na realidade é um computador astrológico megalítico.

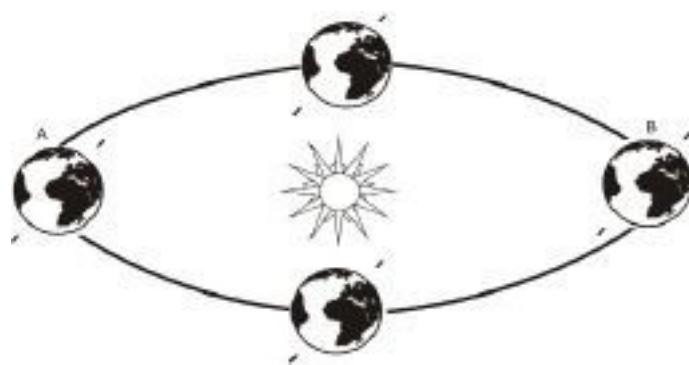
A - Nascer do Sol, solstício de inverno; B - Lua de inverno: baixa; C - Nascer do Sol, solstício de verão; D - Lua de inverno: alta; E - Pôr-do-Sol: verão; F - Pôr-do-Sol: inverno.

OS INSTRUMENTOS DA ASTROLOGIA

OS DEZ PLANETAS

O Sistema Solar possui nove planetas conhecidos, incluindo a Terra. Para a astrologia, porém, não contando a Terra, são dez os “planetas”, incluídos, aí, como era feito no mundo antigo, o Sol e a Lua.

Para o homem antigo, a esfera celeste parecia girar em torno da Terra, quando, hoje, se sabe que quem gira é a Terra. Isso, todavia, pode ser totalmente ignorado pela astrologia, pois, para ela, o que importa são as posições que os planetas parecem tomar no céu. Considerando, como ela considera, que os planetas agem sobre a vida terrestre, a partir dessas posições, estas são, então, tomadas como reais. Assim sendo, apenas astrologicamente, a esfera celeste mostra, em seu centro, a Terra, circundada pela eclíptica.



A ÓRBITA DA TERRA

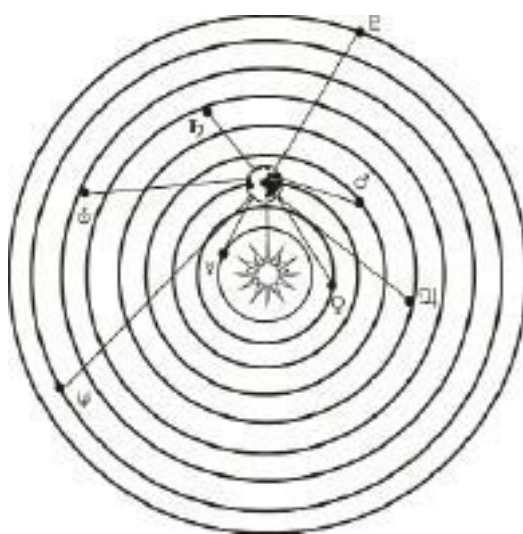
O Ponto A assinala o verão no hemisfério Norte: quando o pólo norte fica inclinado na direção do Sol. O Ponto B marca o verão no hemisfério Sul: quando o pólo sul se inclina na direção do Sol.

A eclíptica é a trajetória aparente que o Sol descreve, anualmente, no céu, ou pode ser considerada como a projeção do plano da órbita terrestre sobre a esfera celeste. Como a Terra possui uma inclinação de 23 graus e meio, o ângulo entre a eclíptica e o equador celeste também corresponde a 23 graus e meio; ambos se cruzam no equinócio de primavera e no equinócio de outono (zero grau de Áries e zero grau de Libra, respectivamente, no hemisfério norte, invertendo-se para o hemisfério sul).

A maioria dos planetas do sistema solar possui órbitas que se colocam, praticamente, no mesmo plano da órbita terrestre, com leves variações; a exceção é Plutão, cuja órbita tem uma inclinação de 17 graus

em relação à Terra. Devido a essa coincidência em plano, os planetas movem-se numa faixa definida do céu, a qual cobre todo o caminho. Essa faixa é conhecida como zodíaco e é centrada na eclíptica.

Na Antiguidade, eram apenas sete os planetas conhecidos, incluídos o Sol e a Lua. Segundo a visão tradicional, os sete planetas correspondiam à ideia dos sete céus planetários, os quais, por sua vez, estão ligados às doutrinas cosmológicas e cosmogônicas setenárias: os sete dias da Criação, os sete véus de Isis, os sete chacras, etc. . Nesse sistema astrológico, a Terra é o centro e as relações dos sete planetas com os sete pontos no espaço são as seguintes: Sol, o zênite; Lua, o nadir; Mercúrio, o centro; Vênus, o oeste; Marte, o sul; Júpiter, o leste; e Saturno, o norte.



O UNIVERSO ASTROLÓGICO

Os planetas em suas respectivas órbitas do modo como são vistos da Terra.

Com a descoberta, em épocas recentes dos três últimos planetas – Urano, Netuno e Plutão – não houve muita modificação do sistema, permanecendo o enfoque setenário, já que os novos planetas descobertos são entendidos como “oitavas superiores” de planetas já conhecidos.

Cada planeta tem uma simbologia extremamente rica, abrangendo áreas da interpretação astrológica, esotérica, psicológica, mítica, etc. . As figuras importantes de quase todas as mitologias estão associadas aos planetas; e muitos deles devem os seus nomes aos deuses aos quais estão associados. Mas é em sua relação com o zodíaco que o seu simbolismo atinge um alto índice de complexidade, pois, enquanto o zodíaco simboliza as fases de um determinado ciclo da criação, os planetas expressam mais os arquétipos do mundo moral. Cada um deles apresenta um duplo aspecto de qualidades morais – um positivo e outro negativo – e está dividido em duas

áreas opostas e complementares, uma luminosa e a outra escura, ambas necessárias ao ciclo da existência, pois o universo é formado e mantido através das variações de duas forças opostas.

São os seguintes, os dez planetas, com sua simbologia:

O Sol é o mais poderoso corpo do sistema solar e a base de toda a vida da Terra, a qual não existiria sem ele. Desde os mais remotos tempos, ele é o símbolo da luz e atrai o homem, exatamente, por sua luz e seu calor, fontes de sua força no psiquismo humano, tendo, por isso, gerado os diversos cultos solares, onde é sempre assimilado a um dos principais deuses: Shamash, dos sumérios, Osíris, dos egípcios, Mitra, dos persas, Apolo, da mitologia greco-romana, etc. . O Sol é ativo e associado, em astrologia, com o poder, a energia, a autoexpressão. Todos os tipos humanos são amplamente determinados por suas características solares.

Esotericamente, o Sol é o emblema do espírito, do Eu Superior; é representado pela figura do arcanjo Miguel, que derrota as forças satânicas, representadas por uma cabeça de serpente, símbolo das trevas, com sua espada flamejante, símbolo da luz e da força solar. Simboliza, assim, as forças positivas e dominadoras do cosmos.

No terreno da astrologia psicológica ele representa, em seus aspectos positivos, qualidades morais como a firmeza, a consciência alerta, o poder da vontade, a nobreza de sentimentos, a lealdade e a autoridade. Em seus aspectos negativos, representa o orgulho, a arrogância, o autoritarismo, a ambição.

Está identificado com o princípio masculino, positivo, regendo o signo de Leão e sendo representado pelo metal ouro; seu emblema é um círculo – símbolo do espaço e do tempo infinito – com um ponto no centro – símbolo do espírito.

Para as ordens iniciáticas, a luz que o Sol representa é a do conhecimento, do esclarecimento mental e intelectual e não aquela emanada dos corpos materiais. Esse conceito tem, em grande escala, base na alquimia, que muito influenciou tais ordens. A Grande Obra, ou Obra do Sol, era, para a alquimia prática, a transmutação dos metais inferiores em ouro; entretanto, para a alquimia oculta, que despreza o ouro material, a Obra do Sol consistia no constante renascer, para que o iniciado percorresse o caminho do aperfeiçoamento e do conhecimento, até chegar à comunhão com a divindade, conceito muito parecido com os do hinduismo e os da doutrina de revelação do mitraismo persa. Assim, os

metais inferiores simbolizam as paixões humanas e os vícios, que devem ser combatidos e transformados em ouro do espírito, que é o objetivo da Obra do Sol.

A Lua, sendo parte integrante do sistema terrestre, participa do centro comum de gravidade, localizado no interior da Terra – o baricentro – tendo efeito físico sobre os fluidos terrestres, como a principal força da ativação das marés. Passiva, ela controla o comportamento rítmico de muitas criaturas da Terra. Cultuada como a mãe universal, a Lua representa o princípio feminino que fertiliza todas as coisas.

Esotericamente, representa a alma, assim como o Sol representa o espírito e é assimilada à deusa Isis, a grande iniciadora da alma nos mistérios do espírito. Suas forças são de caráter magnético e, portanto, opostas às do Sol, as quais possuem caráter elétrico.

Embora seja apenas um satélite da Terra, vem logo depois do Sol em importância astrológica. Na astrologia psicológica, representa o inconsciente, ou seja, as paixões e emoções, a imaginação, a sensibilidade e todos os demais aspectos femininos da vida.

A Lua é de polaridade feminina, aquática, negativa, regendo o signo de Câncer e tendo, como metal, a prata; é representada por um crescente em forma de copa, simbolizando a face receptiva da natureza humana.

Mercúrio é o planeta mais próximo do Sol; ele está situado na coroa externa solar, onde a matéria é sujeita a frequentes e irregulares flutuações; é, também, o mais veloz dos planetas – o que mais rapidamente circula em torno do Sol – e faz rápidas mudanças de declinação no céu. Em astrologia, é o planeta da mentalidade e da reação nervosa.

Regendo o intelecto humano, ele representa a força ativa do Eu, a consciência da humanidade e as faculdades de ver, perceber e raciocinar. Em seus aspectos positivos, confere a aptidão intelectual para a literatura, a diplomacia, o comércio, o jornalismo e as ciências analíticas e dedutivas; em seus aspectos negativos, produz desequilíbrio mental, nervosismo, hipocrisia, desonestidade.

Como representante do intelecto, Mercúrio é de natureza andrógina; em sua manifestação masculina, rege o signo de Gêmeos e, na feminina, rege o signo de Virgem. É representado por um círculo, com uma cruz na parte inferior e um semicírculo na superior (símbolo andrógino). Seu metal é o mercúrio.

Vênus tem a sua rotação axial ligada à da Terra e é um planeta

quente e envolto em densas nuvens, pois o alto teor de dióxido de carbono, presente em sua atmosfera, tende a se condensar ao calor do Sol. É associado com a harmonia e o uníssono, graças à sua constância física, já que a sua excentricidade orbital é a mais baixa entre todos os planetas e a sua distância do Sol permanece quase constante, em torno de cento e sete milhões de quilômetros. Desde a mais remota Antiguidade o planeta tem sido assimilado a divindades femininas, como é o caso de Ichtar, dos sumérios, e de Afrodite, dos gregos (a Vênus romana).

No plano esotérico, o simbolismo de Vênus tem dois aspectos: um ligado ao amor espiritual e outro relacionado com simples a atração sexual. No primeiro caso, em seu aspecto positivo, é a representação do amor como força de coesão, de harmonia e de beleza, conferindo capacidade para as belas-artes; no segundo, mal configurado astrologicamente, apresenta, como aspectos negativos, a impulsividade, as tendências passionais, a débil moralidade, a atração pelo luxo e pela sensualidade.

Planeta de natureza feminina, Vênus rege Touro e Libra, sendo representado por um círculo com uma cruz na parte inferior (símbolo do sexo feminino), significando o espírito, em seu esforço para se libertar da matéria. Seu metal é o cobre.

Marte é um planeta com atmosfera rarefeita e que apresenta uma cor avermelhada, graças à oxidação. Em decorrência disso, ele foi associado, astrologicamente, ao calor físico – embora sua superfície seja fria – ao vigor, à energia, à vivacidade, fazendo com que, na mitologia dos povos antigos, ele fosse assimilado aos deuses viris e guerreiros.

Na psicologia astrológica, Marte representa o espírito empreendedor, enérgico e cheio de ânimo; em seus aspectos negativos, retrata a crueldade e o desejo de destruição. As pessoas que têm o planeta mal configurado, astrologicamente, têm impulsos de belicosidade, violência e rudeza.

Marte é representado por um círculo com uma seta na parte superior direita (símbolo do sexo masculino), significando a força criadora do espírito. É planeta masculino, seu elemento é o fogo e rege os signos de Áries e Escorpião. Seu metal é o ferro.

Júpiter é o maior planeta do Sistema Solar e até já se pensou que ele fosse um Sol em miniatura, com calor próprio, o que se comprovou não ser real, pois ele tem muito pouco material sólido, para possibilitar as reações nucleares, que pudessem gerar energia. Importante fonte de emanções

radioativas, sua proeminência astrológica se deve à sua força expansiva. Graças ao seu tamanho, muito superior ao de todos os demais planetas, foi assimilado, na teocosmogonia do mundo antigo, à divindade-chefe de todos os deuses e, também, às figuras simbólicas do pai, do patriarca e do rei.

É um símbolo, em seus aspectos positivos, da grandeza de espírito, da sabedoria e generosidade, do sentido de justiça e da alegria espiritual; em seus aspectos negativos, representa o desejo de ostentação, o orgulho, a falta de sinceridade, a paixão pelo jogo, o amor à vida fácil.

Júpiter é representado por uma meia-lua crescente (símbolo da consciência da alma) unida a uma cruz (a matéria). Planeta de natureza masculina, positiva, rege Sagitário e Peixes e seu metal é o estanho.

Saturno é o belo planeta circundado por anéis, formados por rochas e calhaus que circulam em torno do planeta, em órbita constante. Foi associado à limitação, com a tendência a se manter dentro de certos limites, mesmo antes que Galileu Galilei descobrisse os seus anéis. Simboliza o tempo, que devora todas as suas criações, sejam elas seres, ideias, coisas, ou sentimentos.

Astrologicamente, é considerado o planeta mais poderoso e malévolo, pela maneira sutil, lenta e gradual com que mina a vitalidade física; se Marte, em seu aspecto destruidor, manifesta-se de maneira rápida, Saturno é o contrário, pois sua natureza é lenta, paciente e velada.

Em seus aspectos positivos, confere método, prudência, sobriedade e sentido do dever; negativamente, produz hipocrisia, intolerância, avareza e teimosia. Representado, simbolicamente, por uma cruz surgindo de uma meia-lua – significando a manifestação da consciência – Saturno é planeta masculino, positivo, que rege Capricórnio e Aquário e cujo metal é o chumbo.

Urano, o planeta da excentricidade, só foi descoberto em 1781; até essa época só eram conhecidos os sete “planetas” da Antiguidade. Difere dos demais planetas, fisicamente, por ter uma inclinação axial maior do que um ângulo reto, o que faz com que as condições atmosféricas de sua superfície sejam extraordinárias; os seus pólos têm, um de cada vez, uma “noite”, que dura vinte e um anos terrestres. Graças a isso, a astrologia o considera como um planeta com mais poderes sobre gerações humanas do que sobre indivíduos.

Sua natureza é a mesma de Mercúrio, porém numa oitava superior. Simboliza, também, o intelecto, mas já ligado aos planos da intuição

superior e da iluminação interna. Assim, rege os sentimentos ideais e a imaginação criadora. É planeta de caráter revolucionário, original, progressista e imprevisível.

Urano é representado por dois pilares – emblema das naturezas divina e humana – unidos por meio de uma cruz da qual pende um círculo. Com Saturno, rege o signo de Aquário e o seu metal é o alumínio.

Netuno, embora só se tornasse conhecido a partir de 1846, já tem completas todas as informações referentes à sua influência astrológica, que já era percebida até antes de sua descoberta. Planeta nebuloso, composto de metano, hidrogênio e, provavelmente, água, só foi pressentido, de maneira indireta, pela atração que exercia sobre Urano, desviando-o de sua órbita normal. Seu tamanho e sua composição sugerem, astrologicamente, uma força indefinível, mas constante e insidiosa.

Ele é considerado a oitava superior de Vênus e, assim, representa as mais elevadas tendências sentimentais e afetuosas, embora o amor netuniano seja mais platônico e idealista. Confere uma poderosa imaginação e predispõe ao misticismo, à clarividência, à mediunidade, sendo considerado o planeta dos grandes artistas, devido à sua natureza aquática emocional (para os gregos, era o deus do mar, e seu simbolismo, de natureza psíquica, induz ao sentido da beleza na arte). Quando mal configurado, astrologicamente, provoca enfermidades mentais e nervosa.

Representado por uma lua crescente em posição horizontal, atravessada por uma linha vertical (o espírito), da qual pende uma cruz (a matéria), Netuno rege, com Júpiter, o signo de Peixes.

Plutão, só descoberto em 1930, é o mais distante planeta ^[8] do Sistema Solar e pode ter sido um satélite de Netuno. Ele está tão afastado da Terra, que a sua influência é tomada como essencialmente impessoal e dotada, principalmente, de um efeito de massa, coletivo, a não ser nos casos em que ocupe uma posição de destaque na carta natal de um indivíduo.

Plutão aparece como oitava superior de Marte, dividindo a sua influência em duas áreas: na primeira, espiritual, ele representa a vontade criadora, a vivificação, a transformação; na segunda, material, representa a decomposição, a violência e a morte.

No sentido geral, simboliza as mutações profundas, tanto no homem quanto na natureza. A ele é atribuída a corregência do signo de Escorpião.

ASSOCIADA AOS PLANETAS, A MITOLOGIA GRECO-ROMANA

Apolo, ou Febo, filho de Zeus (Júpiter, para os romanos), foi, no século V a. C., associado com a força, a luz e a pureza do Sol; a serpente, que, segundo a lenda, ele teria esmagado, simboliza o inverno e as trevas, subjugados pela sua luz e pelo seu calor. Além de deus da luz, do canto, da lira, das artes, governava as estações e era o guardião dos rebanhos e das manadas.

Diana – Ártemis para os gregos – filha de Zeus e de Hera (Juno, para os romanos) era a deusa da Lua, da caça e das flores, e protetora das florestas. De maneira geral, a Lua sempre foi associada com figuras femininas, embora os sumérios a considerassem masculina, através do deus-Lua Consu, assim como os frígios. Associada à virgindade e à pureza, a Lua também foi, em algumas civilizações, ligada à gravidez e, por isso, eram dedicados sacrifícios a ela, por um bom parto.

Mercúrio – Hermes, para os gregos – filho de Zeus, foi associado ao comércio e aos mercadores; como mensageiro dos deuses, era representado com asas nos pés, numa associação com o fato do planeta a ele assimilado ser o mais rápido do Sistema Solar. Era o protetor dos pastores, dos comerciantes, dos viajantes, dos atletas e dos oradores.

Vênus – Afrodite, para os romanos – filha de Zeus, era a deusa do amor e do casamento; regia a sexualidade, a fertilidade e a vida de família; entre os sumérios, era a deusa Ishtar, representada pelo planeta Vênus.

Marte – Ares, para os gregos – era o deus da guerra, da força, dos feitos marciais; foi mais cultuado entre os romanos conquistadores do que entre os gregos, para os quais era, também, o deus da agricultura.

Júpiter – Zeus, para os gregos – filho de Cronos e de Reia, e o principal dos deuses, era, tradicionalmente, o senhor de todos os lugares atingidos pelo raio; os raios e trovões chegavam à terra, vindos diretamente dele, e eram usados como símbolos de seu poder majestático. Figura arquetípica do pai, cuidava das colheitas da vinha, dos tratados e juramentos e das cerimônias de casamento.

Saturno – Cronos, para os gregos – filho de Urano, era o deus da sementeira, ou das sementes; depois de castrar seu pai, Urano, tornou-se o senhor supremo da Terra, governando durante uma época áurea de amor e de inocência.

Urano é um dos deuses primordiais: no início de todas as coisas, Geia, a mãe Terra, deu à luz Urano (o Céu), o qual se tornaria, incestuosamente, o pai de toda a humanidade. Seus filhos, os titãs, incluíam

Cronos (Saturno, o tempo), que foi incitado por Geia a castrar o pai, como vingança por ele ter sacrificado os outros filhos, os ciclopes.

Netuno – Possêidon, para os gregos – era irmão de Zeus e, como este, filho de Cronos e de Reia, os quais, por sua vez, eram filhos de Geia, a Terra, e de Urano, o Céu. Era o deus do mar, a quem os navegantes temiam e imploravam proteção, pois ele, com o seu tridente, podia erguer o mar em fúria, causando tempestades e maremotos.

Plutão – Hades, para os gregos – filho de Cronos, era o senhor absoluto e sempre invisível das profundezas da terra, onde se situavam os infernos; também era o deus do misterioso reino dos mortos. Sendo filho de Cronos (Saturno), que dominava a terra, participou de um sorteio para divisão do mundo entre seus irmãos; e lhe coube a parte pior, ou seja, a das profundezas da terra.

Muitos estudiosos importantes analisaram os planetas em seu simbolismo ligado à teogonia (origem dos deuses), a partir dos mais distantes, que seriam considerados os mais velhos, ou primitivos dos deuses. Assim, Urano gerou Saturno (ou seja: o céu, ou espaço celestial, gerou o tempo); o reino de Saturno foi sucedido pela ordem construtiva do de seu filho Júpiter; em seguida nascem os filhos de Júpiter: primeiro Marte (princípio ativo, ou masculino), depois, Vênus (princípio passivo, ou feminino) e, finalmente, Mercúrio (princípio neutro, ou andrógino).



O PANTHEON GRECO-ROMANO

A civilização greco-romana atribuiu as características de seus deuses aos astros, possibilitando a correlação dos mesmos com o destino da Humanidade

E A ANATOMIA HUMANA

Durante a Idade Média, tinha-se como certo que cada um dos planetas, então conhecidos – na época, eram desconhecidos os três planetas externos: Netuno, Urano e Plutão – estava relacionado com uma parte específica do corpo humano. Posteriormente, a Medicina foi descobrindo as funções de várias glândulas endócrinas, de vital importância, pelos hormônios que lançam na corrente sanguínea. A

Astrologia, então, estabeleceu relações entre essas glândulas e os planetas isolados:

O Sol, tradicionalmente, rege o coração e a coluna vertebral; atualmente, é, também, relacionado ao timo, que é uma glândula endócrina localizada atrás da parte superior do esterno e que é importante no mecanismo imunológico.

A Lua está relacionada às mamas e a todo o aparelho digestivo: esôfago, estômago, intestinos, fígado, vesícula biliar, vias biliares e pâncreas.

Mercúrio está ligado ao sistema nervoso central – principalmente o cérebro – e à respiração.

Vênus, tradicionalmente, rege garganta, rins e região lombar; atualmente, é, também, relacionado às glândulas paratireoides, cujo importante papel no organismo é regular os níveis de cálcio.

Marte está associado ao sistema muscular e às gônadas (ovários e testículos), o que representa uma extensão da relação do planeta com a sexualidade.

Júpiter está relacionado, tradicionalmente, à maior glândula do corpo – o fígado – e à sua atividade purificadora do organismo; atualmente, reconhece-se sua ação sobre a pituitária, que regula a produção de hormônios, atuando sobre o crescimento físico.

Saturno é associado à vesícula biliar, ao baço, aos ossos, aos dentes e à pele.

Netuno atua sobre o sistema nervoso, de maneira geral, principalmente sobre o tálamo, localizado no cérebro.

Urano está ligado às gônadas, ao aparelho circulatório e à glândula pineal, que às vezes é citada como vestígio de um terceiro olho, mas que ainda tem significação obscura.

Plutão junta-se a Marte, em sua ação preponderante sobre as gônadas, atuando na formação das células reprodutoras.

OS SIGNOS ZODIACAIS

A faixa do zodíaco é puramente simbólica, mostrando as constelações que o Sol atravessa, em sua eclíptica, ou seja, em sua órbita aparente; ao contrário das constelações celestes, cada signo zodiacal ocupa um segmento fixo de 30 graus do círculo completo (que corresponde a 360

graus). O zodíaco é dividido, assim, em doze constelações, que são, aparentemente, percorridas pelo Sol, uma vez por ano:

Áries, ou Carneiro: 21 de março a 20 de abril

Touro: 21 de abril a 20 de maio

Gêmeos: 21 de maio a 20 de junho

Câncer ou Caranguejo: 21 de junho a 21 de julho

Leão: 22 de julho a 22 de agosto

Virgem: 23 de agosto a 22 de setembro

Libra ou Balança: 23 de setembro a 22 de outubro

Escorpião: 23 de outubro a 21 de novembro

Sagitário ou Arqueiro: 22 de novembro a 21 de dezembro

Capricórnio: 22 de dezembro a 20 de janeiro

Aquário: 21 de janeiro a 19 de fevereiro

Peixes: 20 de fevereiro a 20 de março

Na verdade, existem duas constelações, oficialmente não classificadas como zodiacais, mas que entram na faixa zodiacal. Uma é Ofiúco (Serpentário), que tem uma grande parte introduzida entre Escorpião e Sagitário; outra é Cetus (Baleia), que também se aproxima da eclíptica, de maneira que os principais planetas podem passar por ela. O conhecimento dessas duas constelações é antigo, pois elas já foram relacionadas por Ptolomeu, no seu catálogo de estrelas (cerca de 150 d. C.).

De maneira geral, os astrólogos não as consideram significativas, embora uma minoria sustente que o zodíaco astrológico deveria ser aumentado para 14 signos, para conter essas duas constelações. Esse ponto, todavia, é irrelevante, pois, astrologicamente, as constelações não têm importância primária, servindo como nomes para os signos astrológicos fixos, cada um dos quais ocupa uma área igual de 30 graus na eclíptica, com poderes simbólicos.

OS MITOS EM TORNO DOS SIGNOS

De maneira geral, todos os signos, ou as constelações representadas, sempre tiveram, a seu respeito, uma lenda, ou um mito, criado pelas antigas civilizações e mais trabalhado pelos gregos:

Áries: Frixos, filho de Nepele, acusado, injustamente, de ter violado Biadice, foi condenado à morte, sendo, todavia, salvo por um carneiro dourado, em cujo dorso escapou, juntamente com sua irmã Hele. Esta,

todavia, atingida por uma vertigem, caiu, enquanto que Frixos manteve-se firme e alcançou a segurança, imolando o carneiro a Zeus; este, então, colocou a imagem do animal no céu.

Touro: Taurus era o touro branco que cortejou Europa, carregando-a em seu dorso. Ele era, na realidade, Zeus disfarçado; este, ao reassumir a sua forma normal, colocou a imagem do touro no céu.

Gêmeos: Embora não exista, aparentemente, nenhum mito particular, em relação a Gêmeos, ele já era conhecido, no Egito antigo como “as duas estrelas”, nome que lhe foi dado graças às estrelas Castor e Pólux, que são as mais brilhantes da constelação e que também ficaram conhecidas como Hércules e Apolo.

Câncer: Como caranguejo, a origem de Câncer é babilônica, pois, no Egito, a constelação era, muitas vezes, representada por duas tartarugas, conhecidas como as Estrelas da Água, ou como Alul, uma criatura aquática indefinida. Embora não haja, em relação a ela, um mito particular, sua associação com a água é bem antiga.

Leão: O leão alusivo a essa constelação é, tradicionalmente, o leão de Nemeia, de pele à prova de ferro, bronze e pedra. Ele foi morto por Hércules – Héracles, para os gregos – o qual, na luta, perdeu um dedo e demonstrou grande bravura. Em homenagem ao feito, a figura do leão foi colocada no céu.

Virgem: Virgem, também chamada Astreia, era filha de Júpiter (Zeus) e Têmis. Cultuada como a deusa da Justiça, quando a idade áurea terminou e o homem desafiou o seu poder e a sua regência, ela, desgostosa, retornou ao céu.

Libra: Na Babilônia, a constelação era associada ao julgamento dos vivos e dos mortos, quando Zibanitu, a Balança, pesava as almas, para aquilatar o seu merecimento. No antigo Egito, por outro lado, ela era associada com as colheitas, já que estas eram pesadas quando a Lua estava cheia em Libra. Não há um mito particular em torno dela.

Escorpião: Atendendo a uma ordem de Hera (Juno), o Escorpião levantou-se da terra para atacar Órion; e também fez com que os cavalos do Sol disparassem, quando eram conduzidos por Faetonte. Zeus (Júpiter), diante disso, puniu-o, atingindo-o com um de seus raios; e, em memória do feito, colocou a imagem do Escorpião no céu.

Sagitário: Sagitário, o arqueiro, com suas duas facetas, animal e humana, era o centauro Quíron, profeta, médico e estudioso, que educou e

adestrou Aquiles, Eneias e Jasão. Era filho de Cronos – também pai de Zeus – e de Filira. Cronos, surpreendido no ato gerador, transformou-se num garanhão, e fugiu a galope, abandonando Filira; esta, desgostosa com o filho, metade homem e metade cavalo, transformou-se numa tília.

Capricórnio: As associações lendárias, ou mitológicas, em relação a Capricórnio são incertas. O deus sumério Ea – rei dos oceanos – era conhecido como o “antílope do oceano subterrâneo”, um bode com cauda de peixe, também chamado de “kusarikku”, o bode-peixe. Há, também, uma referência a Pã, cuja mãe saiu correndo ao ver-lhe a feiura, mas cujo sucesso com as ninfas era patente.

Aquário: Embora não haja mito relacionado com Aquário, podem ser citadas algumas associações. O deus sumério Ea – rei dos oceanos – algumas vezes era chamado (além de “antílope do oceano subterrâneo”) de “deus com jatos d’ água”; o deus Hapi, vertendo água de dois jarros, era um antigo símbolo do rio Nilo. O nome babilônico de Aquário, Gula, foi, inicialmente, associado com a deusa do parto e da cura.

Peixes: Atormentados pelo gigante Tifão, Vênus (Afrodite) e Cupido (Eros, para os gregos), atiraram-se no rio Eufrates e se transformaram em peixes; Minerva (Atená, para os gregos), em memória do fato, colocou os peixes no céu. Entre os babilônios, a constelação era conhecida como Khun, ou as Caudas; também a conheciam como a Correia, a qual estavam atadas as duas deusas-peixe, Simmah e Anunitum.

OS QUATRO ELEMENTOS

Os quatro elementos conhecidos na Antiguidade eram: o ar, o fogo, a água e a terra.

Em todas as teorias cosmogônicas do mundo antigo, existe a ideia de um elemento primordial, do qual derivariam todos os demais elementos. O mais antigo conceito relativo a essa ideia é aquele associado aos trabalhos do sábio grego Thales, de Mileto, que considerava a água como elemento fundamental. Na Grécia mesmo, todavia, muitos filósofos defenderam ideias diferentes.

Anaxímenes afirmava que o elemento primordial era o ar, já que ele podia ser condensado, formando nuvens e chuvas, cujas águas, evaporando, formavam, novamente, o ar, deixando um resíduo sólido de terra. Heráclito, com base no mitraísmo persa, que via a manifestação do poder divino no fogo, defendia a teoria desse elemento, afirmando que tudo, no mundo, está

em constante transformação e que o elemento que pode provocar as mais intensas transformações é o fogo. Feresides escolheu, como fundamental, o elemento terra, pois, afirmava ele, ao se queimar um corpo sólido, obtém-se água e ar. Aristóteles, finalmente, defendendo uma concepção de Empédocles, afirmava que esses quatro elementos eram fundamentais e que todos os corpos eram formados por combinações deles.

Todavia, assim como os antigos discípulos de Zoroastro, ou Zaratustra, na antiga Pérsia, os hermetistas, os alquimistas e os rosacruzistas consideravam o fogo como o símbolo da divindade, já que, esotericamente, ele é o único elemento cósmico, daí as denominações de fogo fluídico (o ar), fogo líquido (a água), fogo sólido (a terra), e fogo sideral (o próprio fogo), dadas aos quatro elementos. A Cabala hebraica aplica a expressão fogo branco ao Infinito Incognoscível de Deus (o Ein Soph) e a expressão fogo negro à sabedoria e à luz absoluta (a cor negra é o resultado da absorção de toda a luz). Os antigos rosacruzistas possuíam uma cerimônia chamada fogo novo, que era celebrada no sábado de aleluia, em homenagem à ressurreição de Jesus. Tudo o que existe é filho do fogo e é através dele que tudo se renova; daí a máxima hermética *Ignem Natura Renovatur Integra* (o fogo renova toda a Natureza), cujas iniciais, I. N. R. I., já foram usadas com diferentes sentidos, inclusive pelo cristianismo.

As ideias de Aristóteles^[9], básicas para a alquimia e úteis na astrologia, eram ensinadas nas escolas de pensadores de Alexandria, no Egito. Nela, se deu a fusão entre as práticas egípcias e as teorias gregas, mais tarde desenvolvidas pelos árabes. Estes, ao conquistar, em 642 a. C., o Egito, trouxeram, para o Ocidente, a nova contribuição à cultura da época.

RELAÇÃO ENTRE PLANETAS, ELEMENTOS E SIGNOS

Na Antiguidade, a cada planeta movente eram associados signos fixos do zodíaco: o Sol e a Lua regiam um signo cada um, enquanto que os outros planetas regiam dois signos cada.

Os planetas podem estar em exaltação (ascensão), em queda (descenso), ou em detrimento, se ocorrer estarem colocados dentro dos signos que, tradicionalmente, lhes dão tais qualidades. Um planeta em exaltação está bem situado, geralmente é positivo e deve atuar bem pela pessoa; um planeta em detrimento, ou em queda, está, tradicionalmente, mal situado e tende a perder uma parte do seu poder. Pode acontecer, todavia, que nenhum planeta, numa carta, entre em qualquer uma dessas

categorias.

Um planeta também pode estar em recepção mútua com outro, quando cada um deles entra no signo regido por outro, caso em que ambos trarão benefícios à pessoa. Como exemplo: quando Mercúrio está em Libra, tradicionalmente regido por Vênus, ele está em recepção mútua com Vênus.

Considerando a regência, o detrimento e a queda, tem-se:

O Sol rege Leão, é exaltado em Áries, tem seu detrimento em Aquário e a queda em Libra.

A Lua rege Câncer, é exaltada em Touro, tem o detrimento em Capricórnio e a queda em Escorpião.

Mercúrio rege Gêmeos e Virgem, é exaltado em Virgem, tem o detrimento em Sagitário e a queda em Peixes.

Vênus rege Touro e Libra, é exaltado em Peixes, tem seu detrimento em Áries e queda em Virgem.

Marte rege Áries e, por tradição, Escorpião – regência, hoje, atribuída a Plutão – é exaltado em Capricórnio, tem o detrimento em Libra e a queda em Câncer.

Júpiter rege Sagitário e, por tradição, Peixes – regência, hoje, atribuída a Netuno – é exaltado em Câncer, tem o detrimento em Gêmeos e a queda em Capricórnio.

Saturno rege Capricórnio e, por tradição, Aquário – regência, hoje, atribuída a Urano – é exaltado em Libra, tem detrimento em Câncer e a queda em Áries.

Urano rege Aquário, é exaltado em Escorpião, tem detrimento em Leão e a queda em Touro.

Netuno rege Peixes, é exaltado em Leão, tem detrimento em Virgem e queda em Aquário.

Plutão rege Escorpião e tem detrimento em Touro (exaltação e queda indeterminadas).

Cada signo zodiacal, além do planeta regente, é associado a um dos quatro elementos fundamentais da teoria de Aristóteles:

Áries, masculino, regido por Marte, é signo do fogo.

Touro, feminino, regido por Vênus, é signo da terra.

Gêmeos, masculino, regido por Mercúrio, é signo do ar.

Câncer, feminino, regido pela Lua, é signo da água.

Leão, masculino, regido pelo Sol, é signo do fogo.

Virgem, feminino, regido por Mercúrio, é signo da terra.

Libra, masculino, regido por Vênus, é signo do ar.

Escorpião, feminino, regido por Plutão (tradicionalmente, por Marte), é signo da água.

Sagitário, masculino, regido por Júpiter, é signo do fogo.

Capricórnio, feminino, regido por Saturno, é signo da terra.

Aquário, masculino, regido por Urano (tradicionalmente, por Saturno), é signo do ar.

Peixes, feminino, regido por Netuno (tradicionalmente, por Júpiter), é signo da água.



OS SIGNOS E OS PLANETAS

Tradicionalmente, cada planeta rege pelos menos um signo zodiacal. Na figura, os planetas regentes estão sobre fundo branco e os signos regidos sobre fundo negro: Sol-Leão; Lua-Câncer; Mercúrio-Gêmeos e Virgem; Vênus-Touro e Libra; Marte-Áries; Júpiter-Sagitário; Saturno-Capricórnio; Urano-Aquário; Netuno-Peixes; Plutão-Escorpião.

OS SIGNOS E AS MUTAÇÕES DA NATUREZA

Os signos zodiacais representam um ciclo vital, com as alterações cíclicas e regulares do fenômeno das estações, ou seja, das sucessivas mortes e ressurreições da natureza, através do ciclo imutável dos vegetais. Assim:

Áries, cujo elemento é o fogo, simboliza o princípio ativo, instintivo e inteligente da natureza, o fogo construtivo interior, que estimula todo o crescimento e o desenvolvimento. Entorpecido no inverno, ele desperta com a primavera, faz germinar as sementes e provoca o aparecimento dos rebentos vegetais.

Touro, cujo elemento é a terra, simboliza a matéria receptiva, na qual se efetua a fecundação, ou seja, a força criativa de Áries, transformada nos poderes de fecundação e procriação da natureza.

Gêmeos, cujo elemento é o ar, simboliza os filhos da Terra, fecundada pelo fogo, o momento em que a força criativa de Áries e Touro se divide em duas correntes: uma ascensional, espiritual; e outra descendente, no sentido da multiplicidade das formas.

Câncer, cujo elemento é a água, simboliza a seiva que vitaliza os vegetais, as forças de coesão da natureza, que mantêm as formas criadas. A vegetação é luxuriante, plena de folhagens, mas os frutos permanecem verdes.

Leão, cujo elemento é o fogo, simboliza o fogo exterior, que, depois de completada a tarefa construtiva do fogo interior de Áries, intervém, para ressecar a constituição aquosa, amadurecendo os frutos.

Virgem, cujo elemento é a terra, simboliza a esposa virginal do fogo fecundador: a colheita está madura.

Balança, ou Libra, cujo elemento é o ar, simboliza o equilíbrio entre as forças construtoras e as destrutivas, ou seja, entre o viço e o apodrecimento: os frutos estão totalmente maduros e em seu máximo sabor.

Escorpião, cujo elemento é a água, simboliza a massa aquosa que fermenta, a morte como momento de crise necessária à transformação; os elementos da construção vital desorganizam-se; os frutos deterioram-se; o Sol precipita a sua queda para o outro hemisfério.

Sagitário, cujo elemento é o fogo, simboliza o espírito que se desprende da matéria e paira nas alturas; a natureza toma um aspecto desolador.

Capricórnio, cujo elemento é a terra, simboliza a natureza morta; a

substância terrestre está inerte, passiva, mas ainda é fecundável.

Aquário, cujo elemento é o ar, simboliza os elementos construtivos, que se reconstituem na terra; esta ainda está adormecida, mas se prepara para um novo esforço gerador.

Peixes, cujo elemento é a água, simboliza a neve que se derrete, o gelo que se quebra, impregnando o solo de seiva pronta para ser vitalizada, à espera do fogo construtivo interior; a duração dos dias aumenta e a luz retorna.

AS ERAS DA ASTROLOGIA

Grande Ano, em Astrologia, é o período de 25.858 anos que a Terra leva para percorrer todos os signos do zodíaco. Esse período é constituído por doze Grandes Meses, cada um dos quais com uma duração aproximada de 2.000 anos. Um Grande Mês, assim, corresponde a uma Era, sendo governado por um signo zodiacal, que lhe dá as características. Desta maneira, cada período de 2.000 anos é regido por um dos doze signos, que se seguem, em sentido decrescente. Portanto, a partir da época atingida pelo conhecimento humano atual, temos:

ERA DE LEÃO (de 10000 a. C. a 8000 a. C.)

Esta é a Era mais antiga da qual é possível ter conhecimento. Ela foi governada pelo signo de Leão, cujo astro regente é o Sol, e marcou um período dominado pela criatividade: o homem começou a cultivar as plantas, a criar os animais e a polir a pedra, modificando, desta maneira, as suas condições de vida e adquirindo os meios para um rápido progresso. Iniciava-se, aí o Período Neolítico da Pré-História, o qual antecedeu o do início da civilização estratificada.

ERA DE CÂNCER (de 8000 a 6000 a. C.)

Com o término da Idade do Gelo, por volta de 9000 a. C., o homem deixou as cavernas e começou a construir as suas habitações, abandonando o nomadismo e tornando-se sedentário. Sob o governo de Câncer, signo da maternidade e do lar – regido pela Lua, a “mãe universal”, o princípio feminino, que fertiliza todas as coisas – a humanidade foi se afastando da horda promíscua e começando a se estruturar, socialmente, por meio da família.

ERA DE GÊMEOS (de 6000 a. C. a 4000 a. C.)

Esta era foi caracterizada pelo dinamismo e pela elaboração dos grandes projetos humanos. Governada por Gêmeos – regido por Mercúrio, o representante do intelecto – foi uma era de grande efervescência intelectual e de muita curiosidade, a qual legaria, à humanidade, um de seus mais valiosos tesouros: a escrita. Foi com esta descoberta que o homem começou a fixar as suas ideias e a registrar a sua própria memória. Começava, aí, a História.

ERA DE TOURO (de 4000 a. C. a 2000 a. C.)

Representando a força criativa de Áries, transformada nos poderes de fecundação e procriação da natureza, o signo, através de sua influência na Terra, com sua solidez e riqueza, significou o florescimento de grandes civilizações, como a suméria – a mais antiga civilização humana – e a egípcia. Período de grandes progressos materiais, a Era de Touro legou, à humanidade, cidades imponentes, como, por exemplo, Tebas e Mênfis, no Egito, onde era cultuado Ápis, o touro sagrado.

ERA DE ÁRIES (de 2000 a. C. a 0)

Sendo regida por Marte, deus da guerra, na mitologia romana, essa era foi caracterizada por grande atividade bélica, com muitas invasões e muitas lutas entre os povos. Um exemplo é o território antigo da Grécia, que sofreu, durante esse período, diversas invasões ; as mais produtivas delas, foram as dos dórios e dos jônios, já que, dessa miscigenação de povos, surgiu a magnífica cultura grega, que tanta influência teve nos destinos da humanidade.

ERA DE PEIXES (de 0 a 2000 d.C.)

Regido por Peixes, signo da fé, da piedade, da compaixão, do espírito de sacrifício e do misticismo, este período viu surgir o seu fato mais marcante: o cristianismo, que, como religião, é o típico exemplo da mentalidade de Peixes. O signo influenciou tanto este período, que o seu símbolo – dois peixes, dispostos lado a lado, mas em sentido inverso, simbolizando o momento final da liberação do espírito das malhas materiais – acabou se tornando o sinal secreto dos que aderiam à fé cristã. Este é o período dos “pescadores de homens”.

ERA DE AQUÁRIO (de 2000 d.C. a 4000 d.C.)

A Era de Aquário, a se iniciar no ano 2000, terá, como mensagem especial, o humanitarismo. Nela ocorrerá uma reconciliação entre a ciência e o homem, entre as mais fantásticas descobertas da mente científica e as verdades eternas, que têm sido motor e dínamo da humanidade. As características do período, regido por Aquário – signo da originalidade, da independência, da lealdade, da ação – serão a audácia, a vontade de mudar e de criar, além de uma grande preocupação com o futuro da humanidade. Nesse período, os homens terão a oportunidade de transformar o mundo,

tornando-o feliz e próspero. Mas poderão, também, destruí-lo, mesmo que a prudência seja uma característica de Aquário.

A MAÇONARIA

HISTÓRIA

ORGANIZAÇÕES DE OFÍCIO, AS PRECURSORAS

Desde que o homem deixou as cavernas e as suas vivendas de nômade, sedentarizando-se e formando uma sociedade estratificada, surgiram os profissionais dedicados à arte da construção, os quais foram se aperfeiçoando, não só na ereção de casas de residência, mas, também, na de templos, de obras públicas e obras de arte. Embora tivessem, esses profissionais, desde os seus primeiros tempos, mantido, entre si, certa camaradagem e um sentimento de agregação, não havia, na realidade, uma organização que os reunisse, que regulasse a sua atividade e que lhes desse um maior sentido de responsabilidade profissional.

Foi no Império Romano do Ocidente, da Roma conquistadora, que, em função da própria atividade bélica, surgiu, no século VI a. C., a primeira associação organizada de construtores, os Collegia Fabrorum. Como a conquista das vastas regiões da Europa, da Ásia e do norte da África, levava à destruição, os collegiati acompanhavam as legiões romanas, para reconstruir o que fosse sendo destruído pela guerra. Dotada de forte caráter religioso, essa organização dava, ao trabalho, o cunho sagrado de um culto às divindades. De início politeísta, tornou-se, com a expansão do cristianismo, monoteísta, entrando, porém, em decadência, após a queda do Império Romano do Ocidente, ocorrida em 476 d.C., embora persistissem pequenos grupos da associação no Império Romano do Oriente, cujo centro era Constantinopla.

Na Idade Média é que iria florescer, através do grande poder da época, a Igreja, a hoje chamada Maçonaria Operativa, ou Maçonaria de Ofício, para a preservação da Arte Real entre os mestres construtores da Europa. Assim, a partir do século VI, as Associações Monásticas, formadas, principalmente, por clérigos, dominavam o segredo da arte de construir, que ficou restrita aos conventos, já que, naquela época de barbárie, quando a Europa estava em ruínas, graças às sucessivas invasões dos bárbaros, e quando as guerras, os roubos e os saques eram frequentes e até encarados como fatos normais, os artistas e arquitetos encontraram refúgio seguro nos conventos. Posteriormente, pela necessidade de expansão, os frades construtores começaram a preparar e a adestrar leigos, proporcionando, a partir do século X, a organização das Confrarias Leigas, que, embora formadas por leigos, recebiam forte influência do clero, do qual haviam

aprendido a arte de construir e o cunho religioso dado ao trabalho.

É dessa época aquela que é considerada a primeira reunião organizada de operários construtores: a Convenção de York, ocorrida em 926 e convocada por Edwin, filho do rei Athelstan, para reparar os prejuízos que as associações haviam tido com as sucessivas guerras e invasões. Nessa reunião, foi apresentada, para apreciação e aprovação, um estatuto, que, dali em diante deveria servir como lei suprema da confraria e que é, geralmente, chamado de Carta de York.

Quase na mesma época, surgiram associações simplesmente religiosas, que, a partir do século XII, formaram corpos profissionais: as Guildas. A elas se deve o primeiro documento em que é mencionada a palavra “Loja”, para designar uma corporação e o seu local de trabalho. As Guildas e sua contemporânea, a organização dos Ofícios Francos, foram as principais precursoras da moderna Maçonaria. O seu nome “Gild”, de origem teutônica, deriva do título dado, na antiga região da Escandinávia, a um ágape religioso, durante o qual, numa cerimônia especial, eram despejados três copos de chifre (chavelhos), conforme o uso da época, cheios de cerveja, sendo um em homenagem aos deuses, outro, pelos antigos heróis, e o último em homenagem aos parentes e em memória dos amigos mortos; ao final da cerimônia, todos os participantes juravam defender uns aos outros, como irmãos, socorrendo-se mutuamente nos momentos difíceis. As Guildas caracterizavam-se por três finalidades principais: auxílio mútuo, reuniões em banquetes e atuação por reformas políticas e sociais. Introduzidas na Inglaterra, por reis saxões, elas foram modificadas por influência do cristianismo, mas, mesmo assim, não eram bem aceitas pela Igreja, que não via com bons olhos a prática do banquete, por suas origens pagãs, e a pretensão de reformas políticas e sociais, que pudessem, eventualmente, contribuir para diminuir os seus privilégios e os privilégios das corporações sob a sua proteção. Assim, para evitar a hostilidade da Igreja, cada guilda era organizada sob a égide de um monarca, ou sob o nome de um santo protetor.

No século XII, associada às guildas, surgia uma organização de operários alemães, os Steinmetzen, ou seja, canteiros^[10], talhadores, ou esquadrejadores de pedra, os quais, sob a direção de Erwin de Steinbach, alcançariam notoriedade, quando Erwin conseguiu a aprovação de seus planos para a construção da catedral de Estrasburgo e deu um aperfeiçoado sentido de organização aos seus obreiros.

SURGEM OS OFÍCIOS FRANCOS, OU A FRANCO-MAÇONARIA

No século XII, também, iria florescer a associação considerada a mais importante desse período operativo: os Ofícios Francos (ou Franco-Maçonaria), formados por artesãos privilegiados, com liberdade de locomoção e isentos das obrigações e impostos reais, feudais e eclesiásticos. Tratava-se, portanto, de uma organização de construtores categorizados, diferentes dos operários servos, que ficavam presos a uma mesma região, a um mesmo feudo, à disposição de seus amos. Na Idade Média, a palavra franco designava não só o que era livre, em oposição ao que era servil, mas, também, todos os indivíduos e todos os bens que escapavam às servidões e aos direitos senhoriais; esses artesãos privilegiados eram, então, os pedreiros-livres, franc-maçons, para os franceses, ou free-masons, para os ingleses. Tais obreiros, evidentemente, tinham esses privilégios concedidos pela Igreja, que era o maior poder político da época, com grande ascendência sobre os governantes.

A palavra francesa “maçon”, correspondente a pedreiro, converteu-se em “maison” (casa) e, também, embora só relativamente, em “masse” (maça, clava). Essa maça, ou clava, habilitava o porteiro a afastar os indesejáveis intrusos e curiosos. O pesquisador alemão Lessing, um dos clássicos da literatura alemã, atribui a palavra inglesa “masonry” (Maçonaria) a uma transmissão incorreta. Originalmente, a ideia teria sido dada pelo velho termo inglês “mase” (missa, reunião à mesa). Uma tal sociedade de mesa, ou reunião de comensais, de acordo com a alegoria da Távola Redonda, do rei Arthur, poderia, segundo Lessing, ainda ser encontrada em Londres, no século XVII. Ela se reunia nas proximidades da famosa catedral de São Paulo e, quando sir Christopher Wren, o construtor da catedral, tornou-se membro desse círculo, julgou-se que se tratava de uma cabana dos construtores, que estabelecia uma ligação de mestres construtores e obreiros; daí, então, ou seja, dessa suposição errada, é que teria se originado o termo “masonry”, para designar a sociedade dos construtores.

Uma explicação para o termo inglês “freemason” (pedreiro livre) está ligada ao termo “freestone”, que é a pedra de cantaria, ou seja, a pedra própria para ser esquadrejada, para que nela sejam feitos cantos, que a transformem numa pedra cúbica, a ser usada nas construções. As expressões “freestone mason” e “freestone masonry”, daí surgidas, acabaram sendo simplificadas para “freemason” (o obreiro) e

“freemasonry” (a atividade). Esta é uma hipótese mais plausível do que a de Lessing, que só considerou o caso particular da Inglaterra, quando se sabe que não foi só aí que existiu uma íntima ligação com o trabalho dos artífices da construção.

Nessa fase primitiva, porém, antes de, propriamente, se ter iniciado a formação de Lojas, quase que não se pode falar em Maçonaria no sentido que ela adquiriu na fase moderna, pois, sobretudo, naquele tempo não podia ser considerada como uma sociedade secreta. O segredo não era, a princípio, mais do que o processo pelo qual um dos membros da irmandade reconhecia o outro. Diga-se a bem da verdade, que, na época atual, a Maçonaria já não pode mais ser considerada secreta, mas apenas discreta. Os segredos mais guardados e que persistem são, obviamente, apenas os meios de reconhecimento, reservados só aos iniciados, já que, de posse deles, um não iniciado poderia ter acesso aos templos maçônicos e às sessões das Lojas.

É CRIADO O IMPORTANTE ESTILO GÓTICO

Na metade do século XII, surgia o estilo arquitetônico gótico, ou germânico, primeiro no norte da França, espalhando-se, depois, pela Inglaterra, Alemanha e outras regiões do norte da Europa e tendo o seu apogeu na Alemanha, durante 300 anos. Tão importante foi o estilo gótico para as confrarias de construtores, que as suas regras básicas eram ensinadas nas oficinas dos canteiros, ou talhadores de pedra; tão importante que a sua decadência, no século XVI, decretou o declínio das corporações.

No século XIII, em 1220, era fundada, na Inglaterra, durante o reinado de Henrique III, uma corporação dos pedreiros de Londres, que tomou o título de The Hole Craft and Fellowship of Masons (Santa Arte e Associação dos Pedreiros) e que, segundo alguns autores, seria o germe da moderna Maçonaria. Pouco depois, em 1275, ocorria a Convenção de Estrasburgo, convocada pelo mestre dos canteiros e da catedral de Estrasburgo, Erwin de Steinbach, para terminar as obras do templo. A construção da catedral, iniciada em 1015, estava praticamente terminada, quando foi resolvido ampliar o projeto original e, para isso, foi chamado Erwin. A essa convenção acorreram os mais famosos arquitetos da Inglaterra, da Alemanha e da Itália, que criaram uma Loja, para as assembleias e discussão sobre o andamento dos trabalhos, elegendo Erwin como Mestre de Cátedra (Meister von sthul).

Esclareça-se que, na época, os obreiros criavam uma Loja, fundamentalmente, para tratar de determinada construção, como é o caso dessa catedral. Tais Lojas serviam para tratar dos assuntos ligados apenas à construção prevista, já que, para outras reuniões, inclusive com obreiros de outras corporações, eram utilizados os recintos de tabernas e hospedarias, principalmente em solo inglês. A palavra Loja, por sinal, foi mencionada pela primeira vez em 1292, em documento de uma guilda^[11].

Próximo desse tempo, ou seja, no século XIV, começava, também, a atuação do Compagnonnage (Companheirismo), criado pelos cavaleiros templários^[12]. Os membros dessa organização construíram, no Oriente Médio, formidáveis cidadelas, adquirindo certo número de métodos de trabalho herdados da Antiguidade e constituindo, durante as Cruzadas, verdadeiras oficinas itinerantes, para a construção de obras de defesa militar, pontes e santuários. Retornando à Europa, eles tiveram a oportunidade de exercer o seu ofício, construindo catedrais, igrejas, obras públicas e monumentos civis.

NO SÉCULO XVI, A DECADÊNCIA DAS CORPORações DE OFÍCIO

Já na primeira metade do século XVI, as corporações, diante das perseguições que sofriam – principalmente por parte do clero – e diante da evolução social europeia, começavam a entrar em declínio. Em 1535, realizava-se, em Colônia, uma convenção, que fora convocada para refutar as calúnias dirigidas pelo clero contra os franco-maçons. Embora ela não tenha tido o brilho e a frequência de outras convenções, consta, embora tal afirmativa seja contestada, por carecer de comprovação, que, na ocasião, teria sido redigido um manifesto, onde era estabelecido o princípio de altos graus, que seriam introduzidos por razões políticas.

Em 1539, o rei da França, Francisco I, revogava os privilégios concedidos aos franco-maçons, abolindo as guildas e demais fraternidades e regulamentando as corporações de artesãos. Em contrapartida, em 1548, era concedido, aos operários construtores, de maneira geral, o livre exercício de sua profissão, em toda a Inglaterra; um ano depois, todavia, por exigência de Londres, era cassada a autorização concedida, o que fazia com que os franco-maçons ficassem na condição de operários ordinários, como tais sendo tratados legalmente. Em 1558, ao assumir o trono da Inglaterra, a rainha Isabel renovava uma ordenação de 1425, que proibia qualquer assembleia ilegal, sob pena dela ser considerada uma rebelião.

Três anos depois, em dezembro de 1561, tendo, os franco-maçons ingleses, anunciado a realização de uma convenção em York, durante a festividade de São João Evangelista, Isabel ordenou a dissolução da assembleia, decretando a prisão de todos os presentes a ela; a ordem só não foi confirmada, porque lord Thomas Sackville, adepto da arte da construção, estando presente, demoveu a rainha de seu intento, fazendo com que, em 1562, ela revogasse a ordenação de 1425.

Em 1563, a Convenção de Basileia, feita por iniciativa da confraria de Estrasburgo, organizava um código para os franco-maçons alemães, o qual serviria de regra à corporação dos canteiros, até que surgissem os primeiros sindicatos de operários, no século XIX. Mas era patente o declínio das confrarias, no século XVI. A Renascença relegara o estilo gótico e a estrutura ogival das abóbadas – próprias da arte dos franco-maçons medievais – ao abandono, revivendo as características da arte greco-romana. Assim, embora ela tivesse atingido a todos os campos do conhecimento e a todas as corporações profissionais, foi a dos franco-maçons a mais afetada. No final do século, Ínigo Jones introduzia, na Inglaterra, o estilo renascentista, sepultando o estilo gótico e apressando a decadência das corporações de franco-maçons ingleses. Estas, perdendo o seu objetivo inicial e transformando-se em sociedade de auxílio mútuo, resolveram, então, permitir a entrada de homens não ligados à arte de construir, não profissionais, que eram, então, chamados de maçons aceitos.

E SE INICIAVA A TRANSFORMAÇÃO NA MAÇONARIA ATUAL: OS “ACEITOS”

As corporações, evidentemente, começaram por admitir pessoas em pequeno número e selecionadas entre os homens conhecidos pelos seus dotes culturais, pelo seu talento e pela sua condição aristocrática, que poderiam dar projeção a elas, submetendo-se, todavia, aos seus regulamentos. Era a tentativa de sustar o declínio.

O primeiro caso conhecido de aceitação é o de John Boswell, lord de Aushinleck – ou, segundo J. G. Findel, sir Thomas Rosswell, esquire de Aushinleck – que, a 8 de junho de 1600 foi recebido maçom – não profissional – na Saint Mary’s Chapell Lodge (Loja da Capela de Santa Maria), em Edimburgo, na Escócia. Esta Loja fora criada em 1228, para a construção da Capela de Santa Maria, destinando-se, como já foi visto, às assembleias dos obreiros e discussões sobre o andamento das obras.

Depois disso, o processo de aceitação, iniciado na Escócia, iria se espalhar e se acelerar, fazendo com que, ao final do século, o número de aceitos já ultrapassasse, largamente, o de franco-maçons operativos. Os mais famosos nomes de “aceitos”, na primeira metade do século XVII, foram: William Wilson, aceito em 1622; Robert Murray, tenente-general do exército escocês, recebido, em 1641, na Loja da Capela de Santa Maria e tornando-se, posteriormente, Mestre Geral de todas as Lojas do Exército; o coronel Henry Mainwairing, recebido, em 1646, numa Loja de Warrington, no Lancashire; e o antiquário e alquimista Elias Ashmole , recebido na mesma Loja e no mesmo dia (16 de outubro) que o coronel Henry.

Em 1666, os franco-maçons iriam recuperar parte do antigo prestígio, diante do grande incêndio, que, a 2 de setembro daquele ano, aconteceu em Londres, destruindo cerca de quarenta mil casas e oitenta e seis igrejas. Nessa ocasião, os maçons acorreram para participar do esforço de reconstrução, sob a direção do renomado mestre arquiteto Cristopher Wren, que, em 1688, viu aprovado o seu plano para reconstrução da cidade, sendo nomeado arquiteto do rei e da cidade de Londres. A obra principal de Wren foi a reconstrução da igreja de S. Paulo, em cujo adro se desenvolveria e se estabeleceria, em 1691, uma Loja de fundamental importância para a História da Maçonaria moderna: a Loja São Paulo (em alusão à igreja), ou Loja da taberna “O Ganso e a Grelha”, em alusão ao local em que, como faziam outras Lojas, realizava suas reuniões de caráter informal e administrativo, como se verá adiante. A reconstrução de Londres só iria terminar em 1710.

E NASCIA A PRIMEIRA GRANDE LOJA

Como, na época, não existiam recintos específicos para Loja maçônica – o primeiro só seria inaugurado em 1776 – os maçons reuniam-se em tabernas, ou nos adros das igrejas. As tabernas, cervejarias e hospedarias desse tempo, principalmente na Inglaterra, tinham uma função social muito grande, como local de reunião e de troca de ideias de intelectuais, artífices, obreiros do mesmo ofício, etc. . A Loja da Cervejaria “The Goose and Gridiron” (O Ganso e a Grelha), ou Loja São Paulo, inicialmente formada só pelos maçons de ofício que participaram da reconstrução de Londres, resolvia, em 1703, diante do número cada vez maior de maçons aceitos, em todas as Lojas, admitir, a partir dali, homens de todas as classes, sem qualquer restrição, promovendo, então, uma reforma estrutural, que iria dar o arcabouço da moderna Maçonaria. A

admissão, em 1709, do reverendo Jean Théophile Désaguliers^[13], nessa Loja, em cerimônia realizada no adro da igreja de São Paulo, iria apressar o processo de transformação, já que Désaguliers iria se tornar seu líder e paladino.

A 7 de fevereiro de 1717, Désaguliers conseguia reunir quatro Lojas metropolitanas, para traçar planos referentes à alteração da estrutura maçônica. Nessa ocasião, foi convocada uma reunião geral dessas quatro Lojas existentes em Londres, para o dia 24 de junho daquele ano. Essa reunião foi realizada na taberna “The Apple Tree” (A Macieira), e as Lojas presentes foram, além da “O Ganso e a Grelha”: a da Cervejaria “The Crown” (A Coroa), a da Taberna “Rummer and Grappes” (O Copázio e as Uvas) e a da Taberna “The Apple Tree” (A Macieira).

E, no dia 24 de junho de 1717, como fora marcado, as quatro Lojas reuniam-se e criavam The Premier Grand Lodge (a Primeira Grande Loja), em Londres, implantando o sistema obediencial, com Lojas subordinadas a um poder central, sob a direção de um Grão-Mestre, já que, antes disso, as Lojas eram livres de qualquer subordinação externa, concretizando a ideia do “maçom livre na Loja livre”. Isso era, portanto, um fato novo e uma grande alteração – uma verdadeira revolução – na estrutura maçônica tradicional, o que faz com que esse acontecimento seja tomado como o divisor de águas, o marco histórico entre a antiga e a moderna Maçonaria, ou seja, entre a operativa e a dos aceitos, ou especulativa.

A única referência a esse fato – importantíssimo para a História da moderna Maçonaria – está em um relatório do pastor James Anderson, publicado na edição de 1738 da Constituição que ele elaborara:

A 20 de setembro de 1714, o rei George I fez, em Londres, magnífica entrada.

Após o fim da rebelião, em 1716, as poucas Lojas de Londres, julgando-se negligenciadas por sir Cristopher Wren^[14], julgaram oportuno fundirem-se sob a autoridade de um Grão-Mestre, como centro de união e harmonia. E as Lojas que assim se encontraram eram:

- 1. A da Cervejaria “The Goose and Gridiron” (O Ganso e a Grelha), no pátio da igreja de São Paulo;*
- 2. A da Cervejaria “The Crown” (A Coroa), em Parker’s Lane, próximo de Drury Lane;*
- 3. A da Taberna “The Apple Tree” (A Macieira), em Charles Street, no Covent*

Garden;

4. A da Taberna “*The Rummer and Grapes*” (O Copázio e as Uvas), em Chanell Row, no Westminster.

Essas Lojas, assim como antigos irmãos reuniram-se na “A Macieira”, tendo, em seguida, designado, como Venerável, o mais antigo mestre, constituíram-se em uma Grande Loja “pro tempore”, na devida forma e, desde logo, a reunião trimestral das oficinas das Lojas estava reconstituída. Depois, decidiram realizar uma assembleia anual com festa e escolher, naquela ocasião, entre eles, um Grão-Mestre, até que conseguissem a honra de ser dirigidos por um irmão nobre.

(...) No dia de São João Batista, durante o terceiro ano do reinado de George I (Ano Dei 1717), a Assembleia e a Festa dos Maçons Livres e Aceitos realizaram-se na Cervejaria “O Ganso e a Grelha”. Antes do jantar, o mais antigo mestre, que presidia, propôs uma lista de candidatos convenientes. Os irmãos presentes, levantando as mãos, designaram Mr. Anthony Sayer^[15], gentil-homem, Grão-Mestre dos Franco-Maçons – Jacob Lamball, carpinteiro, e Joseph Elliot, capitão, Grandes Vigilantes – o qual, imediatamente, foi investido, pelo citado mais antigo mestre, com as insígnias do ofício e do poder, e instalado (...) “.

UMA CONSTITUIÇÃO PARA A PRIMEIRA GRANDE LOJA

Fundada a Premier Grand Lodge – referida, por alguns historiógrafos, como Grande Loja de Londres – foi solicitada, em 1721, ao pastor James Anderson^[16], uma compilação dos antigos preceitos, costumes e regulamentos gerais da Franco-Maçonaria, para a qual ele contou com o precioso auxílio de Désaguliers e George Payne. Concluída essa compilação, ela foi submetida ao exame de um grupo de 14 estudiosos, sendo, por estes, aprovada, com algumas ligeiras modificações, e publicada em 1723, sob o título “As Constituições dos Franco-Maçons, contendo a História, Obrigações, Regulamentos, etc. , da Muito Antiga, Reta e Venerável Fraternidade, para o uso das Lojas”.

O Livro das Constituições continha as seguintes partes: 1. Síntese da História da Maçonaria desde a criação do mundo^[17]; 2. Os Antigos Deveres, ou Leis Fundamentais; 3. As 39 Obrigações, ou Regulamentos Gerais; 4. Cânticos e Hinos Maçônicos.

As duas principais partes desse texto, os Regulamentos Gerais e os Antigos Deveres, tornaram-se o instrumento jurídico básico da moderna Maçonaria, ou seu suporte doutrinário, a guiar os maçons regulares do mundo, embora algumas partes tenham sido modificadas, posteriormente.

O segundo Grão-Mestre da Grande Loja, George Payne^[18], é que conseguiu grande número de documentos sobre antigos estatutos e história da Franco-Maçonaria, para que fossem promulgados novos estatutos, sob a égide da Grande Loja. E foi ele que convocou, para o auxílio ao trabalho, Désaguliers e Anderson. Sucedido pelo próprio Désaguliers, Payne retornaria ao Grão-Mestrado em 1720, quando ocorreu a incineração de muitos dos documentos que ele havia coletado, num ato de vandalismo, cujos motivos permaneceram obscuros, embora alguns membros do clero católico, afoitamente, tenham afirmado que os documentos haviam sido queimados para ocultar a origem católica da Maçonaria.

Com o duque de Montague, que sucedeu a Payne, é que, afinal, em setembro de 1721, após reunião de representantes de 16 Lojas, foi dada, a Anderson, a tarefa de examinar, compilar e redigir um novo e melhor roteiro da História e dos Regulamentos da antiga confraria dos Franco-Maçons. O texto, apresentado a 27 de dezembro de 1721, – foi submetido a uma comissão de 14 membros, que o revisou, emendou e alterou, apresentando, a 25 de março de 1722, um relatório final. Enviado para a impressão, o texto foi aprovado, finalmente, a 17 de janeiro de 1723, pelo duque de Warthon, o novo Grão-Mestre.

Apesar da parte fantasista, as Constituições estabeleceram padrões para a conduta dos maçons em Loja organizada, em reuniões fora da Loja sem a presença de não maçons, na presença de não maçons, em suas residências e nas vizinhanças, e frente a Irmãos estrangeiros. Estabeleceu, também, o regulamento da corporação durante os trabalhos e organizou as atividades da Loja. Mas, acima de tudo, situou o maçom perante Deus e a religião, produzindo um texto cristalino, onde não se vislumbra qualquer sectarismo religioso, apesar da época. Na realidade, a primeira regra das Antigas Leis Fundamentais, sob o título “O que se refere a Deus e à religião”, mostra, claramente, essa disposição:

O maçom está obrigado, por seu título, a praticar a moral; e se bem entender da arte, nunca se converterá em um estúpido ateu nem em um irreligioso libertino. Apesar de, nos tempos antigos, os maçons estarem obrigados a

praticar a religião que se observava nos países em que habitavam, hoje crê-se mais conveniente não impor-lhes outra religião senão aquela que todos os homens aceitam, e dar-lhes completa liberdade com referência às suas opiniões particulares. Essa religião consiste em serem homens bons e leais, honrados e justos, seja qual for a diferença de nome ou de convicções. Deste modo, a Maçonaria se converterá em um centro de união e no meio de estabelecer relações amistosas entre pessoas que, fora dela, não se conheceriam.

UMA NOVIDADE NÃO MUITO BEM ACEITA

Implantada a Primeira Grande Loja, que inaugurou o sistema obediencial, ela não contava com o apoio de todos os maçons ingleses e, até pelo contrário sofria críticas e ataques da parte da maioria deles, já que tudo o que rompe estruturas enraizadas é combatido.

Os que eram contrários a ela, continuaram a pautar as suas atividades pelos antigos costumes das corporações, permanecendo nas Lojas livres. Além disso, essa Grande Loja-Mãe enfrentava, em seu início, sérias dificuldades, devidas não só aos elementos iniciados de forma clandestina, mas que se apresentavam como maçons regulares – depois, apanhados e excluídos – mas, também, à transposição dos meios de reconhecimento do primeiro e do segundo graus, a qual, embora útil e eficiente, foi um tanto drástica e confundiu muitos obreiros.

Os que se mantiveram afastados da Grande Loja, alegando que seguiam os antigos costumes, adotaram o título de Maçons Antigos e Aceitos (Ancient and Accepted Masons), dando, aos da Grande Loja, a denominação de Modernos.

Graças a drásticas inovações e aos fatores já citados, as condições administrativas da Grande Loja, na metade do século XVIII eram precárias – embora tivesse crescido o número de Lojas ligadas a ela – gerando um certo descontentamento, que faria com que um quarto de suas Lojas suspendesse suas reuniões. As outras Lojas de Londres e das províncias, que haviam mantido vida independente, hesitavam em juntar-se à Grande Loja e mantinham as suas práticas cerimoniais antigas, ignorando as mudanças introduzidas por ela.

Isso provocou um movimento oposicionista, que contestava a autoridade da Primeira Grande Loja. Daí para a criação de uma Grande Loja rival, que mantivesse os antigos princípios e costumes da fraternidade, foi

um passo: a 17 de julho de 1751, uma assembleia de maçons, em Turk's Head, Greek Street, no Soho, declarava a sua intenção de reviver a Antiga Arte Real, segundo os verdadeiros princípios maçônicos.

Essa Grande Loja autodenominou-se “dos Antigos”, ao mesmo tempo em que rotulava a Primeira Grande Loja como a “dos Modernos”. Ela era composta de maçons irlandeses, temporariamente residentes em Londres, os quais, obviamente, estabeleceram-na segundo os costumes da Franco-Maçonaria, que eles haviam aprendido em sua terra natal. Começando com apenas 80 obreiros, divididos em cinco Lojas, a Grande Loja “dos Antigos” mostrava, apenas quatro anos após a sua criação, a adesão de 46 Lojas, das quais 37 eram de Londres, começando a firmar-se em bases sólidas e rivalizando com a Grande Loja “dos Modernos”, apesar desta já ostentar, na época, um total de 269 Lojas filiadas a ela.

A situação de inferioridade da Grande Loja dos Antigos havia começado a mudar a 5 de fevereiro de 1752, com a ascensão, ao cargo de Grande Secretário, do irlandês Laurence Dermott^[19], que, até à sua morte, em 1791, foi o grande nome da história dos Antigos, com a sua liderança e o seu livro Ahiman Rezon^[20], uma verdadeira Constituição, que regia as atividades dessa Grande Loja, assim como a de Anderson orientava os Modernos.

Rígido disciplinador e capacitado administrador, Dermott era um defensor intransigente dos princípios e costumes das antigas corporações da Arte Real e trabalhou no sentido de convencer os maçons desiludidos com os Modernos a aderirem aos Antigos, incrementando, ao mesmo tempo, o descontentamento, ao divulgar que os Modernos haviam pervertido a pura Maçonaria. E os criticava em alguns pontos julgados fundamentais, como: a abreviação das cerimônias maçônicas; a omissão das orações; a omissão das preleções e dos sermões; a omissão da leitura das Antigas Obrigações aos iniciados; a descristianização dos rituais; a omissão das comemorações dos dias santos, especialmente o de São João Batista (24 de junho) e o de São João Evangelista (27 de dezembro)^[21].

Através de firme propaganda, clamando pelo respeito à antiguidade e até usando ortografia antiga, logo os “Antigos” conseguiriam ridicularizar a Grande Loja dos “Modernos”, rotulando-a como “um ninho de inovadores e inventores maçônicos”. Isso lhes rendeu um grande impulso, que seria incrementado a partir de 1771, com a ascensão, ao Grão-Mestrado, primeiramente do 3º. e, posteriormente, do 4º duque de Atholl, os quais

dirigiram a Grande Loja dos Antigos durante tanto tempo, que ela acabou ficando conhecida como “The Atholl Grand Lodge”.

Além disso, para reforçar a sua fama de “antiga”, os seus obreiros diziam-se “maçons de York”, em alusão à cidade de York, no condado de Yorkshire, na parte sul de Durham, a qual consta como o mais antigo centro operativo comprovadamente organizado, tendo realizado a famosa Convenção de 926. Mas toda a propaganda, evidentemente, era desenvolvida em torno do Ahiman Rezon, que, também abordava as Antigas Obrigações e incluía o texto da Constituição de Anderson, edição de 1738, mas ressaltando o espírito teísta, em contraste com uma certa liberalidade contida nesta, ao tratar de matéria religiosa.

Organizada, a Grande Loja dos “Antigos”, em bases sólidas e eficientes, graças, principalmente, a Dermott, ao chegar o momento propício para a união com os “Modernos”, tornou-se possível, a ela, negociar em posição de igualdade.

SURGE A PRIMEIRA LOJA MAÇÔNICA

Em 1775, a Primeira Grande Loja, a dos “Modernos”, lançava as bases daquele que seria o primeiro recinto próprio para uma Loja, da História, pois, como já foi visto, os maçons, antes disso, reuniam-se nas tabernas, ou nos adros das igrejas^[22].

Assim, a 1^o de maio de 1775, era lançada, em Londres, a pedra fundamental do “Freemasons’ Hall”, a qual continha uma placa, com os seguintes dizeres:

*ANNO REGNI GEORGII TERTII QUINDECIMO, SALUTIS HUMANAЕ,
MDCCLXXV, MENSIS MAII DIE PRIMO, HUNC PRIMUM LAPIDEM, AULAE
LATOMORUM (ANGLICE FREE AND ACCEPTED MASONS) POSUERIT
HONORATISSIMUS ROB. EDV. DOM. PETRE, BARO PETRE, DE WRITTLE,
SUMMUS LATOMORUM ANGLIAE MAGISTER; ASSIDENTIBUS VIRO
ORNATISSIMO ROWLAND HOLT, ARMIGERO, SUMMI MAGISTRI DEPUTATO;
VIRIS ORNATISSIMIS JOH. HATCH ET HEN. DAGGE, SUMMIS
GUBERNATORIBUS; PLENOQUE CORAM FRATRUM CONCURSU; QUO ETIAM
TEMPORE REGUM, PRINCIPIUMQUE VIRORUM FAVORE, STUDIOQUE
SUSTENTATUM – MAXIMUS PER EUROPAM HONORES OCCUPAVERAT
NOMEM LATOMORUM, CUI INSUPER NOMINI SUMMUM ANGLIAE
CONVENTUM PRAEESSE FECERAT UNIVERSA FRATRUM PER ORBEM*

MULTITUDO E COELO DESCENDIT.

Após a cerimônia de lançamento da pedra fundamental, a companhia de maçons seguiu, em carruagens, até ao “Leatherfellers’ Hall”, onde houve festiva reunião.

A construção do edifício foi bastante rápida, sendo, ele, concluído em pouco mais de um ano. A 23 de maio de 1776, ele era inaugurado e dedicado à Maçonaria, à Virtude, à Caridade Universal e à Benevolência, na presença de uma brilhante assembleia de maçons. Uma ode, escrita por um membro da “Alfred Lodge”, de Oxford, e musicada por um maçom conhecido como dr. Fisher, foi executada, na ocasião, perante muitas senhoras, que, nesse dia, honraram a Sociedade com a sua presença. Uma instrutiva explicação sobre a Maçonaria foi transmitida pelo Grande Secretário, seguindo-se uma magnífica oração, desenvolvida pelo Grande Capelão. Em comemoração a esse acontecimento, tão importante e feliz para a Ordem maçônica, ficou resolvido que o aniversário da cerimônia deveria ser sempre homenageado.

No prédio, localizado à Great Queen Street, passaram a ser realizadas as assembleias anuais e as comunicações trimestrais da fraternidade. E ele foi, também, liberalmente franqueado para o aperfeiçoamento de Lojas e de obreiros.

Os Irmãos da “St. John’s Lodge”, de Newcastle, animados pelo exemplo dado pela metrópole, abriram uma subscrição entre eles, com o propósito de construir, na cidade, uma Loja para os seus trabalhos. E, a 23 de setembro de 1776, era lançada, por Francis Peacock, Master da Loja, a pedra fundamental do Templo. Daí em diante, o exemplo frutificou e as Lojas passaram a fazer reuniões sempre nos templos. É importante esclarecer, todavia – para afastar qualquer conotação religiosa – que, em Maçonaria, o vocábulo templo tem o significado de lugar respeitável, venerável, não se destinando a nenhum culto religioso, pois a Maçonaria, em respeito à liberdade de consciência dos seus membros, não faz distinções religiosas, aceitando, como válidas, todas as religiões embasadas na moral e na ética.

Para a construção da primeira Loja, que seria o arquétipo dos demais, os maçons ingleses basearam-se nos modelos que mais conheciam, básicos da cultura inglesa: as igrejas e o Parlamento britânico, que existe desde o final do século XIII. A orientação e a divisão dos templos tem como base as igrejas, enquanto que alguns compartimentos e a disposição dos

obreiros no recinto tomam, como modelo, o Parlamento.

É evidente que a Loja, como é hoje conhecida, não surgiu de uma só vez, pois ela foi sofrendo influências de diversas correntes filosóficas e místicas – como a astrologia – que lhe acrescentaram, à decoração, símbolos das antigas civilizações e de agrupamentos esotéricos medievais. Um conceito importante, que surgiria, posteriormente, seria o de que a Loja teria, como arquétipo, o primeiro Templo de Jerusalém, que teria sido construído por ordem do rei Salomão, sendo, por isso, chamado de Templo de Salomão^[23]. Isso mostra, ainda, uma certa influência da Ordem dos Templários, cujos estatutos consideravam o Templo de Jerusalém como símbolo das obras perfeitas dedicadas a Deus.

NA FUSÃO DE ANTIGOS E MODERNOS, A ATUAL MAÇONARIA

Em 1813, superadas todas as velhas rixas, os “Antigos” uniam-se aos “Modernos”, constituindo a Grande Loja Unida da Inglaterra (United Grand Lodge of England), que resolveu trabalhar segundo as normas ritualísticas dos “Antigos”. Como consequência dessa união, houve necessidade de alterar a original Constituição de Anderson, principalmente no que se referia à religião e às concepções metafísicas, para acomodar as ideias mais radicalmente religiosas dos autodenominados “Antigos”.

Nessa ocasião, procedeu-se a uma revisão das Constituições de Anderson de 1723, para colocá-la de acordo com muitos dos pontos de vista defendidos pelos “Antigos”, como base do tratado de unificação. No terreno religioso e metafísico, onde houve a mais substancial adaptação, a primeira das Antigas Leis Fundamentais passou a ter a seguinte redação:

Um maçom é obrigado, por seu título, a obedecer à lei moral e, se compreender bem a Arte, nunca será ateu estúpido ou libertino irreligioso. De todos os homens, deve ser o que melhor compreende que Deus enxerga diferente do homem, pois o homem vê a aparência externa, ao passo que Deus vê o coração. Seja qual for a religião de um homem, ou sua forma de adorar, ele não será excluído da Ordem, se acreditar no glorioso Arquiteto do Céu e da Terra e se praticar os sagrados deveres da moral....

Nota-se, assim, que, ao liberalismo e à tolerância religiosa da original compilação de Anderson, sucedia a crença impositiva e, aí sim, marcadamente teísta, na medida em que, além da existência de Deus, já vislumbrada no texto original, estabelecia a sua ação providencial no

mundo. Esse caráter impositivo da crença, desagradou a muitos maçons da época, livres pensadores, que preferiram ater-se ao texto de 1721, considerando que ele já era bastante claro em matéria religiosa e que mostrava uma grande tolerância, que é a característica máxima da doutrina maçônica.

Essa exigência iria ser reafirmada em diversas ocasiões, pela Grande Loja inglesa, principalmente a 4 de setembro de 1929, quando ela publicou um documento, onde relacionava os oito princípios de regularidade, sob o título de “Princípios Fundamentais para o Reconhecimento de Grandes Lojas”, cujo segundo item afirma:

A crença no Grande Arquiteto do Universo (Deus) e em sua vontade revelada, são condições essenciais para a admissão de novos membros.

Na época da fusão das duas Grandes Lojas, o sistema obediencial já havia se espalhado, dando a feição da Maçonaria atual, com Lojas subordinadas a uma Grande Loja – segundo o sistema inglês – ou a um Grande Oriente – segundo o sistema francês – sob a direção de um Grão-Mestre e de uma administração obediencial; hoje, Lojas livres (ou “descobertas”) são consideradas irregulares.

A DOUTRINA MAÇÔNICA

OS NOVOS RUMOS NA ERA MODERNA

Com a transformação da Maçonaria operativa em Maçonaria dos aceitos (ou especulativa), os maçons deixavam de ser construtores no sentido literal da palavra, tornando-se construtores sociais, com o prestígio dado por pessoas influentes no Poder e pelos intelectuais, que, vendo, nas Lojas, um centro de liberdade de pensamento e de expressão, nelas ingressavam, trazendo a sua contribuição científica.

Além disso, como parte de sua faceta esotérica – ou seja: aquilo que é reservado apenas aos iniciados – as Lojas foram admitindo as contribuições de diversas correntes místicas, ou sistemas filosóficos, trazidos por seus praticantes. Surgiram, assim, na Maçonaria dos aceitos, a partir da segunda metade do século XVIII, conceitos místicos e metafísicos desconhecidos dos maçons operativos.

Foi nessa época, portanto, que se fez sentir, na Maçonaria, a presença de conceitos e símbolos das antigas civilizações, da astrologia, da alquimia, da cabala hebraica e do rosacrucianismo. Todas essas influências contribuíram para que fosse armado o conteúdo maçônico, dentro de um continente já existente desde a época da Franco-Maçonaria de ofício, não só no tocante à decoração dos templos, mas, também, no que se refere à linguagem figurada, anagógica, simbólica com que a Maçonaria moderna transmite os seus ensinamentos morais e éticos.

DEFINIÇÃO E PRINCÍPIOS

A definição mais aceita e mais divulgada da Maçonaria – presente, com pequenas alterações, nas Constituições das Obediências – é a seguinte:

A Maçonaria é uma instituição essencialmente iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista. Proclama a prevalência do espírito sobre a matéria. Pugna pelo aperfeiçoamento moral, intelectual e social da humanidade, por meio do cumprimento inflexível do dever, da prática desinteressada da beneficência e da investigação constante da verdade. Suas finalidades supremas são: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Quanto aos princípios gerais da instituição maçônica, eles se alinham da seguinte maneira:

- 1. A Maçonaria sustenta a crença no Grande Arquiteto do Universo;*
- 2. Condena a exploração do homem, os privilégios e as regalias, enaltecendo, porém, o mérito da inteligência e da virtude, bem como o valor demonstrado na prestação de serviços à Ordem, à Pátria e à Humanidade;*
- 3. Afirma que o sectarismo político, religioso, ou racial, é incompatível com a universalidade do espírito maçônico;*
- 4. Combate a superstição, a ignorância e a tirania;*
- 5. Proclama que os homens são livres e iguais em direitos e que a tolerância constitui o princípio máximo nas relações humanas, para que sejam respeitadas as convicções e a dignidade de cada um;*
- 6. Defende a plena liberdade de expressão do pensamento, como direito fundamental do ser humano, admitida a correlata responsabilidade;*
- 7. Considera irmãos todos os maçons, quaisquer que sejam suas raças, nacionalidades, crenças ou convicções;*
- 8. Reconhece o trabalho como dever social e direito inalienável; julga-o dignificante e nobre sob qualquer forma;*
- 9. Sustenta que os maçons têm os seguintes deveres fundamentais: amor à família, obediência à lei e fidelidade e devotamento à Pátria;*
- 10. Recomenda a divulgação de sua doutrina pelo exemplo e pela palavra, combatendo, terminantemente, qualquer recurso à força e à violência, para conseguir qualquer desses objetivos.*

Entretanto, sem prejuízo de suas finalidades educativas e filantrópicas, a Maçonaria é, na realidade, uma instituição político-social, atuando dentro de padrões éticos, consubstanciados na essência sociológica da política, no sentido da manutenção das grandes conquistas sociais da humanidade e da defesa das ideias libertárias.

As grandes transformações sociais da humanidade, desde o século XVII, as quais, em maior ou menor escala, contaram com a participação subterrânea da Maçonaria, demonstram as finalidades político-sociais que determinaram a sua evolução e crescimento. Apesar disso, algumas Obediências maçônicas, negando, à política, um lugar de destaque na evolução social dos povos, rejeitam qualquer escopo político nas atividades

maçônicas, quando o que deve ser rejeitado é o sectarismo político, assim como o religioso.

Essa rejeição, anacrônica, ignora o progresso racional e nega o espírito crítico do homem. A Política, como um ramo das Ciências Sociais, estuda as diversas formas do poder político, bem como sua dinâmica, suas instituições e seus objetivos, mostrando íntima relação com outros ramos da ciência, como a História, a Sociologia, a Filosofia e a Economia. Assim, nenhum homem esclarecido pode se mostrar indiferente à atividade política, assim como nenhuma instituição de cunho social pode pretender proibir debates em torno da política – em seu sentido social amplo e não sectário, ou partidário – já que todas as Constituições, que regem a vida de povos livres, consideram a liberdade de pensamento e de expressão como um direito inalienável do cidadão.

RITOS MAÇÔNICOS

CONCEITUAÇÃO DE RITO E RITUAL

Rito, de maneira geral, é o cerimonial próprio de um culto, ou de uma sociedade, determinado pela autoridade competente; é a ordenação de qualquer cerimônia e, por extensão, designa o culto, a seita, a religião.

Embora não existam, entre os diversos agrupamentos maçônicos, diferenças palpáveis em relação à doutrina, à simbologia, à filosofia e à ideologia, o certo é que, em relação a ritos, ocorrem diferenças flagrantes, motivadas por: interpretação diferente de fatos históricos; diferentes análises do esoterismo básico de muitas práticas maçônicas; influências religiosas, políticas e sociais; e até por situação geográfica.

Assim, sempre existiram dezenas de ritos maçônicos – muitos deles já extintos – o que não demonstra, como pretendem alguns críticos dessa pluralidade, uma divisão, ou um enfraquecimento da união maçônica. Muito pelo contrário, isso sugere, muito mais, a grande riqueza intelectual, moral e espiritual da ciência maçônica, que possibilita diversas correntes de pensamento, as quais, muitas vezes díspares e aparentemente conflitantes, convergem sempre, sem qualquer incoerência, para um ponto comum a todos os agrupamentos maçônicos.

A Igreja, que é tão ciosa de suas tradições, também possui mais de duas dezenas de ritos diferentes, dos quais a maioria – dezenove – está na Igreja Oriental ; a Ocidental, com menor número, tem, como seus ritos principais, o Romano, o Ambrosiano e o Moçarábico. Isso, todavia, não interfere nas suas diretrizes doutrinárias, que são comuns a todos os ritos. O mesmo ocorre na Maçonaria.

Ritual é tudo o que é relativo a rito, ou que contém ritos. É, também, o livro que contém a ordem e a forma das cerimônias, sejam religiosas, ou não, com as palavras, ou, também, com as orações que as devem acompanhar. Por extensão, o vocábulo aplica-se a qualquer cerimonial, ou a um conjunto de regras a seguir ; por essa definição, até atos diários da vida de uma sociedade, ou de um ser humano específico, que se repetem sempre da mesma maneira, são formas de um ritual, pois formam um conjunto de regras, consagradas pelo uso.

Em Maçonaria, o cerimonial próprio de cada rito é o seu ritual. Este termo, na atualidade, designa, na realidade, o livro que contém a ordem e a forma das cerimônias; isso nem sempre aconteceu, pois, primitivamente, o

conjunto de regras, que deviam ser seguidas durante os trabalhos maçônicos, era transmitido oralmente e devia ser totalmente decorado pelos obreiros. Essa prática, além de resguardar o sigilo maçônico – já que um ritual escrito pode cair em mãos de não iniciados – ainda contribuía para que os rituais permanecessem imutáveis, sem as contribuições deletérias de fantasistas e inventores.

ALGUNS DOS PRINCIPAIS RITOS

De todos os ritos que ainda são praticados – alguns em áreas tão restritas, que podem ser ignorados – alguns merecem uma abordagem, pela sua importância na História e no desenvolvimento da Maçonaria. Embora o rito mais praticado no mundo – porque é adotado pelos locais com maior número de Lojas e obreiros: Inglaterra e Estados Unidos – seja o Rito de Emulação, ou de York, também chamado de Rito Inglês, o mais conhecido do público em geral, ou seja, dos não iniciados, é o rito que introduziu os Altos Graus maçônicos, acima do de Mestre Maçom: o chamado Rito Escocês Antigo e Aceito, que, de escocês só tem o nome, pois não tem ligação com a Escócia, a não ser indiretamente. Quando se fala, por exemplo, em grau 33, o público mais ilustrado sabe que a referência é à Maçonaria e que esse é o seu mais alto grau ; e o sistema dos 33 graus é típico do Rito Escocês Antigo e Aceito, o mais praticado em todos os países latinos, inclusive no Brasil.

O Ritual de Emulação, ou conhecido no Brasil, Rito de York, considera-se o cultor da pura Maçonaria, pois não pratica Altos Graus, como afirma a Grande Loja Unida da Inglaterra. Ele tem, todavia, além dos três graus simbólicos – comuns a todos os ritos – uma quarta etapa, denominada “Holy Royal Arch” (Santo Arco Real) , que é considerada, pela Grande Loja, “uma extensão do mestrado”. Já nos Estados Unidos, o rito acabou adquirindo outros graus além desse. Nascido sob a égide da Igreja Anglicana, é considerado o mais teísta dos ritos maçônicos e ficou plenamente estabelecido após a fusão das Grandes Lojas dos “Modernos” e dos “Antigos”, em 1813, quando a Grande Loja Unida da Inglaterra, resultado da fusão, resolveu trabalhar de acordo com o ritual dos “Antigos”.

O Rito Escocês Antigo e Aceito, que teve os seus primórdios na França e a sua maioria nos Estados Unidos, é o rito que, a partir de 31 de maio de 1801, com a criação de seu primeiro Supremo Conselho, em Charleston, na Carolina do Sul (EUA), estabeleceu a escala dos trinta e três graus. Mesmo nos locais onde o rito praticado é o de York – como nas

Grandes Lojas norte-americanas – o obreiro, depois dos graus simbólicos do rito dominante, pode cursar os Altos Graus do Rito Escocês, do 4º ao 33º. Dessa maneira, ele é o rito mais difundido no mundo.

Tem o título de “Escocês”, embora nascido na França, porque o seu sistema começou a surgir com os Stuarts ingleses, apeados do trono da Inglaterra e refugiados na França, em duas oportunidades, durante o século XVII (1649 e 1688). Como “escocês” era o epíteto aplicado aos partidários dos Stuarts, originários da Escócia, o rito acabou adquirindo o título. Tendo origem stuartista, é um rito de inspiração católica – e, obviamente, também teísta – embora aceite pessoas de qualquer religião, desde que creia em Deus, o Grande Arquiteto do Universo.

O Rito Francês, ou Moderno, foi reconhecido pelo Grande Oriente da França, em 1773. A partir de 1786, quando um projeto de reforma, estabelecendo os sete graus do rito, em contraposição ao emaranhado de graus da época, ele teve grande impulso. Isso fez com que ele se espalhasse por toda a França, pela Bélgica, pelas colônias francesas e pelos países latino-americanos sob influência da cultura francesa.

Em 1877, passou por grande reforma doutrinária, que suprimiu a obrigatoriedade da crença em Deus e na imortalidade da alma, não como afirmação de ateísmo, mas por respeito à liberdade religiosa e de consciência, considerando que as concepções religiosas de alguém são de foro íntimo; isso foi causa de rompimento com a Grande Loja Unida da Inglaterra. Hoje em dia, porém, pelo menos na França, o rito tem abandonado um pouco essa posição.

O Rito Sueco, praticado na Suécia, Alemanha e alguns países vizinhos, é um rito de doze graus e eminentemente cristão, constando que tenha sido criado pelo rei Gustavo III, que assumiu o trono, em 1722, após um golpe de Estado. Em 1777, o rito já estava organizado e definitivamente constituído.

Ele se distingue por ter um caráter religioso muito marcante, o qual se reflete em todos os seus graus, principalmente nos nove Altos Graus. O 12o. grau do rito, Mestre Reinante, não é conferido a ninguém, sendo reservado, apenas, ao rei da Suécia.

O Rito Schroeder, praticado na Alemanha, nos países vizinhos e em algumas regiões da América do Sul, foi criado por Friedrich Ludwig Schroeder, que, ao lado de Fessler, foi um dos reformadores da Maçonaria alemã. O rito foi introduzido por Schroeder, em sua Loja, “Absalom zu den

dreis Nesselns”, a 20 de junho de 1801 e, desde logo, conquistou numerosas Lojas em toda a Alemanha e em outros países, onde passou a ser praticado, principalmente, por maçons de origem alemã.

O Rito Schroeder é belo e simples, trabalhando apenas na chamada “pura Maçonaria”, ou seja, a dos três graus simbólicos – Aprendiz, Companheiro e Mestre – já que não possui Altos Graus.

O Rito Adonhiramita surgiu em 1782, na França, e foi organizado através da publicação do “Recueil Précieux de la Maçonnerie Adonhiramite” (Compilação Preciosa da Maçonaria Adonhiramita), de Louis Guillemain de Saint-Victor. Essa compilação envolvia os quatro primeiros graus e foi complementada, em 1785, por uma compilação complementar de Altos Graus, a qual deu a feição definitiva ao rito.

O rito, que tem uma escala total de treze graus, depois de uma época de grande difusão, acabou desaparecendo, inclusive em seu país de origem, e, hoje, só é praticado no Brasil, onde tem sido bastante incrementado, depois de sofrer algumas alterações.

O Rito Brasileiro, surgido e praticado no Brasil, tem sua existência legal a partir de 23 de dezembro de 1914, pelo Decreto nº 500, do então Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil, senador Lauro Sodré. Depois o rito desapareceu, ressurgiu em 1940 e voltou, praticamente, a desaparecer em 1962, até que foi reintroduzido, em 1968, pelo então Grão-Mestre, prof. Álvaro Palmeira, através do Decreto No. 2.080.

O Rito, amplamente decalcado no Rito Escocês Antigo e Aceito – inclusive com os trinta e três graus deste – teve grande crescimento, no país, chegando à condição de segundo mais praticado.

O Rito Nacional Mexicano é praticado no México, América Central e sul dos Estados Unidos, nas áreas com forte presença de imigrantes hispano-americanos. Ele surgiu para por fim à desordem que reinava nos Ritos de York e Escocês, no México, tendo sido aprovado e adotado pela Assembleia especificamente designada para organizar a reforma ritualística, a 22 de agosto de 1825, sendo, em seguida, instalada a primeira Grande Loja do rito. Além dos três graus simbólicos, o Rito Mexicano possui seis Altos Graus, num total, portanto, de nove.

O Rito de Memphis-Misraim, pouco difundido, é praticado em algumas regiões da Europa e da América do Sul. Resultou da fusão, levada a efeito em 1881, por Garibaldi, dos ritos de Misraim e de Memphis. O Rito de Misraim foi constituído em Veneza, em 1788; o Rito de Memphis foi

constituído em Montauban, em 1815, por maçons que haviam participado da missão no Egito, com Napoleão Bonaparte.

O rito possui noventa e cinco graus, os quais devem ser considerados como um repositório dos velhos graus maçônicos, pouco ou nada praticados, e não como uma escala de valores, tanto que poucos são praticados – até ao 33° – sendo, os mais altos, simplesmente honoríficos.

OS INSTRUMENTOS DA MAÇONARIA

NA ESCALADA INICIÁTICA, O APERFEIÇOAMENTO

Estruturada, pelo menos esotericamente – tomado, o termo esotérico, no sentido daquilo que é reservado apenas aos iniciados – com base nas antigas instituições iniciáticas, como, por exemplo, o mitraísmo persa e os chamados “mistérios de Elêusis” do culto grego da deusa Demeter^[24], a Maçonaria moderna organiza a sua doutrina e os seus ensinamentos, em uma escala crescente, através dos graus.

Embora existam, entre os muitos ritos maçônicos hoje praticados, alguns que possuam sistemas de Altos Graus – o mais famoso é o do Rito Escocês Antigo e Aceito, com os seus trinta e três graus – a Maçonaria Simbólica, dita tradicional, ou “pura Maçonaria”, admite três graus: Aprendiz Maçom, Companheiro Maçom e Mestre Maçom.

Os três graus, ditos simbólicos, ou do simbolismo, representam a vinda do iniciado das trevas do Ocidente e a sua caminhada em direção ao Oriente, onde o Sol nasce e a Luz reina, primeiramente como Aprendiz, no Norte, depois como Companheiro, no Sul e, finalmente, como Mestre, no Oriente^[25]. Convém esclarecer que a Loja representa uma seção da superfície terrestre, estendendo-se, simbolicamente, do Oriente ao Ocidente, do Norte ao Sul e do Zênite ao Nadir; por isso o iniciado vai tomando, em Loja, lugares compatíveis com a sua colocação na escala. Convém esclarecer, também, que, para a Maçonaria, essa Luz não é a luz física, proveniente de corpos materiais, mas, sim, a Luz da Ciência, do Progresso e do Conhecimento.

Aprendiz é aquele que, iniciado em uma Loja maçônica, se encontra na fase de aprendizado, inerente ao primeiro grau; ele é o neófito, o “recém plantado”, segundo a etimologia da palavra. A iniciação maçônica, simbolicamente, mostra que o neófito, vindo das trevas, caminha em busca da luz; ela representa a morte física do candidato e o seu renascimento num plano superior. Vindo, portanto, das trevas do Ocidente, ele, em sua escalada, caminha, simbolicamente, para o Oriente, onde brilha a verdadeira luz.

Esse simbolismo da caminhada em direção à luz tem sua origem nos mitos solares da antiguidade, presentes entre os sumérios (com o deus Shamash), os egípcios (com Osíris), os persas (com Mitra), os gregos e os

romanos (com Apolo). De maneira geral, esses mitos seriam assimilados, em maior ou menor escala, pelas atuais religiões, inclusive o cristianismo, ao identificar sua festa maior com um costume do mitraísmo. Como os adeptos do mitraísmo cultuavam o deus da luz e do Sol (Mitra), eles promoviam, na noite de 24 para 25 de dezembro, a solenidade que, no mitraísmo romano, era chamada de “Natalis Invicti Solis” (nascimento do Sol vitorioso); como essa é, no hemisfério norte, a noite mais longa e fria do ano, eram, durante ela, oferecidos sacrifícios propiciatórios pela volta da luz do Sol e do calor. O cristianismo, com base nessa prática, fixou, simbolicamente, na madrugada de 25 de dezembro, o nascimento de Jesus, identificando-o com a luz do mundo.

Além disso, o sistema maçônico mostra outros pontos de contato com o misticismo das antigas civilizações, em relação ao grau de Aprendiz: no mitraísmo, existiam sete graus de aperfeiçoamento espiritual; e o primeiro, segundo o mitraísmo romano, era o Corax (corvo), porque o corvo era o servo do Sol e porque pode imitar a fala, mas não criar ideias próprias, sendo, assim, mais um ouvinte do que um participante ativo; nos “Mistérios de Elêusis”, os iniciados que se encontravam no primeiro grau, os Mistos, recebiam ensinamentos relativos à vida após a morte, no mundo astral – intermediário entre o material e o espiritual – e instruções sobre a evolução do homem na Terra e sobre a cosmogonia (formação do Universo), tanto do ponto de vista místico quanto do científico; no pitagorismo – das escolas filosóficas de Pitágoras^[26] – que era, ao mesmo tempo, filosófico, religioso e político, como movimento de reforma do orfismo, antiga religião grega, existiam três categorias de iniciado. A primeira, constituída pelos neófitos, era a dos Ouvintes, que participavam das reuniões, mas guardavam absoluto silêncio, numa fase em que, durante dois anos, limitavam-se a ouvir e aprender.

Os pontos de contato são evidentes, já que, em Maçonaria, o Aprendiz, simbolicamente, é uma criança, que não sabe falar, limitando-se a ouvir e aprender. Essa etapa tem uma duração variável, prevista nos estatutos das Obediências maçônicas; normalmente, é de um ano.

O trabalho material simbólico do Aprendiz Maçom é desbastar a pedra bruta, informe, para transformá-la numa pedra polida cúbica – como faziam os canteiros medievais – já que o cubo é o sólido geométrico fundamental para as construções, pois é o único que, com outros iguais, se encaixa, perfeitamente, sem deixar espaços, na ereção das paredes de um edifício. Do ponto de vista místico, todavia, esse desbastamento simboliza o

aperfeiçoamento material, intelectual e espiritual do Aprendiz.

Companheiro é aquele que está colado no segundo grau da Maçonaria Simbólica. Histórica e doutrinariamente, o grau de Companheiro é o mais importante da Maçonaria, já que ele representava o ponto mais alto da escalada profissional, nas organizações de ofício. Nestas – englobadas, como já foi visto, sob o rótulo de Maçonaria Operativa – assim como no início da Maçonaria dos Aceitos (ou Especulativa), só existiam os Aprendizes e Companheiros. Mestre (Master) era o mestre-de-obras, sempre escolhido entre os Companheiros mais experientes. Historicamente, ele é, portanto, o mais legítimo grau maçônico, por mostrar o obreiro já formado profissionalmente.

Os “Mistérios de Elêusis” possuíam um segundo grau, o dos Eoptas, que recebiam mais profundas instruções sobre a origem do universo e do homem, sobre o domínio da mente e sobre a alta espiritualidade; o símbolo do grau era uma espiga de trigo, que, além de representar a fartura, aludia, também, à renovação sempre constante da natureza, através das mortes e das ressurreições, como no ciclo imutável dos vegetais. O grau de Companheiro Maçom, evidentemente, nada tem a ver com os Eoptas, mas existem algumas influências esotéricas, como a espiga de trigo, que também é um símbolo importante desse grau maçônico.

Nas escolas pitagóricas, o segundo grau era o dos Matemáticos, que, saídos da condição de Ouvintes, já colocavam em prática o cerne da doutrina pitagórica, descobrindo as correspondências entre as ciências.

A palavra Companheiro é de origem latina, derivada da expressão CUM PANIS, onde cum é a preposição com e panis é o substantivo masculino pão, significando, então, participantes do mesmo pão.. Nos idiomas originários do latim, a expressão deu origem aos vocábulos Compagnon (francês), Compagno (italiano), Compañero (espanhol), além de Companheiro, em português. Nos lugares de fala inglesa, o Companheiro é o Fellow e, para os alemães, é Gesell.

Se o trabalho do Aprendiz é o material, o Companheiro, mais aperfeiçoado, dedica-se ao trabalho intelectual, para chegar à realização da Pedra Cúbica. O grau é uma exaltação ao trabalho, em todas as suas formas.

Mestre Maçom é aquele que atingiu o ponto máximo, o acme, da escalada iniciática. Esse grau não existia entre as corporações profissionais (franco-maçons operativos) e nem no início da Maçonaria dos Aceitos; embora tendo sido criado em 1724, só seria efetivamente introduzido em

1738, mais de vinte anos, portanto, após a criação da primeira Obediência maçônica, a Premier Grand Lodge, de Londres.

No pitagorismo, o terceiro grau era o dos Físicos, que se entregavam ao estudo dos mistérios da natureza e da vida interior do homem, já que Física, na época, era uma ciência que tratava da filosofia natural, do estudo da natureza.

Ao Mestre cabe o trabalho espiritual, determinado, com clareza, na missão que lhe compete de espalhar a Luz, de reunir o que está disperso, de partir do simples para o composto, da causa para o efeito, do princípio para as consequências. Consagrado à firmeza do caráter e à Moral intransigente, o grau de Mestre liberta o iniciado das paixões, dos preconceitos e das convenções sociais, para que possa, com plena consciência do seu dever, pesquisar e procurar a Verdade. Morrendo, simbolicamente, para os vícios, para os erros e para as fraquezas humanas, o Mestre renasce, com espírito limpo e puro, no Amor, que dá energia, na Virtude, que engrandece, e na Verdade, que dignifica, para que possa, cumprindo o seu dever de iniciado, que conheceu a Verdadeira Luz, dar o seu quinhão de trabalho, em benefício da humanidade em geral.

Todas as lições embutidas no grau de Mestre convergem para um ponto comum, através de uma lenda do terceiro grau^[27], a qual mostra o milagre da ressurreição, como o Sol que renasce, todos os dias, no Oriente, como os vegetais, que, em seu ciclo eterno e imutável, renascem, anualmente, e como a lendária Fênix^[28], que renascia das próprias cinzas.

NOS SÍMBOLOS E ALEGORIAS, A LINGUAGEM CIFRADA

Para conseguir os objetivos de sua doutrina, é que a Maçonaria usa uma linguagem velada: a linguagem dos símbolos, dos emblemas, das alegorias e metáforas, presentes em seus templos e em seus rituais.

Alegoria (do grego: *allegoría*) designa a expressão de uma ideia, por uma sucessão de imagens diferentes daquilo que se quer exprimir. A lenda do terceiro grau, por exemplo, é uma alegoria moral.

Emblema (do grego: *émblema* = ornato em relevo, pelo latim: *emblema*) é a figura simbólica, a insígnia, o símbolo, a alegoria. É um símbolo, ou uma alegoria, que se caracteriza por ser fixo e de fácil entendimento: a pomba, como emblema da paz, a raposa, da astúcia, o leão, da nobreza, o coelho, da velocidade, a tartaruga, da lentidão, etc. . Um

emblema maçônico muito conhecido e que, para o público, identifica a Maçonaria é o conjunto de esquadro e compasso entrelaçados, com a letra “G”, de Geometria, no espaço entre os dois instrumentos.

Símbolo (do grego: symbolon, pelo latim: symbolum) é a figura, marca, ou objeto, que tenha significado convencional; é o sinal, o indício, a divisa. Os símbolos maçônicos nada mais são, na realidade, do que a expressão da linguagem velada com que a Maçonaria transmite, aos iniciados, as lições de moral, de ética e de alta espiritualidade, que fazem parte de sua doutrina.

Os símbolos maçônicos, de maneira geral, são os instrumentos, ou as figuras, ligados à arte da construção, mas também existem aqueles ligados à natureza e ao cosmo, através de plantas, animais e corpos celestes; e tanto podem ter uma interpretação emblemática, mais fixa e de mais fácil entendimento, como uma interpretação mística e, portanto, hermética e esotérica. Os principais símbolos maçônicos, com os seus significados mais correntes, são:

Esquadro – é o símbolo da retidão do caráter, da equidade; do ponto de vista místico, simboliza a materialidade humana.

Compasso – é o símbolo da Justiça, pela qual devem ser medidos todos os atos dos homens; no terreno místico, simboliza a espiritualidade e o conhecimento do Homem.

Malho – é o símbolo da força do caráter, a serviço da razão e da inteligência; do ponto de vista místico, simboliza o espírito atuando sobre a matéria, para a concretização das grandes obras do espírito humano.

Cinzel – simboliza a razão e a inteligência (servidas pela força do caráter, representada pelo malho); no terreno místico, representa a matéria sobre a qual atua o espírito (o malho), para esquadrear a pedra bruta (que é o aperfeiçoamento espiritual do Homem).

Alavanca – é o símbolo da firmeza do caráter; representa, também, o espírito humano, que promove a ascensão do Homem.

Nível – simboliza a igualdade que deve existir entre todos os homens, principalmente entre os maçons; mostra, também, que os homens são nivelados pela morte e que o espírito humano não reconhece privilégios de nascimento, ou de classes sociais.

Prumo ou Perpendicular – é o símbolo da profundidade do conhecimento, do equilíbrio, da estabilidade; simboliza, também, o espírito na profundidade da matéria.

Régua – simboliza a lei, a ordem e a inteligência, que devem comandar os atos dos homens; representa, também, a limitação material do Homem.

Cinzel + Malho – simbolizam, em conjunto, a sabedoria.

Compasso + Régua – simbolizam, em conjunto, a lei moral.

Régua + Alavanca – simbolizam, em conjunto, o respeito à lei.

Régua + Esquadro – simbolizam, em conjunto, a criação de uma ética.

Pedra Bruta – símbolo do homem (Aprendiz) imperfeito.

Pedra Cúbica (polida) – símbolo do homem aperfeiçoado, espiritualmente.

Trolha – simboliza a concórdia, a união e a fraternidade[\[29\]](#).

Círculo – é o símbolo universal da totalidade, da eternidade, da harmonia universal; representa a perfeição divina e a perpetuidade de Deus.

Avental – é o símbolo do trabalho, que honra e dignifica o Homem[\[30\]](#).

Sol – é o símbolo da luz da razão, do intelecto.

Lua – simboliza a imaginação.

Olho – simboliza o Sol[\[31\]](#).

Estrela Pentagonal – a estrela de cinco pontas, quando com a ponta isolada para cima, simboliza as qualidades espirituais do Homem – nela se inscreve a figura de um homem – o Fogo, o universo inteligível. É chamada de Estrela Hominal dos pitagóricos. Quando com a ponta isolada para baixo, simboliza a animalidade e materialidade do Homem – nela se inscreve a figura de um bode, símbolo da animalidade – a Água, o universo sensível.

G (letra) – simboliza a Geometria[\[32\]](#).

Espada reta – simboliza o raio de luz, o influxo espiritual.

Espada Flamejante (ondulada) – simboliza o fogo do céu, a criação[\[33\]](#).

Luvas brancas – simbolizam a pureza de sentimentos, a lealdade, a franqueza.

Acácia – símbolo da iniciação e da imortalidade da alma; representa a busca incessante para descobrir o mistério da morte e o segredo da imortalidade.

Chave – é o símbolo da iniciação e do saber; nas antigas iniciações, recordava, aos candidatos, a obrigação do silêncio.

Delta – é o triângulo equilátero que simboliza a divindade[\[34\]](#).

Galo – simboliza a atividade e a consciência de vigília e está relacionado com a morte e a ressurreição; também um dos símbolos da iniciação, o seu canto saúda a nova aurora, a nova vida (de iniciado).

Leão – é o símbolo da força e do princípio masculino, da divindade e da força solar, estando ligado ao elemento terra, assim como o leão alado está ligado ao elemento fogo.

Águia – simboliza a força, o poder, o Sol, a capacidade de investigação, o gênio. Na Antiguidade, foi usada para representar a glória e a majestade real; presente em diversas mitologias, é, no cristianismo, o mensageiro celeste, que simboliza a subida das orações a Deus.

Iôd (letra hebraica) – simboliza o espírito, o princípio fecundante. É a décima letra do alfabeto hebraico e a primeira do tetragrama que compõe o nome impronunciável de Deus – iôd, hé, vav, hé – sendo, portanto, uma representação de Deus.

Alfa e Ômega – primeira e última letra do alfabeto grego, respectivamente, simbolizam o princípio e o fim de todas as coisas.

Pão e água – simbolizam, respectivamente, desde as remotas civilizações, o alimento do corpo e o alimento do espírito; a presença de um pedaço de pão junto a um jarro d'água, significa que, se o alimento do corpo é importante, tão ou mais importante do que ele é o alimento do espírito.

Colunas das ordens jônica, dórica e coríntia – simbolizam, respectivamente, a Sabedoria, a Força e a Beleza[\[35\]](#).

Triângulo isósceles – é o triângulo com dois lados iguais. Com o ápice voltado para cima, simboliza o ternário masculino, evolutivo, e representa o anseio

do espírito em se libertar da matéria. Com o ápice voltado para baixo, representa o ternário involutivo, ou feminino; ou seja, o princípio espiritual penetrando e vivificando a matéria.

Abelha – é o símbolo da obediência e da diligência no trabalho.

Candelabro – simboliza a luz espiritual; o candelabro de sete braços, o mais importante, representa a luz dos sete planetas da antiguidade.

Crânio ou caveira – simboliza o caráter transitório e perecível da vida humana; mostra que todos os homens são iguais perante a morte e como são vãs e fúteis as convenções sociais, as distinções de casta e as discriminações.

Escada – simboliza a ideia de ascensão, graduação e comunicação entre diversos planos da consciência ou planos existenciais.

Lâmpada – símbolo universal do espírito e da inteligência.

Mel – simboliza o processo de renascimento ou de mudança da personalidade, em consequência de uma iniciação. Passado nos lábios, em certos rituais, significa que a boca só deve pronunciar palavras doces, pois as amargas ferem e ofendem.

Louro – simboliza a glória, o triunfo, a vitória; na Grécia antiga era planta consagrada a Apolo, o deus da Luz.

Pelicano – é o símbolo da abnegação e do sacrifício em benefício do próximo, graças à lenda segundo a qual essa ave dilacera o próprio peito, para alimentar a prole^[36].

Oliveira – é o símbolo da paz e da vitória; na Grécia antiga, era árvore consagrada a Atená (a Minerva romana) e a Zeus (o Júpiter romano).

Serpente – é o símbolo universal da energia e da força; também representa a sagacidade.

Cão – é o símbolo universal da fidelidade.

Trono – é símbolo de unidade, síntese e estabilidade.

Vela ou círio – a chama da vela está ligada à simbologia geral do fogo e da luz. O tocheiro, ligado à mesma simbologia, é emblema da verdade e do poder solar, simbolizando a purificação pela iluminação.

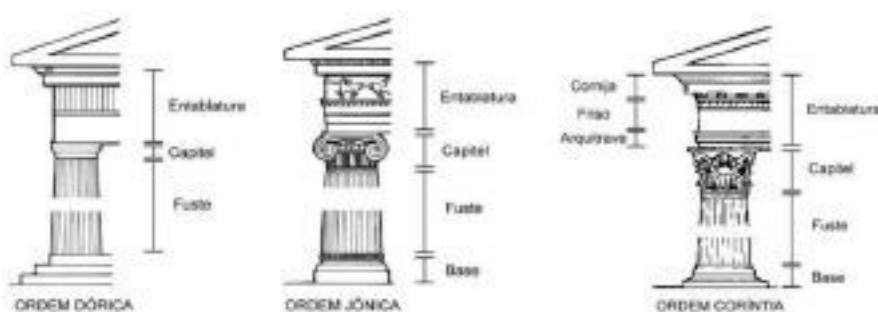
Estrela Hexagonal (de seis pontas) – formada pela junção de dois triângulos equiláteros opostos pelo vértice, é um antigo símbolo do matrimônio perfeito: duas figuras diferentes (os dois triângulos), que se unem para formar uma terceira figura (a estrela), sem que cada um perca a sua individualidade (como ocorre na procriação). No plano místico, simboliza o equilíbrio entre o espírito e a matéria, pois o triângulo de ápice superior representa o espírito, enquanto que o de ápice inferior simboliza a matéria.

Rosa – simboliza o desenvolvimento do espírito e está associada à ideia e regeneração, fecundidade e pureza.

Cruz – o significado arquetipal da cruz é sempre o da conjunção dos opostos: o eixo vertical (masculino) e o eixo horizontal (feminino); o positivo e o negativo; o dia e a noite; a vida e a morte; o Sol e a Lua; e etc. Esse antagonismo está na raiz da existência, já que tudo, no universo, desenvolve-se a partir de forças antagônicas.

Rosa + Cruz – esse conjunto é o símbolo da regeneração universal^[37].

Romã – simboliza a união de todos os homens, independentemente das separações por limites geográficos ou fronteiras políticas. Em Maçonaria, especificamente, os grãos da romã, em grupos separados, uns dos outros, por tênue película, representam os maçons, que, independentemente da separação por Obediências e por nações, encontram-se unidos pelos laços da fraternidade, no mundo todo, representado pela romã inteira.



AS TRÊS ORDENS ARQUITETÔNICAS GREGAS

A MAÇONARIA E A ASTROLOGIA

O TEMPLO MAÇÔNICO

NO TEMPLO DE JERUSALÉM, UM ARQUÉTIPO INDIRETO

Embora, como já foi esclarecido, a Loja tenha tomado, como modelos, as igrejas e o parlamento britânico, surgiu, posteriormente, com base na doutrina dos templários, a qual considerava o santuário hebraico como símbolo das obras perfeitas dedicadas a Deus, o conceito de que ele tomara, como arquétipo, o primeiro Templo de Jerusalém, o de Salomão.

Alguns consideram as igrejas – como muitos outros templos religiosos – baseadas, em sua orientação e divisão, no Templo de Salomão, o que faz com que o conceito possa ser parcialmente verdadeiro, mas por via indireta. As igrejas, pelo menos até em épocas recentes, com o eixo Oriente-Occidente como o principal e dividida em três partes principais – altar-mór, presbitério e nave – lembram a orientação do Templo de Jerusalém e a sua divisão em três partes principais: Santo dos Santos, Santo e pátio externo.

Essa divisão e orientação já vinham desde a época do tabernáculo, o Templo móvel, que era armado no deserto, durante o êxodo, quando os hebreus, saídos do Egito, dirigiam-se à Palestina. Eles haviam se instalado no Egito, por volta de 1700 a. C., na época em que o país foi dominado pelos hicsos, povo de origem semita, que ali permaneceu de 1750 a. C. a 1580 a. C., quando foi suplantado pelos faraós tebanos. Os hebreus, todavia, só conseguiram sair do Egito por volta de 1300 a. C. , quando, finalmente, sob o comando de Moisés, auxiliado por seu irmão Aarão, tomaram o rumo da Terra Santa. Os relatos bíblicos mostram todas as peripécias e dificuldades que precederam o êxodo, a obstinação do faraó – Ramsés II – e a predestinação de Moisés.

NO TABERNÁCULO, A ORIGEM

Seguindo as instruções divinas, que teria recebido no monte Horeb, na península do Sinai, Moisés mandara armar o tabernáculo (em hebraico: suká = tenda), para conter a Arca da Aliança, com as Tábuas da Lei, e para o culto religioso.

Para isso, era delimitado, no solo desértico, um espaço de 100 côvados de comprimento por 50 de largura, o que dá, aproximadamente 50 metros por 25; esse espaço era cercado por sessenta postes, aos quais se

prendia uma cortina, cuja abertura de entrada era no setor oriental. Em terreno aberto, encontravam-se a mesa para os sacrifícios cruentos de animais e a bacia de bronze para as abluções sacerdotais[38]. No fundo, na parte ocidental, encontrava-se o tabernáculo, a tenda, composta por quatro tendas sobrepostas – simbolizando os quatro elementos – e dividida, internamente, em duas partes. A parte anterior tinha dez metros de comprimento, por cinco de largura e cinco de altura; e a posterior, a mais íntima de todo o Templo móvel, era um cubo com cinco metros de aresta, ou seja, cinco de comprimento, de largura e de altura.

A tenda maior era o Santo (em hebraico: kodesh) e, nela, encontravam-se: à entrada a mesa dos perfumes, onde eram queimadas ervas e resinas aromáticas (incenso, bálsamo, mirra), cuja fumaça, em ascensão, simbolizava, desde tempos mais remotos, o pensamento da comunidade, dirigido a Deus, em suas preces; à direita, ou seja, ao Norte, encontrava-se a mesa dos pães propiciais, com doze pães ázimos[39], que simbolizavam, no plano físico, as doze tribos de Israel e os ventos setentrionais, que, trazendo as chuvas, vivificam as plantações, enquanto que, no plano místico, simbolizavam os doze signos zodiacais; à esquerda, ao Sul, estava o candelabro de sete braços (em hebraico: menorá), simbolizando a luz dos astros, vinda do sul, e os sete planetas conhecidos na Antiguidade.

A tenda menor era o Santo dos Santos (em hebraico: kodesh ha kodashim) e continha a Arca da Aliança, a urna do maná e a vara florida de Aarão[40]. Esta era a parte mais íntima e transcendental do Templo, à qual só tinha acesso, uma vez por ano, no Dia da Expição, ou Dia do Perdão (em hebraico: Ion Kipur), que ocorre dez dias após o primeiro dia do ano hebraico (em hebraico: Rosh Hashaná), o sumo sacerdote do culto (em hebraico: Cohen Gadol).



O TABERNÁCULO

Construído pelos hebreus, por ordem de Moisés, segundo orientações do próprio YHWH, o Tabernáculo foi a morada da Arca da Aliança até a construção definitiva do Templo em Jerusalém.

NO TEMPLO, ALGUMAS DIFERENÇAS

O primeiro Templo de Jerusalém, o de Salomão, concluído no final do século X a. C. , tinha poucas diferenças em relação ao tabernáculo: o mar de bronze, bem maior do que a bacia para as abluções sacerdotais, o altar dos holocaustos mais trabalhado, dez candelabros, ao invés de um só, no Santo dos Santos, e, à entrada deste, no pórtico, duas colunas, de grande altura e, como as colunas egípcias, sem função de sustentação: Jachin, a da direita e Boaz, a da esquerda, que imitavam as grandes colunas, consagradas aos ventos e ao fogo, da entrada do Templo de Melkarth, em Tiro.

A obra, por sinal, era exclusivamente fenícia, pois não há nenhum especialista que a considere um produto do estilo arquitetônico hebreu, que nunca existiu. Como nos mostra a arqueologia, os fenícios desenvolveram um modelo adequado para a construção de edifícios públicos, caracterizado por um átrio de grandes dimensões, cercado por colunas. Se o edifício fosse destinado a funções mundanas, seus três lados restantes eram cercados de aposentos, aos quais se tinha acesso através de uma sala central de audiências, que formava o enorme átrio característico dessa obra. Se o prédio fizesse parte de um templo, o átrio passava a ter apenas funções decorativas e era através dele que se chegava a uma porta intermediária, que conduzia à sala sagrada, dividida em três setores. Foi este segundo modelo que foi aplicado na construção do Templo de Salomão.

Salomão, que havia ficado impressionado com o aspecto arquitetônico do Templo de Melkhart, encarregou o rei de Tiro, Hiram, de construir o Templo de Jerusalém em linhas semelhantes, inclusive com as colunas do átrio. Heródoto cita o fato de que o Templo de Melkhart tinha sido adornado com duas dessas colunas, “uma de puro ouro e outra de esmeralda, que brilhavam feericamente à noite”. Esse mesmo gênero de coluna é encontrado num templo dedicado a Baal, na ilha de Chipre. Como o estilo arquitetônico fenício apresentava fortes influências egípcias, os ornamentos que cobriam as colunas tinham, provavelmente, origem no acervo arquitetônico dos egípcios.

Também em Megido, Hazor e outras localidades palestinas, que podem ser situadas na época de Salomão, encontrou-se, nos mesmos níveis arqueológicos, uma decoração arquitetônica tipicamente fenícia, com pilastras embutidas, coroadas com uma espécie de capitel proto-eoliano, representando, provavelmente, cabeças de carneiro estilizadas. Esse tipo de capitel seria, posteriormente, copiado dos fenícios, pelos gregos da Jônia, constituindo a origem da ordem jônica.

O estilo geral da construção apresentava, então, com certeza, influências fenícias e egípcias. É possível imaginar o seu conjunto como o de um templo egípcio, com o pilono de entrada ladeado por dois obeliscos – substituídos, aí, por colunas – mas concebido à moda da arquitetura fenícia. O Templo todo, que se encontrava no interior do cinturão que protegia o palácio de Salomão, era rodeado por um grande muro, com três fileiras de pedras, encimadas por vigas de cedro. Neste muro foram abertas duas portas, uma dando para a cidade, a oeste, e outra comunicando com o palácio, ao sul. E ele delimitava um espaço, o átrio, onde se encontravam o altar dos holocaustos^[41], medindo cerca de dez metros por dez, e o mar de bronze, uma grande bacia com cinco metros de diâmetro, feitos, como as colunas, candelabros e outros objetos, pelo artífice fenício Hiram-Abi, hábil entalhador de metais^[42]. O Templo, propriamente dito, não tinha grandes dimensões: 30 metros de comprimento, por 10 de largura e 15 de altura, com as mesmas divisões do tabernáculo. Situava-se, provavelmente, no monte Moriá, onde hoje fica a Cúpula do Rochedo, da mesquita de Omar; o rochedo sagrado, que emerge no meio da mesquita, devia servir de altar para o Templo de Salomão.

Como no tabernáculo, as três partes do Templo representam as três divisões do universo: terra, mar e ar. A correspondência das três partes do santuário com as igrejas e os templos maçônicos seria:

Santo dos Santos ---> Altar-mór ----> Altar

Santo -----> Presbitério ---> Oriente

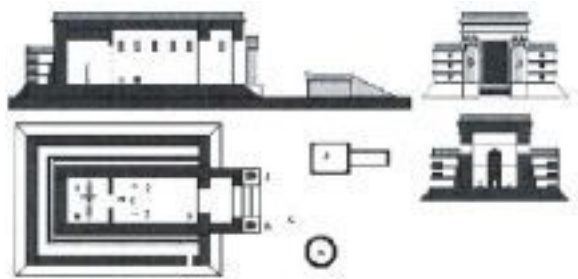
Pátio externo -----> Nave -----> Ocidente, Sul e Norte

NO SANTUÁRIO E NOS TRAJES, A METAFÍSICA APLICADA AO COSMOS

A metafísica aplicada ao cosmos já surge nos objetos do tabernáculo, com a representação das três partes do universo, dos quatro elementos,

dos sete planetas, das doze constelações zodiacais e dos ventos setentrionais. Mas ela transparecia, também, nas vestes do supremo sacerdote, o cohen gadol. Sua sobrepeliz era azul e dourada, guarnecida com flores, romãs e campainhas de ouro; no peito, trazia doze pedras preciosas; em cada ombro, uma esmeralda; e, na cabeça, a mitra, na qual estava, gravadas as quatro letras do nome hebraico de Deus (iôd, hé, vav, hé).

A cor azul da sobrepeliz representa o ar; as romãs – pela grande quantidade de suco – simbolizam a água; as flores representam a terra, onde as sementes germinam, as plantas crescem e as flores desabrocham; as campainhas representam a harmonização entre os elementos água e terra, que só em conjunto e nunca isoladamente podem gerar as plantas; as doze pedras preciosas representam os doze signos zodiacais; as duas esmeraldas simbolizam o Sol e a Lua, o dia e a noite, os dois hemisférios da Terra; a mitra representa Deus, o macrocosmo, sem o qual o microcosmo, o homem, não poderia sobreviver.



PLANO ESQUEMÁTICO DO TEMPLO DE SALOMÃO

Ocupando o Monte Moriá em Jerusalém, o Templo era dividido em: (a) o Santo dos Santos, onde localizava-se a Arca da Aliança (1); (b) o Santo, com o Candelabro Sagrado - Menorá (3), o Altar dos Perfumes (6) e a Mesa dos Pães Propiciais (2); (c) o Pátio Externo, com as Colunas Vestibulares Jachin (J) e Booz (B), o Altar dos Holocaustos (5) e o Mar de Bronze (5)

NA LOJA, A REPRESENTAÇÃO CÓSMICA

A Loja possui as três partes do universo – terra, mar e ar – e se estende, simbolicamente, do Oriente ao Ocidente, do Norte ao Sul e do Zênite ao Nadir^[43]. Na parte denominada Oriente, sob um dossel, encontra-se o Altar, que corresponderia ao Santo dos Santos (mais propriamente, ao altar-mór); o restante do Oriente, corresponde ao Santo e as outras partes – Ocidente, Sul e Norte – corresponderiam ao pátio da

mesa dos holocaustos e do mar de bronze.

Sobre o Altar, encontram-se as chamadas Três Grandes Luzes Emblemáticas da Maçonaria: o Livro da Lei, ou das Escrituras, o Esquadro e o Compasso. O Livro da Lei, nas comunidades cristãs é a Bíblia; mas pode ser o Corão, a Torá, o Livro dos Vedas, etc., de acordo com a crença de cada um. Na parede oriental, atrás do Altar, estão representadas as duas grandes luminárias terrestres: o Sol e a Lua, representando o ativo e o passivo, a luz e o seu reflexo, a atividade voluntária e a imaginação. Entre as duas luminárias, o Delta, com o nome hebraico de Deus, ou com a representação de um olho esquerdo (onividente), símbolo máximo representativo da divindade.

O COSMOS NA ABÓBADA ESTRELADA E NO SOLO

Sendo a representação da Terra, as Lojas têm o seu teto simbolizando a abóbada celeste, podendo, ou não ser estrelado. A presença do Sol, resplandecente de luz, no Oriente, e a Lua, em quarto crescente, entre as trevas do Ocidente, é obrigatória, para mostrar que o iniciado vem das trevas e caminha em direção à luz. É comum, porém, a decoração estelar do teto, a exemplo do que ocorria com os templos egípcios, onde as colunas, simbolizando as hastes do papiro, elevam-se em direção ao céu estrelado. Quando é feita a decoração estelar, ela abrange, além do Sol e da Lua, no Oriente e no Ocidente, respectivamente, mais:

As três estrelas da constelação de Órion, no centro do teto;

Junto a Órion, mais para Nordeste, a estrela Aldebaran;

Entre Aldebaran e a parte Nordeste, as constelações de Plêiades e Híadas;

Entre a constelação de Órion e a parte Noroeste, está a estrela Régulus, da constelação de Leão;

Ao Norte, encontra-se a constelação da Ursa Maior;

A Nordeste, em vermelho, a estrela Arcturus;

Entre Aldebaran e o Sol, próximo ao Oriente, a estrela Spica, da constelação da Virgem;

A Oeste, a estrela Antares;

Ao Sul, a estrela Fomalhaut;

No Oriente, o planeta Júpiter;

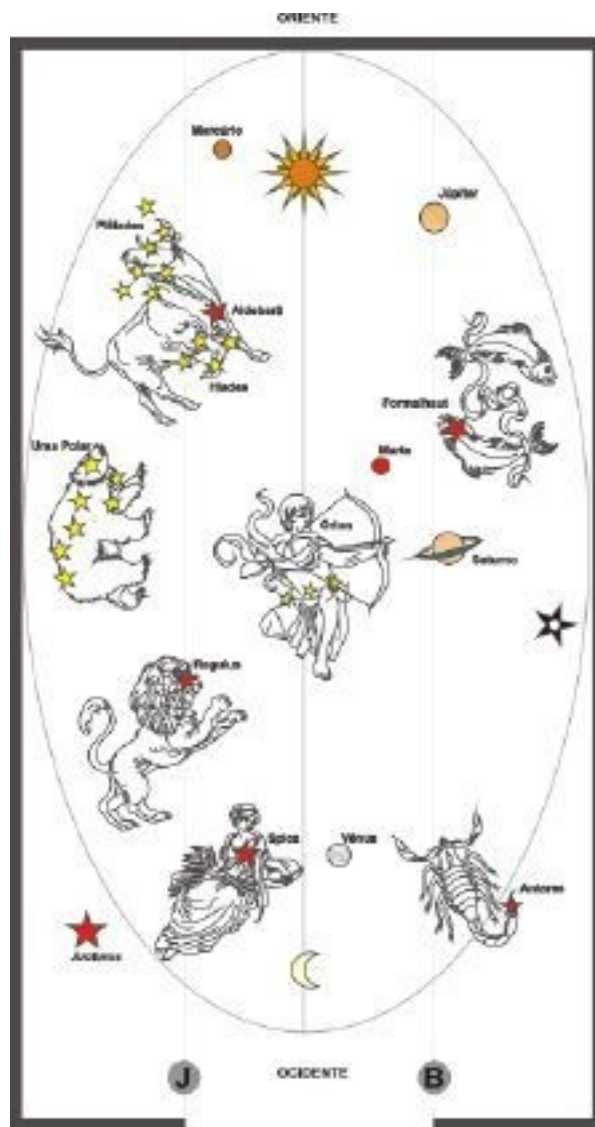
Junto ao Sol, o planeta Mercúrio;

No Ocidente, próximo a Antares, o planeta Vênus;

Próximo a Órion e a Fomalhaut, o planeta Saturno, com os seus satélites;

Ao Sul, uma estrela de cinco pontas, pintada, em relevo, ou pendente do teto.

Embora a colocação desses corpos celestes esteja, em alguns casos, errada, do ponto de vista astronômico, o mais provável – já que a origem se perdeu – é que a abóbada estrelada represente o céu do dia 21 de março, quando o Sol, na sua marcha aparente na eclíptica cruza a linha do equador celeste. É o equinócio de primavera no hemisfério Norte. E é, também, onde começa o ano religioso hebraico, que tem início na lua nova que se segue ao equinócio de março, no mês Nissan ; o ano civil começa com o Rosh Hashaná (em hebraico: cabeça do ano), primeiro dia do mês Tishrei. na lua nova que se segue ao equinócio de setembro. E isso tem a sua razão de ser, pois o calendário maçônico mais usado é o equinocial, com base no calendário religioso hebraico, começando o ano no dia 21 de março.



A ABÓBADA ESTRELADA

Embora a posição dos astros esteja equivocada do ponto de vista astronômico, a Abóbada Estrelada representa o céu no dia 21 de março, durante o equinócio de primavera no Hemisfério Norte.

As Estrelas Principais são: as três de Órion, as cinco de Híadas e as sete de Plêiades. As Estrelas Reais são: Aldebaran, Arcturus, Antares, Fomalhaut e Régulus. E tem que ser considerado, na abóbada, o grande triângulo da verdade cósmica, formado: em seu ápice, pela estrela Régulus, a principal da constelação de Leão, o signo de Deus ; no ângulo direito de sua base, pela estrela Spica, da constelação da Virgem ; e no ângulo esquerdo de sua base, pela estrela Arcturus, da constelação de Boies, ou Boieiro (pastor, guia, guarda de rebanho). Simboliza a pureza e a virtude – atributos de Virgem – engendradas por Deus – representado por Leão – como uma verdade que o pastor deve transmitir ao seu rebanho. Esse simbolismo será retomado na exegese do avental maçônico.

A abóbada estrelada seria um símbolo eminentemente astrológico recordando, ao maçom, o dever de evocar a noção de macrocosmo e de microcosmo, as grandes leis universais de harmonia cósmica, que, pelas palavras de Hermes Trimegisto (três vezes grande), relembram a concordância entre o que está no alto e o que está em baixo.

Para os antigos alquimistas egípcios e gregos, Hermes Trimegisto era considerado o senhor dos segredos do universo. Ele seria o deus Toth (Tzaut) dos egípcios, Hermes dos gregos, ou Mercúrio dos romanos, embora pudesse ter sido um rei ou um sábio, que acabasse sendo assimilado àqueles deuses. A ele é atribuída a famosa Tábua Esmeraldina, onde foram gravadas palavras de alto conteúdo moral e iniciático, como a doutrina binária dos opostos iguais e a síntese das três verdades. O texto recebeu o título de Tábua Esmeraldina, porque foi encontrado pelos soldados de Alexandre Magno, no Egito, gravado em uma grande esmeralda. O texto integral, da versão francesa do original, em tradução livre, é o seguinte:

TÁBUA ESMERALDINA

*Isto é complexo, mas é verdade sem mentiras:
tudo o que está aqui em baixo também está no alto;
também no alto está o que está em baixo,
pois tudo é obra de uma só coisa.
Todas as coisas vieram e vêm de uma,
da qual tudo nasceu e à qual tudo se ajustou,
pois tudo se adaptou a ela,
A Causa Única.
O Pai de tudo, que é a realidade,
que é o querer do universo,
aqui está, com sua força total convertida em Terra.
Se quiserdes saber o segredo dessa força suprema,
deveis separar a terra do fogo,
o fino e sutil do espesso e grande,
suavemente e com todo o cuidado.
Sobe da terra ao céu e, dali, volte à terra,
para receber a força do que está em cima e do que está em baixo.
Assim, receberás a luz de todo o mundo
e as trevas se afastarão de ti.
Esta é a força de todas as forças,*

*que vencerá tudo o que é sutil,
como vencerá tudo quanto é grande,
e que penetrará em tudo o que é sólido e palpável.
Portanto, o mundo pequeno
está feito à semelhança do mundo grande.
Assim e desse modo,
ocorrerão mudanças prodigiosas.
Por isso me chamam Hermes Trimegisto,
pois possuo as três partes da
sabedoria de todo o mundo.
Terminado está o que disse sobre a Obra do Sol.*

Esse texto permite algumas interpretações:

A igualdade dos opostos, do Alto e do Baixo; uma afirmação monoteísta, no contexto, com o Um e o Todo, a Causa Única; a previsão da análise e da síntese; a iniciação (receberás a luz e as trevas se afastarão de ti); a força do espírito, força de toda força; a Obra do Sol, ou Grande Obra, ou Arte Real da Alquimia; o triângulo, como símbolo da perfeita sabedoria. São sete os princípios fundamentais do esoterismo hermético: 1. a realidade é imaterial; 2. o princípio da correspondência; 3. o princípio de oscilação ou alternância; 4. o princípio de polaridade; 5. o princípio de ritmo; 6. o princípio de causa e efeito; 7. o princípio de geração. Todos esses princípios estão representados nos rituais e nos símbolos maçônicos.

Evocar Hermes é evocar o hermetismo, que, no sentido profano, dos não iniciados, significa aquilo que é de difícil compreensão, que é intrincado e obscuro. Para o iniciado, Hermes é Mercúrio, o mensageiro dos deuses, porque é o planeta que está mais próximo do Sol – inclusive no teto do templo maçônico – e que tem o curso mais rápido; é ele que transmite, com rapidez, a mensagem divina, que cumpre ao homem decifrar.

O solo da Loja, geralmente, é decorado com um pavimento quadriculado, composto de quadrados brancos e negros alternados e que também é denominado “Pavimento Mosaico” – onde mosaico é um adjetivo relativo a Moisés – graças à lenda segundo a qual Moisés teria forrado o solo do tabernáculo com pequenas pedras coloridas. Esse pavimento, porém, tem origem suméria e é, também, um símbolo cósmico, pois representa a luz e as trevas, o dia e a noite, o Sol e a Lua, embora comporte algumas interpretações de ordem moral – o bem e o mal, a boa e a má sorte, o espírito e a matéria – dissociadas do simbolismo cósmico original.

NAS COLUNAS E NA CORDA DE NÓS

À entrada, no pórtico, encontram-se duas colunas ditas vestibulares – porque se encontram no vestíbulo, ou átrio – sem função de sustentação, como as do templo de Jerusalém, e com as mesmas denominações daquelas: Jachin, à direita da entrada, e Boaz à esquerda^[44]. Tais colunas, porém, não possuem o estilo e a decoração daquelas do templo hebraico, descritas em Reis I, pois elas são de inspiração egípcia.

Segundo a descrição bíblica, as colunas de bronze do primeiro Templo possuíam grande altura – 9,45 metros (18 côvados) de fuste e 2,62 metros (05 côvados) de capitel – tinham 6,30 metros (12 côvados) de circunferência e 87 milímetros (04 dedos) de espessura, já que eram ocas. O seu fuste era liso, mas o capitel era bastante trabalhado: em forma de lírio, ornado de redes de malha e grinaldas em forma de cadeia, sendo sete grinaldas para cada capitel, e complementado por duas fileiras de romãs, dispostas em círculo, na junção do capitel com o fuste; além disso, havia remates em forma de lírio, compondo quatro fileiras verticais, nos quatro pontos cardeais (Reis I, 7 - 15 a 22).

As colunas da Loja, todavia, são de estilo egípcio, desproporcionais – mais grossas na base – e com a representação estilizada das folhas de papiro e das flores de lótus, as duas plantas sagradas do antigo Egito, adornadas com uma fileira de pequenas romãs, junto ao capitel, e complementadas, cada uma delas, por uma esfera, colocada sobre o capitel, simbolizando, a da direita, a esfera celeste, e a da esquerda, a esfera terrestre.

Também elas são, portanto, símbolos cósmicos, inclusive porque, como a Loja é a representação da Terra, elas marcam a passagem dos trópicos de Câncer, ao Norte, e de Capricórnio, ao Sul; assim, a linha que passa, exatamente, no centro do espaço entre elas, estendendo-se do Ocidente ao Oriente, simboliza o equador terrestre.

No alto das paredes da Loja, enquadrando-a, há uma corda com nós, cuja abertura encontra-se na porta de entrada do recinto, onde termina em duas borlas. Essa corda possui 81 (oitenta e um) nós, com um nó central sobre o Altar e quarenta para cada um dos lados. Trata-se, também, de um símbolo cósmico, ao abarcar o todo, ou seja, todos os maçons do globo terrestre, unidos pelos laços da fraternidade, os quais desconhecem fronteiras, ou diferenças de raça e de credo.

Mas ela tem, também, um significado místico, pelo número de nós, o qual é múltiplo de 3 e de 9, números de alto conteúdo hermético:

O número 3 (três) simboliza a síntese espiritual e é a fórmula para a criação de cada um dos mundos. Considerado um número perfeito, de alto significado místico, é um dos números sagrados. Representa a tríade divina no processo de sua manifestação, a qual tem três atributos básicos: criação, conservação e destruição. Como número perfeito, ele aparece, diversas vezes, nos textos bíblicos: três eram os filhos de Noé; três os varões que apareceram a Abraão; três os amigos de Job; três os dias de jejum dos judeus desterrados. Graficamente, o número três pode ser representado por um triângulo.

O número 9 (nove) é o número simbólico da Humanidade, encerrando a série numérica, antes do retorno à unidade; é o número de Adão. Nove meses leva o homem para nascer e seu corpo tem nove orifícios, através dos quais ele se comunica com o mundo. A soma dos número que compõem o 81 ($08 + 01$) é 09.

Além dessa relação com o três e o nove, a corda pode ser considerada sob outro aspecto místico, com o seu nó central – simbolizando o número um – e os quarenta nós de cada lado dele. O número um é a unidade indivisível, é o símbolo de Deus, princípio e fundamento do Universo; é, portanto, um número sagrado, que representa o princípio ativo, a primeira manifestação da energia criadora; é, também, o símbolo do Sol (o primeiro dos deuses da humanidade) e chamado de “o pai dos números”. Quarenta, um número composto, simboliza a penitência e a expectativa: o dilúvio durou quarenta dias; quarenta foram os dias que Moisés passou no monte Horeb, no Sinai; e quarenta foram os anos durante os quais os hebreus vagaram pelo deserto, quando saíram do Egito, para regressar à Palestina.

NOS SIGNOS ZODIACAIS, O CÓSMICO E O ASTROLÓGICO

Os signos, no misticismo maçônico, representam todo o caminho percorrido pelo iniciado, desde a sua iniciação até ao cume de sua trajetória, no grau de Mestre Maçom. E, ressaltando as diferenças existentes entre os templos dos diversos ritos, essa representação é mostrada, fisicamente, com os símbolos alusivos aos signos, presentes na Loja.

Essa representação pode ser feita por meio dos símbolos gráficos, ou

da concepção artística de cada constelação, pintados ou esculpidos no teto, mostrando, na realidade, o caminho – aparente – percorrido pelo Sol, ou pode ser feita, também, por intermédio das chamadas colunas zodiacais.

No primeiro caso, é mais respeitada a posição de cada constelação no firmamento, dispondo-se, todas elas, no “céu” (teto) ocidental, no boreal e no austral, já que, no oriental, o Sol reina.

Todavia, a forma mais usada é a segunda, através de pilastras, ou de colunas da ordem jônica; pilastra (do italiano: pilastro) é, em Arquitetura, o pilar retangular, ou quadrado, com as mesmas proporções e ornatos das colunas, aderente a uma parede. As colunas, ou pilastras, são aplicadas às paredes Norte e Sul da Loja, tendo, cada uma, sobre o seu capitel, o pentaclo correspondente. Pentaclo é a representação de cada signo com o planeta e o elemento que o caracterizam.

As colunas podem ser inteiras, ou podem ser meias colunas – no sentido longitudinal – junto às paredes, sendo seis ao Norte e seis ao Sul. A sequência delas é de Áries a Peixes, da seguinte maneira: a primeira, ao Norte, próxima à parte ocidental – ou Noroeste – é a de Áries; e a última, ao Sul, também próxima à parte ocidental – ou Sudoeste – é a de Peixes. Isso, porque a representação do signo de Câncer deverá estar sempre ao Norte – correspondendo à coluna “B”, que marca a passagem do trópico de Câncer – e a do signo de Capricórnio estará sempre ao Sul – correspondendo à coluna “J”, que marca a passagem do trópico de Capricórnio. Esta exigência, todavia, não autoriza o erro, cometido em certas Lojas, com a colocação de apenas dez colunas, o que implica considerar as duas colunas vestibulares como as zodiacais de Câncer e Capricórnio, o que é incorreto.

OS SIGNOS ZODIACAIS E A ESCALA INICIÁTICA

A CÂMARA DE REFLEXÃO E A MORTE SIMBÓLICA

Uma iniciação maçônica é uma morte simbólica e um renascimento, ou um novo nascimento. Por isso, o candidato – como em outras instituições iniciáticas muito antigas, inclusive religiosas – fica encerrado, durante algum tempo, num compartimento isolado, como uma caverna, de onde ele sai, num determinado momento do ritual iniciático, como se saísse do útero para a luz.

Em Maçonaria, esse compartimento é a chamada Câmara de Reflexão, onde o candidato permanece em meditação, antes de ser conduzido ao templo, para a cerimônia de iniciação. Tudo, nessa Câmara, lembra a morte, a efemeridade da matéria e a eternidade do espírito. Assim, abstraídas as pequenas diferenças de decoração, entre os diversos ritos, uma Câmara contém:



Um esqueleto humano, a mostrar que todos os homens ficam reduzidos à mesma condição, após a morte, sendo, portanto, vãs e fúteis as distinções feitas em vida;

Uma ampulheta, ou relógio de areia, que, por registrar pequenos espaços de tempo, mostra que a vida é efêmera e deve ser usada na concretização das grandes obras do espírito humano;

Sal, enxofre e mercúrio, os três elementos necessários à Grande Obra da Alquimia^[45].

Um pedaço de pão de trigo – simbolicamente, o alimento do corpo, porque é o símbolo da fertilidade da terra, fecundada pelo Sol – e uma bilha com água – simbolicamente, o alimento do espírito, por ser o símbolo da purificação – mostrando que, se é importante o nutrimento do corpo, o do espírito é tão importante quanto ele, ou até mais;

O galo, em posição de canto, saudando a nova aurora, o renascer do candidato, para uma nova existência;

Uma taça de líquido doce e uma de líquido amargo, a mostrar que a vida é feita de altos e baixos, de bons e maus momentos e que o homem deve acatar a sua sorte, resignadamente;

A palavra VITRIOL, que é a sigla de uma máxima alquímica: Visita Interiore Terrae Rectificandoque Invenies Ocultum Lapidem (Visita o interior da terra e, seguindo em linha reta, encontrarás a pedra oculta), a qual alude à procura da pedra filosofal da alquimia. Para a Alquimia mística, porém, a frase é um convite à introspecção, à procura do eu interior, como a expressão inscrita no frontispício do Templo de Apolo, em Delfos: Nosce te ipsum (conhece-te a ti mesmo).

Esse renascer constante, a partir da morte simbólica, associado a toda a escalada iniciática, no caminho que vai das trevas à luz, pode ser assimilado às sucessivas mortes e ressurreições da natureza, mostrada pelo ciclo imutável dos vegetais, em todos os anos. E esse ciclo é mostrado pelos signos zodiacais, que simbolizam todo o aperfeiçoamento do candidato, desde que ele é encerrado na Câmara de Reflexão, até que, como iniciado, ele percorre o caminho do conhecimento, que o leva à visão da Luz total, simbolizada pelo Sol, no Oriente.

OS SIGNOS, DA INICIAÇÃO AO MESTRADO

Os signos zodiacais relacionados com o grau de Aprendiz Maçom são: Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão e Virgem; relacionado com o grau de Companheiro Maçom, está o signo de Libra; e os inerentes ao grau de Mestre Maçom são os signos de Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes. Isso, de acordo com a análise exposta a seguir:



ÁRIES - Por representar o fogo construtivo interior do Homem, a força que estimula o crescimento e o desenvolvimento, Áries simboliza o fogo interno, o ardor incontido do candidato à iniciação, à procura da Luz; é o passo inicial da renovação da natureza pelo fogo, que é o elemento de Áries.



TOURO - Por representar a natureza pronta para a fecundação, Touro mostra, simbolicamente, que o candidato, depois de convenientemente preparado, foi admitido às provas da iniciação.



GÊMEOS - Por representar a terra já fecundada pelo fogo, a vitalidade criadora, simboliza o recebimento da Luz pelo candidato.



CÂNCER - Por representar o renascimento da vegetação, a seiva estuante da vida, simboliza a instrução do iniciado e a absorção, por parte dele, dos conhecimentos iniciáticos da Maçonaria; é a sabedoria representada na ressurreição da natureza, ou seja, o renascimento do espírito.



LEÃO - Por representar a ação do fogo externo (o Sol), que amadurece os frutos, e o emprego da razão a serviço da crítica, simboliza o juízo crítico e racional que o iniciado faz de todos os conhecimentos que adquiriu, aprendendo, com método, a selecionar todos aqueles que lhe puderem ser

úteis



VIRGEM - Por representar a colheita madura, simboliza o aperfeiçoamento do iniciado, ou seja: depois de ter julgado, racionalmente, os ensinamentos que recebeu, o iniciado já pode se dedicar ao desbastamento da pedra bruta, que é o seu próprio aperfeiçoamento material e espiritual.



LIBRA - Por representar o equilíbrio entre as forças construtivas e as destrutivas – a maturidade total do fruto, o equilíbrio entre o viço e o apodrecimento – Libra relaciona-se com a dualidade do segundo grau simbólico, simbolizando o Companheiro, na plena maturidade de sua ascensão na escala iniciática, pronto a desenvolver todo o seu potencial de trabalho.



ESCORPIÃO - Por representar o desaparecimento dos elementos, a perda da luz do Sol, a morte, enfim, da natureza, simboliza a morte do artífice Hiram Abi, morto, segundo a lenda, por três Companheiros – representando a inveja, a ignorância e a ambição – de acordo com a lenda do 3º grau, decalcada na lenda da morte do Sol, ou lenda de Osiris.



SAGITÁRIO - Por representar a natureza morta e o espírito animador, que se destaca do corpo, simboliza a procura do corpo do mestre Hiram e o lamento de todos os obreiros, pela perda do Mestre e da palavra perdida.



CAPRICÓRNIO - Por representar a terra inerte, mas fecundável, ou seja, a esperança de nova ressurreição, simboliza a descoberta do local em que foi ocultado o corpo de Hiram.



AQUÁRIO - Por representar a reconstituição dos elementos construtivos, preparando uma nova geração da vida, na terra ainda inerte, simboliza a cadeia que os obreiros fazem, para que o corpo de Hiram, retirado do seio da terra, possa ressuscitar num plano elevado, pois Hiram, como Osíris, simboliza a luz do Sol.



PEIXES - Por representar a total ressurreição da natureza, com a volta do reino da Luz, simboliza o renascimento do Mestre Hiram e o reencontro da palavra perdida; do ponto de vista místico, este renascimento não é no plano material, mas, sim, no espiritual: é a volta do Sol e da vida, prontos para mais um ciclo.

OS CARGOS EM LOJA E OS SETES PLANETAS

AS LUZES, DIGNIDADES E OFICIAIS DE UMA LOJA MAÇÔNICA

A administração de uma Loja é formada por Dignidades e Oficiais. Embora existam variações, de acordo com o rito adotado pela Loja, alguns cargos são, geralmente, comuns a todos os ritos. São eles:

DIGNIDADES:

Um Venerável Mestre^[46], que é o presidente da Loja;

Um 1º Vigilante, que é o primeiro vice-presidente;

Um 2º Vigilante, que é o segundo vice-presidente^[47];

Um Orador, que é o representante do Ministério Público maçônico em Loja, o guarda e defensor da lei;

Um Secretário, a quem compete lavrar as atas das reuniões e organizar o expediente.

O Venerável Mestre e os Vigilantes são também chamados de Luzes da Loja, porque, simbolicamente, deles emana a luz, como dirigentes da corporação.

OFICIAIS:

Um Tesoureiro, que trata das finanças da Loja;

Um Chanceler, ou Guarda dos Selos, que timbra os papéis e controla o livro de presenças dos obreiros;

Um Mestre de Cerimônias, ao qual compete dirigir todo o cerimonial de qualquer sessão da Loja;

Um Hospitaleiro, ou Esmoler, que cuida da parte assistencial aos Irmãos e demais pessoas necessitadas;

Dois Diáconos, que, dependendo do rito, auxiliam nas iniciações e em outras práticas ritualísticas;

Dois Expertos, que auxiliam nas iniciações e substituem os Vigilantes, em seus impedimentos;

Um Guarda Interno (ou Cobridor), que cuida da segurança interna do templo;

Um Guarda Externo (ou Telhador), que cuida da segurança externa do templo;

Um Mestre de Harmonia, que é responsável pela trilha sonora das sessões (música de fundo, em certas passagens ritualísticas);

Um Porta-Estandarte, que cuida da insígnia da corporação;

Um Porta-Espada, que conduz a espada flamejante, usada em certas passagens ritualísticas;

Um Porta-Bandeira, para as reuniões magnas, públicas ou não, em que a bandeira nacional tenha que ser recepcionada;

Um Mestre de Banquetes, que cuida dos periódicos ágapes fraternais.

OS SETE CARGOS PRINCIPAIS, ASSIMILADOS AOS SETE PLANETAS

De todos os cargos referidos, podem ser destacados sete, que, pelas suas características, são assimilados aos sete planetas da Antiguidade, ou aos deuses do panteão greco-romano, também assimilados a esses planetas.

Assim, temos:

O Venerável Mestre é assimilado ao planeta Júpiter e a Zeus (Júpiter, para os romanos).

Júpiter é o maior dos planetas, representa, de maneira unificada, as figuras simbólicas do pai, do patriarca e do rei, e é o símbolo da grandeza de espírito, da sabedoria e generosidade, do sentido de justiça e da alegria espiritual. É representado por uma meia-lua crescente – símbolo da consciência da alma – unida a uma cruz – que representa a matéria.

O Venerável Mestre, como o planeta e como Zeus, é a representação simbólica do patriarca, do pai, do rei, já que é o máximo dirigente espiritual da comunidade representada pela Loja; e ele deve dirigi-la com a sabedoria, o discernimento e a generosidade, típicas do simbolismo do planeta e da personalidade criada para o rei dos deuses. O Venerável representa e dirige a chamada Coluna da Sabedoria, simbolizada pela ordem arquitetônica jônica.

O 1º Vigilante é assimilado ao planeta Marte e a Ares (Marte, para os

romanos).

Marte é o planeta da força viril, da atividade e capacidade criadoras, em todas as suas formas. Na psicologia astrológica, o planeta representa o espírito empreendedor, enérgico e cheio de ânimo. É representado por um círculo com uma flecha na parte superior direita, simbolizando a força criadora do espírito.

O 1º Vigilante é responsável, em Loja, pela chamada Coluna da Força – que fica na parte Norte do templo – simbolizada pela ordem arquitetônica dórica. Nessa parte Norte é que, em sessões festivas abertas ao público, sentam-se todos os homens, porque a força, para os antigos gregos, era qualidade exclusivamente masculina.

O 2º Vigilante é associado ao planeta Vênus e a Afrodite (Vênus, para os romanos).

Esotericamente, o simbolismo de Vênus tem dois aspectos diferentes: um é relacionado ao amor espiritual e o outro é ligado à simples atração sexual; no primeiro caso, é o emblema do amor, como força de coesão, de harmonia, da beleza e do refinamento. É representado por um círculo com uma cruz na parte inferior, significando o espírito, em seu esforço de se libertar da matéria.

O 2º Vigilante, em Loja, é o responsável pela chamada Coluna da Beleza – que fica na parte Sul do templo^[48] – simbolizada pela ordem arquitetônica coríntia. Nessa parte é que, em sessões públicas, sentam-se as mulheres, porque a beleza, para os antigos gregos, era qualidade exclusivamente feminina.

O Orador é assimilado ao Sol e a Apolo.

O Sol é o símbolo material-espiritual da divindade e sua luz é considerada a manifestação visível de Deus, como emblema dos princípios de geração, conservação e sustentação da vida, em todas as suas formas. Esotericamente, o Sol é o emblema do espírito, do Eu Superior; é representado pela figura do arcanjo Miguel, que derrota Satanás – a cabeça da serpente – símbolo das trevas, com sua espada flamejante, símbolo da força solar. Na astrologia, constitui o Princípio Vital, centro de todas as coisas físicas; é representado por um círculo – símbolo do espaço e do tempo infinitos – com um ponto no meio – símbolo do espírito.

Do Orador emana a luz do Direito, da Lei e da Justiça, em Loja, sendo ele, portanto, a luz que esclarece e orienta os obreiros.

O Secretário é assimilado à Lua e à deusa Ártemis (Diana, para os romanos).

A Lua sempre foi cultuada como a “Mãe Universal”, o princípio feminino, que fertiliza todas as coisas; ela simboliza os poderes modeladores da Luz Astral, por ser considerada representação da matéria; suas forças são de caráter magnético, opostas às do Sol, que têm caráter elétrico. Esotericamente, a Lua está identificada com a deusa egípcia Ísis, a grande iniciadora da alma nos mistérios do espírito. É representada por um crescente em forma de copa, simbolizando o lado receptivo da natureza humana.

O Secretário, com a redação da atas, a guarda de papéis legais e livros da Loja, reflete a luz que emana da Oratória, pois os registros precisam ter o aval do Orador, para que funcionem como instrumentos legais.

O Mestre de Cerimônias é assimilado a Mercúrio e ao deus Hermes (Mercúrio, para os romanos).

Personificando o “mensageiro dos deuses”, como o planeta que mais rapidamente circula em torno do Sol, Mercúrio, por reger o intelecto humano, representa a força ativa do Eu, a consciência da humanidade e as faculdades de ver, perceber, raciocinar e analisar com lógica. Mercúrio é representado

O Mestre de Cerimônias é um Oficial circulante, ao qual compete a recepção e a condução de maçons visitantes, a condução de membros do quadro efetivo, que devam ser conduzidos de um local a outro da Loja, e o atendimento aos obreiros. Ele é, também, considerado o mensageiro das Dignidades da Loja, assim como Mercúrio – e o deus Hermes – é o mensageiro dos deuses.

O Tesoureiro é assimilado a Saturno e ao deus Cronos (Saturno, para os romanos).

O planeta Saturno simboliza o tempo, que devora todas as suas criações: seres, coisas, sentimentos, ideias. Astrologicamente, é considerado o mais poderoso e maléfico dos planetas, por sua natureza lenta e paciente, furtiva e velada. Ele representa o movimento de contração, solidificação, cristalização, estabilidade e inflexibilidade; é representado, simbolicamente, por uma cruz, que surge de uma meia-lua crescente, simbolizando a manifestação da consciência.

A atividade de receber os metais^[49], de tê-los sob a sua guarda e de

manter organizado o movimento financeiro da Loja, é considerada – por lidar com a frieza dos números – fria e calculista, além de inflexível. Assim, o Tesoureiro é assimilado a Saturno porque este, o planeta mais afastado do Sol – entre os sete da Antiguidade – é frio e representa as trevas. Ele tem, também, que ser paciente, porque a sua atividade demanda tempo para ser concluída

MAS HÁ UMA VARIAÇÃO

Existe, todavia, uma outra interpretação astrológica, envolvendo os sete planetas e os cargos em Loja, com alterações da assimilação e a substituição do Mestre de Cerimônias pelo Hospitaleiro:

O Venerável Mestre é assimilado ao Sol, expressão do “Um”, da sabedoria, da sagacidade, do iniciado. Como máximo dirigente espiritual da Loja, ele, com sua luz, ilumina a todos os obreiros; é, como o Sol, a representação do ouro, símbolo de Deus, o princípio masculino ativo, que caracteriza os maçons com os “Filhos da Luz”. Neste caso, a assimilação é à luz da sabedoria e da sagacidade, representada pelo Sol, e não à figura arquetípica do pai, do rei, do patriarca, simbolizada por Júpiter.

O 1º Vigilante é assimilado à Lua, refletindo a sabedoria emanada do Venerável Mestre, o Sol. Se o Sol é a expressão do “Um”, da sabedoria, a Lua é do “todo”, da multidão, do coletivo, porque não há nada mais mutável e mais versátil do que a multidão. Ambos se completam, como os cargos aos quais são assimilados, embora opostos (masculino-feminino, ativo-passivo, vida-morte); os titulares dos cargos opõem-se, em sua posição, no templo: o Venerável Mestre fica no Oriente (onde está o Sol) e o 1º Vigilante fica no Ocidente (onde está a Lua). Assim, sob essa interpretação, a assimilação não é à força, simbolizada por Marte, mas, sim, à expressão do todo, do coletivo, representada pela Lua.

O 2º Vigilante é assimilado a Marte, conhecido como deus da guerra, mas, também, como o símbolo da energia e da ação. É ao 2º Vigilante que compete a instrução e a formação dos Aprendizes, aos quais ele deve, com toda a energia necessária, transmitir os ensinamentos que os prepararão para as ações enérgicas e movidas pelo raciocínio lógico. Neste caso, a assimilação não é à beleza, representada por Vênus, mas à energia e à ação, simbolizadas por Marte.

O Orador é assimilado a Saturno, cujo símbolo essencial é a tradição. A missão maior do Orador é, justamente, a de ser o guarda fiel da tradição

maçônica. Ele deve evocá-la, sempre que houver necessidade e o fará apoiado sobre um outro valor simbólico de Saturno: a fidelidade, aliada à perenidade. Assim, sob esse enfoque, a assimilação é feita a partir da tradição, representada por Saturno, e não pela luz do discernimento, simbolizada pelo Sol.

O Secretário é assimilado a Mercúrio, o mensageiro dos deuses, que governa as faculdades intelectuais. O Secretário deve aplicar toda a sua inteligência e discernimento na descrição, com precisão, dos trabalhos da Loja, em ata. Nesse caso, portanto, a assimilação é em função das faculdades intelectuais, governadas por Mercúrio e não da reflexão da luz pela Lua.

O Tesoureiro é associado a Júpiter, que, ligado às finanças e à lei, é padrão de honestidade e honradez. A lei e sua rigidez, a honestidade absoluta, são as qualidades necessárias a um bom Tesoureiro, que é, rigorosamente, o administrador das finanças da Loja. Sob essa interpretação, a assimilação é devida ao padrão de honestidade e honradez de Júpiter e não à frieza calculista e lenta de Saturno.

O Hospitaleiro é associado a Vênus. Com o Hospitaleiro, as qualidades amáveis de Vênus encontram sua melhor expressão; representante do amor ao próximo, ele deve ajudar e assistir, inclusive financeiramente – e as finanças representam outra atribuição simbólica de Vênus – os Irmãos necessitados, ou aflitos. Neste caso, Vênus deixa de ser assimilado por ser símbolo da beleza, mas, sim, por simbolizar as qualidades cordiais – ou seja, do coração – e o amor ao próximo.

Ambas as interpretações podem ser aceitas, o que mostra como é rica e abrangente a simbologia maçônica. Embora pareça que há uma certa oposição entre os dois conjuntos de assimilações aos cargos em Loja maçônica, a verdade é que não há, em nenhum dos casos, qualquer agressão à lógica e nenhuma distorção tendenciosa, para adaptar cargos a planetas, ou vice-versa.

Na realidade, é lógico e racional assimilar o Venerável Mestre tanto a Júpiter quanto ao Sol, porque, sendo a figura simbólica do pai e do patriarca, com o discernimento suficiente para instruir os seus liderados, ele é, por isso mesmo, a luz da sabedoria, da sagacidade, do “Um”.

Também é lógica a assimilação do 1º Vigilante tanto a Marte quanto à Lua, porque, presidindo a Coluna da Força, apanágio de Marte, ele é, também, o responsável pelo “todo”, pelo coletivo, representado pelos

obreiros da Loja e simbolizado pela Lua.

A assimilação do 2º Vigilante tanto a Vênus quanto a Marte, é absolutamente racional, porque, dirigindo a Coluna da Beleza, ele necessita, todavia, da energia de Marte, para transmitir os ensinamentos aos Aprendizes.

O Orador, assimilado tanto ao Sol quanto a Saturno, também representa um raciocínio coerente, porque ele, representando a luz do esclarecimento legal, ou seja, a luz da Justiça, é, ao mesmo tempo, o guarda da tradição – porque as leis maçônicas possuem um ponto comum antigo e tradicional – à qual se dedica, com fidelidade.

A assimilação do Secretário tanto à Lua quanto a Mercúrio, também é lógica, pois, mesmo refletindo a luz legal, que vem da Oratória, o Secretário deve usar a sabedoria, governada por Mercúrio, para redigir as atas, com absoluta clareza.

É lógica, também, a assimilação do Tesoureiro a Saturno e a Júpiter, porque, se ele lida com a frieza dos metais, são fundamentais, para o exercício de suas funções, a honestidade e a honradez, regidas por Mercúrio.

OU SIMPLEMENTE, O SOL, PARA AS TRÊS LUZES

Já foi destacado que o Venerável Mestre é, também, a representação do Sol, porque, sendo, o Sol, o símbolo da luz do mundo, que é governado, em suas mudanças de tempo e de estações, pelo Sol, ele é assimilado ao Venerável, já que é este que governa a luz, controlando o tempo de abertura e de fechamento dos trabalhos que realiza. A definição heráldica do Sol é a mais conveniente para explicar a soberania do Venerável Mestre, já que o astro representa a soberania, a majestade e dele emana absoluta autoridade.

Esse simbolismo, todavia, se estende, também, aos dois Vigilantes, que são as outras duas Luzes e que se encontram, hierarquicamente, logo abaixo do Venerável Mestre, substituindo-o, eventualmente, em seus impedimentos. Desta maneira, o Venerável, no Oriente (Leste), é o símbolo do Sol nascente; o 2o. Vigilante, no Sul, ou Meio-Dia, é o símbolo do Sol meridiano; e o 1o. Vigilante, no Ocidente (Oeste), é o símbolo do Sol poente. Esta disposição, por sinal, remonta ao hinduísmo, onde os principais oficiantes colocavam-se no Leste, no Oeste e no Sul, para representar Brahma, que era o Sol nascente, Vishnu, que era o Sol poente, e Shiva, que

era o Sol meridiano.

OS QUATRO ELEMENTOS

O QUATERNÁRIO

Os quatro elementos da Antiguidade – ar, água, fogo e terra – estão tanto no terreno da Alquimia quanto no da Astrologia, onde estão ligados aos signos zodiacais.

Através dos quatro elementos, pode-se evocar o quaternário, que é o próprio sentido da criação. Deus, o espírito primordial, invisível, imperceptível, ilimitado, torna-se perceptível ao homem limitado, por meio da criação. Visto sobre o zodíaco, esse quaternário é formado por quatro triângulos entrecruzados, correspondentes aos quatro elementos. Aí estão implícitas as realidades materiais, que permitem chegar ao domínio do espírito, já que a terra e a água representam a expressão do material, enquanto que o ar e o fogo simbolizam o espírito. Na construção zodiacal, esse caráter complementar dos quatro elementos, unindo o físico e o espiritual, como base da vida, pode ser bem percebido, pois cada signo da terra faz frente a um signo da água, enquanto que cada signo do ar encontra-se diante de um signo do fogo.

COMBINAÇÕES MATERIAIS

Os elementos combinam-se, não somente no plano dos valores simbólicos, mas, também, no plano concreto, material:

A terra, sem a água, é apenas pó. Sem a água não há vida, a reprodução é impossível, tudo se resseca. Uma nova vida passa pela morte de alguma coisa, seja de uma civilização, de um animal, de uma planta; e a água favorece o apodrecimento, que produz os elementos fertilizantes. A água da superfície terrestre foi o lugar onde se originou a vida. Ela é o ponto de partida da vida, e, também, o meio de sua perpetuação, pois cerca de setenta por cento do ar que as criaturas vivas respiram provém da água, pela vida planctônica. Assim, tanto no plano material, quanto no espiritual, é encontrada a ligação entre o ar e a água. O ar é, também, necessário à vida, à respiração e às combustões e oxidações que ela provoca, mas também, com o auxílio do fogo, do calor, ele participa da evaporação, o mecanismo que perpetua o ciclo das águas. O fogo, também ele, é muito necessário à vida: o homem se aquece junto a ele, utiliza-o em suas indústrias, com ele cozinha seus alimentos. A mitologia o elege como o elemento principal: Prometeu rouba dos deuses aquilo que lhe parece ser a

coisa mais útil para a humanidade, ou seja, o fogo.

Cada elemento comporta efeitos ditos “benéficos”, ou “maléficos”, que são interpretados como positivos, ou negativos; o mesmo ocorre na Astrologia com, por exemplo, a alternância dos doze signos: Áries, positivo, Touro, negativo; Gêmeos, positivo, Câncer, negativo; etc.

O fogo destrói e, sob esse ponto de vista, é um elemento maléfico; mas, concomitantemente, ele é um elemento benéfico, que preside à destruição e a morte de qualquer coisa, tendo em vista uma reconstrução melhor, mais bela e mais aperfeiçoada. A água se opõe ao fogo, no sentido de limitar os seus efeitos. E, se a água se tornar um elemento destruidor, o fogo, o ar, ou a terra, conjugarão os seus esforços para limitar os efeitos dessa destruição. O elemento terra é o mais duradouro, é o que mais resiste às agressões; o simbolismo astrológico o toma como elemento de estabilidade, de duração, de construção lenta, paulatina e metódica.

NA RITUALÍSTICA MAÇÔNICA, OS QUATRO ELEMENTOS

As práticas iniciáticas maçônicas, dependendo do rito praticado pela Loja, mostram passagens associadas aos quatro elementos, ou os abordam, mesmo que de maneira velada, sem passagens específicas a eles referentes. Eles estão, todavia, presentes e com as mesmas interpretações e a mesma importância simbólica advindas de remotas épocas e já tradicional.

Abordando os quatro elementos em passagens específicas, existem ritos que os associam a certas provas – apenas simbólicas – pelas quais o candidato deve passar:

Do elemento sólido, a terra, a Maçonaria fez o elemento de reflexão, o tema da Câmara de Reflexão, onde o candidato à iniciação morre, simbolicamente, para a vida material, para poder ascender à vida espiritual eterna e poder dizer, com convicção: a morte não é um fim.

Assim, a sua permanência, em meditação, na Câmara de Reflexão, simboliza a “prova da terra”, lembrando as antigas iniciações, durante as quais o candidato era encerrado em uma caverna, no âmago da crosta terrestre, no útero da Mãe-Terra, do qual ele nasce para uma nova existência. A terra, elemento passivo e feminino, é o início e o fim, o berço e a tumba do homem; o pó a ela volta e nela renasce.

Durante o desenvolvimento da cerimônia iniciática, o candidato passa por uma segunda prova, ligada aos quatro elementos; é a “prova do ar”, quando são ouvidos o rugir dos ventos e os trovões, no fragor das

tempestades, durante a primeira “viagem” simbólica que o candidato faz. Embora o fogo seja considerado a origem de todas as coisas, o ar, ativo e masculino, é, geralmente, tomado como o primeiro elemento, porque o ar comprimido, ou concentrado, cria o calor e o fogo, do qual derivam todas as formas de vida.

O ar está, essencialmente, ligado a três conjuntos de ideias: o sopro criativo da vida, a palavra criadora; o vento – ar dinamizado, ar em movimento – ligado à ideia da criação, em muitas mitologias; e o espaço, como meio onde ocorrem os movimentos e onde surgem os processos de criação e de desenvolvimento da vida. As tempestades e os ventos mostram a instabilidade do ar; e é essa a ideia que se pretende transmitir, com os sons dos trovões e dos tornados: a instabilidade da existência, sujeita a percalços, à felicidade e à amargura, a bons e a maus momentos, que devem ser admitidos com alegria, ou com paciência e resignação. A primeira “viagem”, ligada, portanto, ao elemento ar, é cheia de dificuldades e de perigos simbólicos, mostrando apenas uma preocupação material.

Na literatura esotérica, o ar simboliza a mente, por suas qualidades de sutileza, mobilidade e indivisibilidade, de modo que a purificação pelo ar simboliza o desenvolvimento e a educação da mente. Depois de purificada a mente, ela está livre dos vícios do mundo profano – profano, aqui, é referência a não iniciado – e apta a receber os ensinamentos da doutrina maçônica. A mente é uma poderosa fonte de energia, que pode ser usada para o bem, ou para o mal; empregando-a de forma consciente e criadora, ela pode beneficiar a vida e influir, favoravelmente, no meio ambiente. O mundo profano preocupa-se mais com os aspectos externos, dos bens que o mundo pode proporcionar; para o iniciado, a vida significa um processo interno, com o despertar do “eu” espiritual.

A terceira prova ligada aos quatro elementos é a “prova da água”, quando o candidato tem suas mãos mergulhadas na água existente no mar de bronze, que é um pequeno recipiente com água e que lembra o mar de bronze do Templo de Jerusalém. A água, elemento passivo e feminino e símbolo universal das emoções e do inconsciente, simboliza a vida terrestre e material, mas não a metafísica. É, também, um antigo símbolo da purificação; por isso, mergulhar as mãos do candidato em água, significa livrá-las das impurezas e conservá-las sempre puras, “indenes das águas lodosas do vício”, como destacam muitos rituais em voga.

Essa purificação pela água ocorre após a segunda “viagem” simbólica, mais suave do que a primeira, a qual evoca a imagem do homem

duvidando de si mesmo, depois de seus erros passados, mas recuperando a plena confiança para lutar novamente, após a purificação simbólica pela água. Tais sentimentos contraditórios representam a base do simbolismo da água na interpretação astrológica, pois a água não tem forma própria, tomando a forma do recipiente que a contém.

A sabedoria antiga simboliza o sentimento através da água, assim como as emoções e paixões e, de maneira geral, a vida afetiva da alma, devido à instabilidade dos estados afetivos, que se assemelham à mobilidade das águas dos oceanos. A finalidade da purificação pela água é a de educar e disciplinar os estados afetivos da alma.

A quarta e última prova, conectada aos quatro elementos, é a “prova do fogo”, durante a qual o candidato passa, simbolicamente, pelas chamas purificadoras, que tudo renovam. O fogo é o elemento que, com mais frequência, encontra-se associado às religiões, desde os tempos pré-históricos; símbolo do Sol e da divindade, nas civilizações mais antigas, da Mesopotâmia, da Índia e do vale do Nilo, ele foi, posteriormente, transformado em símbolo da alma e vida humanas. Ele representa a vida e a morte, a origem e o fim de todas as coisas, sendo, portanto, nessa condição, um dos mais importantes símbolos de transformação e regeneração.

Como sinônimo de vida, o fogo tem muitos aspectos, podendo ser encontrado tanto ao nível da paixão animal, quando ao dos mais profundos esforços espirituais. Ele tem a função de supremo purificador, como, por exemplo, nas cremações ritualísticas dos mortos, a qual é uma tradição da Índia; em muitas civilizações, há a prática de andar sobre brasas, também com o sentido de purificação e de transcendência da condição humana. A “prova do fogo”, em Maçonaria, simboliza a retirada das últimas impurezas “profanas” do candidato, que, então, totalmente renovado – *Ignem Natura Renovatur Integra: O Fogo Renova Toda a Natureza* – está pronto para a nova existência. Ela ocorre após a terceira “viagem” simbólica, que representa o homem confiante, que já encontrou o seu “eu”, sendo purificado pelo fogo, que destrói, para permitir uma nova construção espiritual mais bela e mais aperfeiçoada.

O fogo produz calor e luz ; e a luz é o estado geral de tudo o que existe. A purificação pelo fogo, portanto, significa que, durante sua vida, o iniciado deve purificar o seu espírito, o seu “eu” interior, porque ele deve descobrir que não é apenas um corpo físico , nem apenas sentimentos, nem mente, mas, sim, alma e espírito; e deve entender que a vida tem, como

finalidade essencial, o desenvolvimento e a evolução desse espírito, que a luz é a expressão da vida, que a vida é a expressão do Verbo e que o Verbo é o Grande Arquiteto do Universo.

OS TRABALHOS EM LOJA

MEIO-DIA E MEIA-NOITE

Os trabalhos de uma Loja maçônica, simbolicamente, iniciam-se ao meio-dia e se encerram à meia-noite.

Historicamente, uma das origens dessa prática é encontrada no zoroastrismo persa: Zoroastro reunia os seus discípulos ao meio-dia e os despedia à meia-noite, depois do repasto em comum. Existe, todavia, uma razão de ordem ética e moral a justificar esse ato simbólico: meio-dia é a hora do sol a pino, quando os objetos não fazem sombra; é, portanto, o momento da mais absoluta igualdade, pois ninguém faz sombra a ninguém, concretizando um dos pilares doutrinários da moderna Maçonaria (os outros são a Liberdade e a Fraternidade).

Astrologicamente, o meio-dia é a hora simbólica em que o Sol está na sua culminância, em todo o seu esplendor, com a sua atividade conhecida de todos, aberta, transparente. À meia-noite, quando os trabalhos se encerram, a atividade é toda secreta, é coberta, ignorada de todos, quando o ritual maçônico, para assinalar o caráter secreto, pede, ao maçom, que jure guardar silêncio sobre tudo o que viu ou ouviu.

O meio-dia celeste é marcado pelo astro mais visível a olho nu, ou seja, o Sol, o astro principal, o mais luminoso, o coração do sistema solar, o símbolo de Deus. A meia-noite celeste é caracterizada pelo astro menos visível a olho nu, o último, o mais afastado do Sol, que é Plutão. Assim, o Sol simboliza o meio-dia, a luz, e Plutão simboliza a meia-noite, as trevas.

Plutão é o símbolo do invisível e, em seus bons aspectos, significa o acesso às riquezas escondidas, como a da iniciação, do oculto, da criatura se colocando mais longe da matéria e perto da radiação celeste, além e fora de toda a materialidade. Em seus maus aspectos, Plutão se torna a própria negação de Deus e a imagem de Satã, no sentido literal da palavra: adversário, oponente. Ele relembra, ao maçom, que este, à meia-noite – simbolicamente – reingressa no mundo profano e que guardar sigilo sobre os trabalhos efetuados a partir do meio dia é um dever ético e moral, não podendo, ele, se transformar no adversário dos ensinamentos maçônicos, como um vulgar perjuro.

Doze horas existem entre o meio-dia e a meia-noite. Doze são os signos zodiacais, que representam um círculo perfeito e que simbolizam as periódicas mortes e ressurreições da natureza. De um lado, o Sol, símbolo

espiritual do Eu Superior e representação material da vida e da luz; do outro, Plutão, símbolo espiritual da vontade criadora, da transformação, e representação material da morte e das trevas. Durante o simbólico período de doze horas de duração de uma sessão maçônica, o obreiro vai da luz às trevas, da vida à morte, como a natureza, a fim de renascer para uma nova vida espiritual e aperfeiçoada.

O número doze, inclusive, tem um alto sentido místico, como símbolo da ordem cósmica, e era a base da numeração entre os povos antigos, sendo bastante encontrado em textos antigos e bíblicos: os doze signos zodiacais, as doze tribos de Israel, os doze pães propiciais, os doze meses do ano, as doze horas do dia, as doze horas da noite.

A CIRCULAÇÃO DESTROCÊNTRICA

A movimentação, na Loja está composta e em funcionamento, tanto dos Oficiais circulantes, como o Mestre de Cerimônias, por exemplo, quanto dos obreiros que devam, eventualmente, circular, indo de um local a outro, é feita no sentido horário – o dos ponteiros do relógio – ou destrocêntrico – com o lado direito do corpo voltado para o centro. Esse, também, é o sentido da marcha do candidato à iniciação maçônica, durante as suas “viagens” simbólicas, que representam sua passagem pelos quatro pontos cardeais da Terra.

Desde remotas épocas, o sentido destrocêntrico simboliza as forças evolutivas e benéficas, enquanto que o sinistrocêntrico - o lado esquerdo voltado para o centro – ou anti-horário é a representação das forças involutivas, ou maléficas. Isso pode ser visto, por exemplo, num dos mais antigos e importantes símbolos de toda a humanidade, o qual, lamentavelmente, adquiriu má reputação no século XX, por ter sido adotado pelos nazistas alemães, como símbolo do seu movimento político-ideológico: a suástica, ou cruz gamada, um símbolo cósmico.

A cruz gamada representa a energia criativa do cosmos em movimento. Por isso, ela pode ter dois sentidos diferentes: destrógiro – quando os seus braços sugerem mover-se para a direita, ou no sentido horário – ou sinistrógiro – quando os braços sugerem movimento para a esquerda. No sentido destrógiro, ela é o emblema do movimento evolutivo do universo; no sentido sinistrógiro, ela representa a dinâmica involutiva.

Além do sentido de movimento evolutivo, existe outro, também cósmico, para a circulação destrocêntrica na Loja:

O homem começa a sua jornada de trabalho ao romper da aurora e a termina no crepúsculo, quando se recolhe para o repouso; isso é simbolizado pelo maçom, que parte do Ocidente (Oeste), escuro, ao iniciar a sua jornada, passa pelo Norte, mais claro, depois pelo Oriente (Leste), na culminância do sol a pino, em seguida, pelo Sul, ao meio da tarde, retornando ao Ocidente, quando cai a noite. Significa, também, a marcha no sentido horário, que o obreiro realiza o seu trabalho seguindo a jornada do Sol, desde que ele nasce até quando se põe. Aplicada ao ano todo, essa marcha se daria sobre a eclíptica, percorrendo, como o Sol, as doze constelações zodiacais.

O AVENTAL

A ORIGEM E A EVOLUÇÃO

Como já foi esclarecido, o avental dos membros das organizações de ofício – Maçonaria operativa – era uma vestimenta de proteção, principalmente entre os canteiros, para preservar o corpo dos estilhaços das pedras. Assim, ele era de couro e se estendia desde o pescoço até abaixo dos joelhos, com pequenas variações, de acordo com a profissão do obreiro.

Se, para esses obreiros, o avental era uma necessidade, como proteção, para o maçom aceito ele tem uma finalidade muito diferente, servindo como símbolo do trabalho, que é necessário para o êxito de sua vida de homem, de cidadão e de chefe de família. Isso, no plano material. Já no âmbito espiritual, esse trabalho é exercido em dois níveis: o individual, que ocorre em vista da ascensão do maçom, através do conhecimento, e o coletivo, que é a participação na obra comum, ou seja, a participação de todos os maçons, simbolicamente, na construção de Jerusalém, do templo espiritual que recorda, especialmente, São João, em seu Apocalipse, e da nova Jerusalém, à imagem da Jerusalém celeste [\[50\]](#).

Na realidade, a construção do Templo de Jerusalém é o mote dos três graus simbólicos – Aprendiz, Companheiro e Mestre – representando, evidentemente, a construção material, moral, intelectual e espiritual do maçom. Não custa recordar que, para os templários, o Templo de Jerusalém era o símbolo das obras perfeitas dedicadas a Deus.

Os primeiros aventais maçônicos eram todos iguais, de couro de carneiro, totalmente brancos, até para os mais altos dignitários da Ordem maçônica. Posteriormente, já a partir da segunda metade do século XVIII é que muitos deles passaram a ser verdadeiras obras de arte, com pinturas realizadas por profissionais e envolvendo uma grande quantidade de símbolos maçônicos. Não havia nenhuma padronização e, portanto, os aventais variavam de acordo com a vontade e a imaginação dos artistas. Até o material usado foi variando, sendo usados, em lugar do couro curtido, tecidos, como o linho, a seda, o cetim.

Com a regulamentação, por parte das Obediências, o avental de couro de carneiro, ou, posteriormente, de couro sintético, ou de material similar, tornou-se praticamente padronizado, nos dois primeiros graus,

havendo, para o terceiro grau, o de Mestre, variação de decoração e de cor, apenas em função do rito adotado pela Loja. Ele tem o formato retangular, ou seja, de um paralelogramo – quadrilátero cujos lados opostos são iguais e paralelos – medindo cerca de 40 centímetros no sentido horizontal, por 35, no sentido vertical, quando vestido; é atado ao corpo por uma estreita fita, ou cordão, geralmente do mesmo material do avental.

Embora muitos aventais antigos não tivessem uma abeta, esta surgiu, posteriormente, na parte superior da peça, em formato arredondado, ou triangular, sendo usada, indiferentemente, levantada, ou abaixada. Com a padronização, os aventais de Aprendiz e de Companheiro, geralmente semelhantes – de couro branco, sem nenhum ornamento – embora, em alguns ritos, o avental do Companheiro tenha uma orla da cor do rito, passaram a apresentar uma diferença básica: o Aprendiz usa o seu com a abeta levantada, enquanto que o Companheiro o usa com a abeta abaixada. No grau de Mestre, é claro, a abeta é sempre abaixada, tendo sido, exatamente nela, que começou o hábito de decorar o avental.

O avental é uma peça obrigatória na indumentária de um maçom e ele não pode se apresentar sem ela a uma sessão de Loja; sem ela, ele é considerado nu. O restante do traje importa muito pouco, desde que seja uma roupa formal, embora em alguns países de formação católica ainda persista a ideia do “traje de missa”, o que enseja o ranço de exigir, dos maçons, mesmo em lugares de clima equatorial, ou tropical, pesadas roupas de cor escura – alguns exigem traje negro mesmo – mais própria de uma convenção de agentes funerários. Chega-se, até, ao cúmulo de discutir se a gravata – preta, é claro – pode ser horizontal (borboleta), ou deve ser a vertical, mais comum!

Embora o avental, graças à sua origem, não seja mais do que o símbolo do trabalho maçônico, ele acabou sendo objeto de exegese mística, principalmente no tocante à abeta, quando de forma triangular. Na realidade, como havia o costume de cruzar, nas costas, o cordão que ata o avental, trazendo as pontas até à frente e ali dando um laço, muitos escondiam esse laço, baixando a abeta do avental sobre ele, fosse ela triangular, ou em semicírculo.

O AVENTAL COMO SÍMBOLO MÍSTICO

A abeta do avental do Aprendiz – levantada – e do Companheiro – abaixada, ou dobrada sobre o corpo do avental, foi passível de várias

interpretações místicas, das quais as mais conhecidas são:

Acreditava-se, antigamente, que a sede das emoções humanas era o epigástrico, região vulgarmente conhecida como “boca do estômago”. Simbolicamente, o Aprendiz, ainda é inexperiente e pouco aperfeiçoado, não sabendo dominar as suas emoções; para que estas não perturbem os trabalhos, o seu epigástrico é coberto com a abeta levantada do avental. Como o Companheiro, mais aperfeiçoado, já sabe dominar as suas emoções, não necessita mais dessa proteção, podendo manter a abeta abaixada.

A abeta levantada – do Aprendiz – forma um triângulo isósceles positivo, ou seja, com o vértice voltado para cima, simbolizando o ternário evolutivo, masculino, e representando o anseio do espírito em se libertar da matéria. A abeta dobrada, ou abaixada – do Companheiro – forma um triângulo isósceles negativo, ou seja, com o ápice voltado para baixo, representando o ternário involutivo, feminino, e simbolizando o princípio espiritual penetrando e vivificando a matéria.

O avental do Aprendiz é comparado à pedra cúbica, com uma pirâmide sobre ela. Isso, evidentemente, numa visão tridimensional, de sólidos geométricos, pois, em duas dimensões, ele corresponderia a um quadrado – na realidade, não é um quadrado, dadas as dimensões desiguais – tendo, sobre ele, um triângulo equilátero – que, na realidade, é isósceles, com apenas dois lados iguais. O quadrado corresponde, no sentido hermético, à matéria, enquanto que o triângulo simboliza o espírito. No Aprendiz, então, o espírito está dissociado da matéria, o que não acontece com o Companheiro (e com o Mestre), no qual o espírito está incorporado à matéria.

E ASTROLÓGICO

Astrologicamente, a abeta do avental seria a evocação do grande triângulo maçônico, representado, inclusive, no céu da Loja, como já foi visto, e cujas pontas estão na constelação de Leão, a do vértice, e nas constelações de Bootes (Boieiro) e da Virgem, as da base. As estrelas fundamentais, formadoras dos três ângulos, seriam Régulus, de Leão, Arcturus, de Bootes, e Spica, da Virgem.

Com o simbolismo dos signos de Leão e de Virgem, Deus engendra a pureza, através da virgem. O signo de Virgem ocupa a base direita do triângulo, enquanto que Bootes, o boieiro, o pastor, o guia do rebanho, é o terceiro ângulo, à esquerda. Pastor de rebanho lembra o pastor de ovelhas,

ou por extensão, de carneiros, animal vestido, naturalmente, de lã branca, que é o símbolo da pureza e do amor, qualidades básicas do maçom que faz, da pele do carneiro, o seu avental.

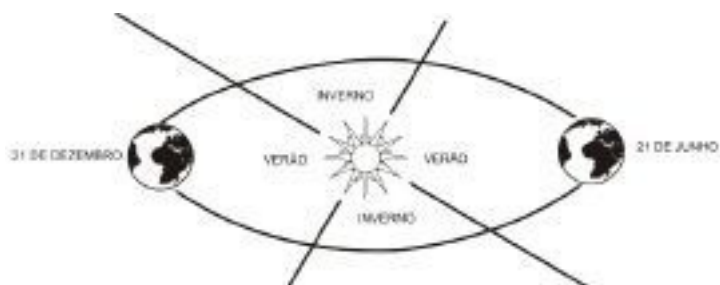
O maçom vai, também, à Loja, para dominar as suas paixões; e a mais evidente delas é a que resulta da sexualidade. O avental branco, então, por sua posição, no corpo, leva, naturalmente, a uma outra forma de simbolismo de pureza, no sentido de domínio das paixões e dos instintos. Para destacar o caráter desse simbolismo, é necessário recorrer à simbólica astrológica, em especial à do signo de Escorpião, valorizada, de maneira surpreendente, em todas as tradições.

O signo de Escorpião é, por tradição, o signo da sexualidade e da morte, que faz com que as coisas morram, para chegar a um plano superior. Ele é o oitavo signo e o seguinte, o nono, é o de Sagitário, governado por Júpiter e que comanda as altos planos do espírito, da fé e da comunicação com o mundo superior. Escorpião, o 8o. signo, permite, pela transmutação, o acesso a 9, último número do Mestre, quando ele morre para a materialidade e para as paixões humanas, para chegar ao conhecimento, ao vértice do triângulo, ao cume da montanha, no 10o. signo, o de Capricórnio, colocado no meio-dia, no zênite.

AS FESTAS MAÇÔNICAS

AS LOJAS DE SÃO JOÃO E OS SOLSTÍCIOS

Além de girar em torno de seu eixo, a Terra desloca-se no espaço, com um movimento de translação em torno do Sol, quando descreve uma elipse, de acordo com as leis de Kepler. Para o observador situado na Terra, todavia, é como se esta fosse fixa e o Sol se movesse em torno dela, seguindo um caminho, que, como já foi visto, é chamado de eclíptica.



OS SOLSTÍCIOS

Os solstícios separam as duas grandes estações do ano - verão e inverno - épocas de significativas e notáveis mudanças.

Em sua marcha em torno do Sol, a Terra, descrevendo uma elipse, ficará mais próxima, ou mais afastada do astro da luz. O ponto mais próximo – 147 milhões de quilômetros – é o periélio; o mais afastado – 152 milhões de quilômetros – é o afélio. Se a Terra, no movimento de translação, girasse sobre um eixo vertical em relação ao plano da órbita, as suas diferentes regiões receberiam iluminação sempre sob o mesmo ângulo e a temperatura seria sempre constante, em cada uma delas. Mas, como o eixo é inclinado, em relação à órbita, essa inclinação faz com que os raios solares incidam sobre a Terra segundo um ângulo diferente, a cada dia que passa. E, assim, vão se sucedendo as estações: verão, outono, inverno e primavera.

Como os planos do equador terrestre e da eclíptica não coincidem, tendo uma inclinação, um em relação ao outro, de 23 graus e 27 minutos, eles se cortam ao longo de uma linha, que toca a eclíptica em dois pontos: são os equinócios. O Sol, em sua órbita aparente, cruza esses pontos, ao passar de um hemisfério celeste para outro; a passagem de Sul a Norte, marca o início da primavera no hemisfério Norte e do outono no hemisfério Sul; a passagem do Norte para o Sul, marca o início do outono no hemisfério Norte e da primavera no hemisfério Sul. Esses são os equinócios

de primavera e de outono.

Por outro lado, nos momentos em que o Sol atinge sua maior distância angular do equador terrestre, ou seja, quando é máximo o valor de sua declinação, ocorrem os solstícios. Os dois solstícios ocorrem a 21 de junho e a 21 de dezembro; a primeira data marca a passagem do Sol pelo primeiro ponto do trópico de Câncer, enquanto que a segunda é a passagem do Sol pelo primeiro ponto do trópico de Capricórnio. No primeiro caso, o Sol está em afélio e é solstício de verão no hemisfério Norte e de inverno no hemisfério Sul; no segundo, o Sol está em periélio e é solstício de inverno no hemisfério Norte e de verão no hemisfério Sul. Portanto, o solstício de verão no hemisfério Norte e de inverno no hemisfério Sul, ocorre quando o Sol está em sua posição mais boreal (Norte), enquanto que o solstício de verão no hemisfério Sul e de inverno no hemisfério Norte, ocorre quando o Sol está em sua posição mais austral (Sul).

Por herança recebida dos membros das organizações de ofício, que, tradicionalmente, costumavam comemorar os solstícios, essa prática chegou à Maçonaria moderna, mas já temperada pela influência da Igreja sobre as corporações operativas. Como as datas dos solstícios são 21 de junho e 21 de dezembro, muito próximas das datas comemorativas de São João Batista – 24 de junho – e de São João Evangelista – 27 de dezembro – elas acabaram por se confundir com estas, entre os operativos, chegando à atualidade. Hoje, a posse dos Grão-Mestres das Obediências e dos Veneráveis Mestres das Lojas realiza-se a 24 de junho, ou em data bem próxima; e não se pode esquecer que a primeira Obediência maçônica do mundo, como já foi visto, foi fundada em 1717, no dia de São João Batista.

Graças a isso, muitas corporações, embora houvesse um santo protetor para cada um desses grupos profissionais, acabaram adotando os dois São João como padroeiros, fazendo chegar esse hábito à moderna Maçonaria, onde existem, segundo a maioria dos ritos, as Lojas de São João, que abrem os seus trabalhos “à glória do Grande Arquiteto do Universo (Deus) e em honra a S. João, nosso padroeiro”, englobando, aí, os dois santos.

Na Loja, essas datas solsticiais estão representadas num símbolo, que é o Círculo entre Paralelas Verticais e Tangenciais. Este significa que o Sol não transpõe os trópicos, o que sugere, ao maçom, que a consciência religiosa do Homem é inviolável; as paralelas representam os trópicos de Câncer e de Capricórnio e os dois São João.

ASTROLOGICAMENTE

Tradicionalmente, por meio da noção de porta estreita, como dificuldade de ingresso, o maçom evoca as portas solsticiais, estreitos meios de acesso ao conhecimento, simbolizados no círculo cósmico, no círculo da vida, no zodíaco, pelo eixo Capricórnio-Câncer, já que Capricórnio corresponde, ao solstício de inverno e Câncer ao de verão (no hemisfério Norte, com inversão para o Sul). A porta corresponde ao início, ou ao ponto ideal de partida, na elíptica do nosso planeta, nos calendários gregorianos e também em alguns pré-colombianos, dentro do itinerário sideral.

O homem primitivo distinguia a diferença entre duas épocas, uma de frio e uma de calor, conceito que, inicialmente, lhe serviu de base para organizar o trabalho agrícola. Graças a isso é que surgiram os cultos solares, com o Sol sendo proclamado – como fonte de calor e de luz – o rei dos céus e o soberano do mundo, com influência marcante sobre todas as religiões e crenças posteriores da humanidade. E, desde a época das antigas civilizações, o homem imaginou os solstícios como aberturas opostas do céu, como portas, por onde o Sol entrava e saía, ao terminar o seu curso, em cada círculo tropical.

A personificação de tal conceito, no panteão romano, foi o deus Janus, representado como divindade bifásica, graças à sua marcha pendular entre os trópicos; o seu próprio nome mostra essa implicação, já que deriva de janua, palavra latina que significa porta. Por isso, ele era, também, conhecido como Janitur, ou seja, porteiro, sendo representado com um molho de chaves na mão, como guardião das portas do céu. Posteriormente, essa alegoria passaria, através da tradição popular cristã, para São Pedro, mas sem qualquer relação com o solstício.

Janus era um deus bicéfalo, com duas faces simetricamente opostas, cujo significado simbolizava a tradição de olhar, uma das faces, constantemente, para o passado, e a outra, para o futuro. Os Césares da Roma imperial, em suas celebrações e para dar ingresso ao Sol nos dois hemisférios celestes, antepunham o deus Janus, para presidir todos os começos de iniciação, por atribuir-lhe a guarda das chaves.

Tradicionalmente, tanto para o mundo oriental, quanto para o ocidental, o solstício de Câncer, ou da Esperança, alusivo a São João Batista (verão no hemisfério Norte e inverno no hemisfério Sul), é a porta cruzada pelas almas mortais e, por isso, chamada de Porta dos Homens, enquanto

que o solstício de Capricórnio, ou do Reconhecimento, alusivo a São João Evangelista (inverno no hemisfério Norte e verão no hemisfério Sul), é a porta cruzada pelas almas imortais e, por isso, denominada Porta dos Deuses. Para os antigos egípcios, o solstício de Câncer (Porta dos Homens) era consagrado ao deus Anúbis; os antigos gregos o consagravam ao deus Hermes. Anúbis e Hermes eram, na mitologia desses povos, os encarregados de conduzir as almas ao mundo extraterreno^[51].

A importância dessa representação das portas solsticiais pode ser encontrada com o auxílio do simbolismo cristão, pois, para o maçom, as festas dos solstícios são, em última análise, as festas de São João Batista e de São João Evangelista. São dois São João e há, aí, uma evidente relação com o deus romano Janus e suas duas faces: o futuro e o passado, o futuro que deve ser construído à luz do passado. Sob uma visão simbólica, os dois encontram-se num momento de transição, com o fim de um grande ano cósmico e o começo de um novo, que marca o nascimento de Jesus: um anuncia a sua vinda e o outro propaga a sua palavra. Foi a semelhança entre as palavras Janus e Joannes (João, que, em hebraico é Ieho-hannam = graça de Deus) que facilitou a troca do Janus pagão pelo João cristão, com a finalidade de extirpar uma tradição “pagã”, que se chocava com o cristianismo. E foi desta maneira que os dois São João foram associados aos solstícios e presidem às festas solsticiais.

Continua, aí, a dualidade, princípio da vida: diante de Câncer, Capricórnio; diante dos dias mais longos, do verão, os dias mais curtos, do inverno; diante de São João “do inverno”, com as trevas, Capricórnio e a Porta de Deus, o São João “do verão”, com a luz, Câncer e a Porta dos Homens (vale recordar que, para os maçons, simbolicamente, as condições geográficas são, sempre, as do hemisfério Norte).

Dentro dessa mesma visão simbólica, podemos considerar a configuração da constelação de Câncer. Suas duas estrelas principais tomam o nome de Aselos (do latim Asellus, i = diminutivo de Asinus, ou seja: jumento, burrico). Na tradição hebraica, as duas estrelas são chamadas de Haiot Nakodish, ou seja, animais de santidade, designados pelas duas primeiras letras do alfabeto hebraico, Aleph e Beth, correspondentes ao asno e ao boi. Diante delas, há um pequeno conglomerado de estrelas, denominado, em latim, Praesepe, que significa presépio, estrebaria, curral, manjedoura, e que, em francês, é crèche, também com o significado de presépio, manjedoura, berço. Essa palavra crèche já foi, inclusive, incorporada a idiomas latinos, com o significado de

local onde crianças novas são acolhidas, temporariamente.

Esse simbolismo dá sentido à observação material: Jesus nasceu a 25 de dezembro, sob o signo de Capricórnio, durante o solstício de inverno, sendo colocado em uma manjedoura, entre um asno e um boi.

Essa data de nascimento, todavia, é puramente simbólica. Para os primeiros cristãos, Jesus nascera em julho, sob o signo de Câncer, quando os dias são mais longos no hemisfério Norte. O sentido cristão, no plano simbólico, abordaria, então, apenas a Porta dos Homens e, assim, só haveria a compreensão de Jesus, como ser, como homem. Mas Jesus é o ungido, o messias, o Cristo – segundo a teologia cristã – e o outro polo, obrigatoriamente complementar, é a Porta de Deus, sob o signo de Capricórnio, tornando a dualidade compreensível.

Dois elementos, entretanto, um material e um religioso, viriam a influir na determinação da data de 25 de dezembro. O material refere-se aos hábitos dos antigos cristãos e o religioso, ao mitraismo da antiga Pérsia, adotado por Roma:

Os primeiros cristãos do Império Romano, para escapar às perseguições, criaram o hábito de festejar o nascimento de Jesus durante as festas dedicadas ao deus Baco, quando os romanos, ocupados com os folguedos e orgias, os deixavam em paz.

Mas a origem mitraica é a que é mais plausível para explicar essa data totalmente fictícia: os adeptos do mitraismo costumavam se reunir na noite de 24 para 25 de dezembro, a mais longa e mais fria do ano, numa festividade chamada – no mitraismo romano – de *Natalis Invicti Solis* (nascimento do Sol triunfante).

Durante toda a fria noite, ficavam fazendo oferendas e preces propiciatórias, pela volta da luz e do calor do Sol, assimilado ao deus Mitra. O cristianismo, ao fixar essa data para o nascimento de Jesus, identificou-o com a luz do mundo, a luz que surge depois das prolongadas trevas.

LIBERDADE, IGUALDADE E FRATERNIDADE

ORIGEM DO LEMA

As três palavras – Liberdade, Igualdade e Fraternidade – que se tornaram, praticamente, um lema da Maçonaria contemporânea, não têm origem maçônica. Alguns autores, mais ufanos do que realistas e mais fantasistas do que científicos, afirmam que o lema é maçônico e foi utilizado como divisa da Revolução Francesa de 1889.

A verdade histórica, todavia, é bem outra:

Em primeiro lugar, o lema da Revolução Francesa era “Liberté, Égalité, ou la Mort” (Liberdade, Igualdade, ou a Morte). Só com a 2ª. República, em 1848, é que ele iria se transformar em “Liberté, Égalité, Fraternité” (Liberdade, Igualdade, Fraternidade)[\[52\]](#).

Em segundo lugar, foi a Maçonaria francesa que, na segunda metade do século XIX, adotou o lema da 2ª. República, o qual acabaria se vulgarizando entre os maçons que trabalhavam sob influência da cultura francesa, em todo o mundo, a ponto de chegar a ser considerado como uma divisa exclusivamente maçônica, o que não é.

Em terceiro lugar, a ideia de Liberdade, Igualdade e Fraternidade é bem mais antiga. Podem ser encontrados vestígios dela, quando da criação da primeira seita comunista, dita “Comunismo Cristão”, fundada em 1694, por Johann Kelperès. Para os membros dessa seita, o Messias aguardado não se apresenta como o pescador de almas, mas, sim, através de uma trilogia, onde ele é o “distribuidor de justiça”(igualdade), o “grande irmão” (fraternidade) e o “libertador” (liberdade).

A análise da divisa, ou da trilogia, pode ser feita através do prisma político-social, ou sob o ponto de vista exclusivamente iniciático. No primeiro caso, teríamos:

A Igualdade constitui um ideal da organização social, pela qual lutou a humanidade, à medida que ia avançando no caminho de sua evolução. Essa luta dura até hoje, porque a divisão das nações, em sistemas políticos, das comunidades, em classes sociais, e dos indivíduos, em posições econômicas, morais e intelectuais, prejudicam os esforços em benefício da igualdade irrestrita.

A Fraternidade é considerada como a conduta que norteia a vida de

um indivíduo. Ela é desejada, reclamada e fixada como objetivo de todas as religiões, instituições sociais, partidos políticos, etc. , estabelecendo o altruísmo contra o egoísmo, a benevolência contra a malevolência, a tolerância contra a intolerância, o amor contra o ódio.

A Liberdade nasce com o indivíduo, atinge o consciente coletivo dos povos e produz fatos extraordinários. O sentimento de liberdade é o bem mais caro ao coração de um homem; e não há nada que o deprima tanto quanto a opressão da escravidão, o encarceramento da consciência e a privação da liberdade.

Do ponto de vista iniciático, todavia, o conceito é um pouco diferente:

A Igualdade repousa sobre a consciência da identidade básica de todos os seres e de todas as manifestações do espírito humano, acima de todas as distinções externas de posição social e de grau de conhecimento e de desenvolvimento intelectual. Essa igualdade, representada pelo Nível, é que proporciona, a todos, uma justa e reta maneira de conduta com todos os semelhantes.

A Fraternidade é considerada o complemento da liberdade individual e da igualdade espiritual, das quais representa a adoção prática. Em síntese, é a tolerância, em relação à liberdade, e a compreensão, em relação à igualdade.

A Liberdade é definida como uma aquisição individual, íntima, fundamentalmente independente da liberdade externa, que pode ser outorgada pelas leis e pelas circunstâncias da vida. Em resumo, é a liberdade que se adquire buscando a Verdade e realizando esforços para trilhar o caminho da virtude, dominando os vícios, os hábitos negativos e as paixões destrutivas.

A INTERPRETAÇÃO ASTROLÓGICA

A Igualdade é o símbolo de Libra, ou Balança. Este signo é o símbolo universal do equilíbrio, da legalidade e da justiça, concretizados pelo senso da diplomacia e da cortesia, que o caracterizam, assim como a aversão à agressividade e à violência de Áries, que está diante dele. Libra significa, em última análise, um caráter afável, um sentido de justiça, harmonia e sociabilidade, que são, todos, atributos da igualdade.

A Fraternidade é perfeitamente ilustrada pelo signo de Gêmeos, em sua dualidade, representado por dois gêmeos, que são os míticos Castor e

Pólux, cada um desempenhando seu papel, sem nenhuma proeminência sobre o outro. O signo de Gêmeos é dual, porque simboliza o momento em que a força criativa de Áries e Touro divide-se em duas correntes: uma tem sentido ascensional, espiritual, e a outra é descendente, no sentido da multiplicidade das formas e do mundo fenomênico. Considere-se, também, que, face a Gêmeos, está Sagitário, governado por Júpiter, Zeus, Deus, do qual todos os homens emanam, o que os faz irmãos uns dos outros, com cada um procurando-o, à sua maneira.

A Liberdade é apanágio de Aquário, simbolizado por Ganimedes, pelo anjo derramando, sobre a humanidade, o cântaro do saber ; saber, que, se for bem utilizado, pode ser um meio de acesso à liberdade, com a condição de que aceite a superioridade do iniciado. Só o iniciado, o sábio, poderá reconhecer os limites além dos quais não poderá ir, pois esta é a maneira dele chegar ao conhecimento dos mistérios divinos. Essa ligação com o divino, da qual Moisés é um símbolo, o respeito às leis divinas, fundamental para uma existência pacífica e harmoniosa, serão, também, assinalados pelo signo frontal a Aquário: Leão, cujo símbolo é o Sol; o Sol, símbolo do UM, símbolo de Deus. Esses três signos, Libra, Gêmeos e Aquário, são os signos do ar do zodíaco. E os signos do ar são símbolos do espírito, são símbolos do cosmos, que o iniciado deve procurar conhecer e compreender.

A LENDA DO TERCEIRO GRAU

ORIGEM E DESCRIÇÃO

A lenda do terceiro grau, o de Mestre, surgiu na Maçonaria moderna e é indistintamente decalcada na lenda de Osíris e em outros mitos solares da Antiguidade.

A lenda – que, como lenda, não tem qualquer compromisso com a realidade – gira em torno de Hiram Abi, considerado o mestre construtor do Templo, embora, na verdade, fosse, apenas, um hábil entalhador de metais. Em linhas gerais, ela pode ser assim descrita:

Hiram-Abi, filho de uma viuva da tribo de Neftali, foi contratado por Salomão, para a construção do Templo, cuja finalidade era a união de esforços para um fim espiritual. Enviado por Hiram, rei de Tiro, Hiram-Abi foi, então, designado como chefe supremo da construção e, levando em consideração o talento e as virtudes de cada obreiro, além de seu grau de evolução e conhecimento – os operários, provenientes de vários países não tinham, todos, o mesmo preparo – dividiu-os em três categorias: aprendizes, companheiros e mestres. Depois, transmitiu, a cada um desses grupos, a maneira particular de se reconhecerem e determinou-lhes o local de trabalhos: os aprendizes ocupariam a primeira coluna de obreiros, ao Norte, os companheiros, a segunda, ao Sul, e os mestres, o meio de ambas, a câmara do meio, num lugar secreto, que era interno e por cima dos outros dois, representando um estado de consciência superior ao dos outros grupos.

A obra durou, aproximadamente, sete anos e, durante todo esse tempo, reinou a paz, a harmonia e a prosperidade, assinaladas pela Sabedoria (Salomão), a Força (Hiram, rei de Tiro) e Beleza (Hiram-Abi). Pela dedicação e pelo esforço, podiam, os obreiros mais destacados, subir de categoria, recebendo aumento de salário; pretendiam, Salomão e Hiram-Abi, ao término das obras, elevar ao mestrado os companheiros mais dedicados, aqueles que, realmente, merecessem, para que, quando retornassem às suas respectivas pátrias, tivessem melhores condições de ganhar a vida, como mestres construtores.

Quase ao final da construção, porém, a harmonia foi quebrada, quando quinze companheiros, que ainda não haviam completado o seu tempo de estudos e de experiência, mas que ansiavam regressar logo aos seus países de origem como mestres, combinaram arrancar de Hiram-Abi, a

qualquer custo, a “palavra sagrada” e os meios de reconhecimento dos mestres, com a finalidade de frequentar a câmara do meio, embora indevidamente.

Doze desses companheiros logo se arrependeram do ajuste e faltaram ao encontro. Os outros três, porém, persistiram em seu intento e escolheram o meio-dia, como a hora mais propícia, pois Hiram, nessa hora, ficava só, para revisar os trabalhos e fazer as orações, enquanto os demais repousavam. Penetrando no Templo, cada um ocupou uma das três portas principais do recinto – ao Sul, no Ocidente e no Oriente – pois o mestre Hiram deveria sair por uma delas.

Quando Hiram, terminado o seu trabalho e as suas preces, pretendeu sair pela porta do Sul, foi interceptado pelo primeiro dos companheiros, que, portando uma régua de 24 polegadas, exigiu, dele, a palavra sagrada e os sinais de reconhecimento dos mestres. Diante disso, ele recusou, aconselhando: “trabalha e serás recompensado”. Frustrado em seu intento, o companheiro, então, tentou golpeá-lo com a régua ; Hiram, desviando o rosto, foi atingido na garganta.

Em seguida, refazendo-se do golpe, ele tentou escapar pela porta do Ocidente, mas ali se encontrava o segundo companheiro, que, munido de um esquadro de ferro, repetiu a exigência já feita pelo primeiro. Hiram, novamente, negou, aconselhando: “trabalha e obterás”, o que fez com que o companheiro, contrariado, o ferisse no peito, com o esquadro.

Atordado e no fim de suas forças, ele tentou sair pela porta do Oriente, onde estava o terceiro companheiro, que, munido de um malho, repetiu a mesma exigência dos dois anteriores e que, diante da mesma negativa, golpeou-lhe a cabeça, mortalmente, com o malho. Depois disso, reuniram-se, os três companheiros, para ver se algum deles havia obtido o que queriam. Diante do fracasso do empreendimento, ficaram horrorizados e trataram, logo, de ocultar o corpo do mestre e apagar o vestígio do crime cometido. O corpo foi, então, levado na direção do Ocidente e escondido no cume de uma colina, perto do local da construção do Templo.

No dia seguinte, foi notada a ausência do mestre Hiram aos trabalhos, assim como a dos três companheiros, o que fez com que os outros doze, que haviam desistido da empreitada, revelassem a trama aos seus mestres, que, por sua vez, levaram o fato ao conhecimento de Salomão. Este, então, ordenou que um grupo de mestres fosse à procura de Hiram e dos três companheiros. Depois de algum tempo e de inúteis esforços para cumprir a missão, um dos mestres, dirigindo-se a uma caverna, para passar

a noite, ouviu uma série de vozes e comprovou que elas eram dos três malfeitores, arrependidos, falando do castigo que mereciam, pelo crime que haviam cometido. Quando se pretendeu detê-los, todavia, eles fugiram e desapareceram para sempre (algumas versões da lenda dizem que eles foram presos e executados).

Quando o grupo regressava, um dos mestres, ao deitar-se sobre um montículo, para repousar um pouco, notou que a terra fora remexida pouco antes e percebeu odor de decomposição. Chamou os outros e, juntos, começaram a cavar; como, todavia, começava a cair a noite, regressaram e relataram o ocorrido a Salomão. Antes de sair do local, porém, deixaram, sobre o montículo, um ramo de acácia, para marcá-lo . Outra versão da lenda diz que os três companheiros, quando foram presos, indicaram o local onde estava o corpo, dizendo que o haviam assinalado com um ramo de acácia; o que importa, todavia, é a presença da acácia, pelo seu alto conteúdo simbólico[53].

Ciente do fato, Salomão enviou outro grupo de mestres, com a finalidade de reconhecer o corpo de Hiram e retirá-lo do local onde fora sepultado. Reconhecido e antes de ser retirado, os mestres circulam em torno do local da inumação. Retirado o corpo da cova[54], Hiram-Abi, reconstituído, revive, simbolicamente, num plano superior , enquanto que a primeira expressão dita pelos mestres, ao encontrar o corpo, tornou-se a nova palavra sagrada, que fora perdida.

AS LIÇÕES SOCIAIS E MORAIS DA LENDA

Muitas lições morais, éticas e sociais podem ser tiradas da lenda (e esse é o seu objetivo). As principais, são:

Dividindo os operários de acordo com a sua experiência e dando-lhes a possibilidade de progredir, como resultado de seu aprendizado e de seu trabalho, Hiram expõe duas lições sociais e éticas: a cada um, segundo as suas aptidões; e a cada um, segundo os seus méritos. Isso significa que ninguém deve procurar fazer algo além de sua capacidade, deixando o que esteja nesse caso a cargo dos mais habilitados; e que o homem só pode progredir, com dignidade, caso tenha merecimento e não com o uso de recursos escusos, ilegais, imorais e antiéticos.

Hiram, símbolo da sabedoria, é morto pelos três companheiros, que simbolizam a inveja, a ambição e a ignorância – forças das trevas – mas

revive na Luz. Isso significa que, por mais que a ambição, a ignorância e a inveja queiram destruir o saber, entravando a evolução racional da espécie humana, ele, mesmo parecendo acabado e morto, revive, para reger o destino do homem, no caminho do constante aperfeiçoamento. Ele é como a fé, que não se pode matar com a violência, e como a esperança, que sobrevive mesmo quando tudo parece perdido.

E A INTERPRETAÇÃO ASTROLÓGICA

Como já foi destacado, a lenda do terceiro grau é, bastante calcada na lenda de Osíris, do antigo Egito, e, por extensão, nos mitos solares da Antiguidade.

Osíris, personificação do Sol, foi morto por seu irmão Set, personificação das trevas, no 17º dia do mês Hator, que marcava o início do inverno. E, depois de reconstituído o seu corpo, ressuscitou, como o Sol que retorna, completando o ciclo anual. O mesmo ocorre com Hiram, também personificação do Sol, como emblema do espírito, do Eu Superior, força positiva e dominadora do cosmos, sendo morto pelas forças das trevas – a ignorância, o fanatismo e a ambição – personificadas nos três companheiros. E revivendo, depois, como o Sol, e completando um novo ciclo, também representado pelas sucessivas mortes e renascimentos dos vegetais, de acordo com a influência solar.

Essa exegese é confirmada pela circulação dos mestres em torno do túmulo de Hiram-Abi, marcha que é relacionada com a revolução anual do Sol, através dos signos zodiacais, ou seja, a eclíptica, e que é uma reminiscência simbólica de antigas iniciações.

Os cinco signos zodiacais relacionados com o grau de Mestre Maçom, como já foi visto, prendem-se, todos eles, à lenda de Hiram-Abi:

Escorpião, o signo da morte, que representa a desagregação dos elementos, a perda da luz do Sol e a morte da natureza, simboliza o assassinio de Hiram, pelos três Companheiros.

Sagitário, que representa a natureza morta e o espírito animador, que se destaca do corpo, simboliza a procura do corpo de Hiram e o lamento dos obreiros, pela perda do mestre e da palavra sagrada.

Capricórnio, que representa a terra inerte, porém fecundável, com a esperança de nova ressurreição da natureza, simboliza a descoberta do local em que o corpo de Hiram foi sepultado.

Aquário, que representa a reconstituição dos elementos

construtivos, preparando uma nova onda de vida, na terra ainda inerte, simboliza a união de todos os obreiros no sentido de fazer com que o corpo de Hiram, retirado de seu túmulo, possa ressurgir num plano mais elevado (como Hiram simboliza a luz do Sol, a cerimônia tem similaridade com o culto mitraico do “Natalis Invicti Solis”).

Peixes, que representa a total ressurreição da natureza, com a volta da luz, simboliza o renascimento – não no plano material, mas no espiritual – do mestre Hiram-Abi e o reencontro da palavra perdida.

O SETENÁRIO DO GRAU DE MESTRE

Sete é o número do Mestre Maçom; é a sua idade simbólica. E para justificar a sua idade iniciática, ele não pode esquecer as explicações que os antigos davam, em torno das propriedades intrínsecas dos números. O 2º Grau, o de Companheiro, conduziu-o ao limiar do setenário, fazendo-o subir os sete degraus do templo, que representam as Sete Ciências, ou Artes Liberais da Antiguidade: Gramática, Retórica ou Dialética, Lógica, Aritmética, Geometria, Música e Astronomia. Compete-lhe, como Mestre, partir do sete e percorrer toda a série dos números superiores.

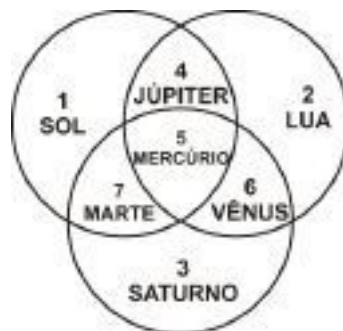
O número sete sempre foi considerado perfeito, ocupando um lugar de destaque em todas as culturas da Antiguidade. Os babilônios, por exemplo, ao construir sete recintos cúbicos na torre de Babel, os consideravam como uma obra sagrada, pois o setenário da torre tinha a finalidade de ligar a Terra ao Céu, já que a divindade se manifestava, aos olhos dos magos ou sacerdotes, por meio de sete departamentos de um governo universal. Esses departamentos correspondiam aos sete planetas conhecidos na Antiguidade.

Isso é simbolizado pelos três anéis entrelaçados que formam a trindade, onde se encontra o setenário, correspondendo aos sete planetas:

O 1º Círculo é o Círculo de Ouro, símbolo do Sol, centro imutável de onde irradia toda a atividade; espírito que anima a matéria; o enxofre dos alquimistas; o fogo interior individual e elemento gerador da cor rubra do sangue, da ação, do calor e da luz.

O 2º Círculo é o Círculo de Prata, símbolo da Lua, astro mutável, reflexo receptivo das influências; substância passiva, esposa do espírito; o mercúrio dos hermetistas, veículo da atividade espiritual que penetra em todas as coisas; espaço, cor azul: ar, sentimento, sensibilidade.

O 3º Círculo é o Círculo de Bronze, ou de Chumbo, símbolo de Saturno, deus precipitado do céu, que reina sobre o que é material, grosseiro; materialidade, positivismo, energia física; cor amarela, passando ao cinza e ao negro: arcabouço ósseo; base sólida de toda construção; rocha que fornece a pedra bruta, ponto de partida da Grande Obra.



A interseção dos Círculos de Ouro e Prata simboliza o filho, nascido da união dos pais; é Júpiter, correspondente à espiritualidade que se opõe a Saturno, por ele destronado; é ele que decide e ordena, projetando o seu raio, a centelha da vontade; cor púrpura ou violeta: idealismo, consciência, responsabilidade, autossuficiência.

A interseção dos Círculos de Prata e Bronze é o domínio de Vênus, a vitalidade, o orvalho gerador dos seres; cor verde: ternura, doçura, sensibilidade física.

A interseção dos Círculos de Ouro e Bronze corresponde a Marte, a atividade material, a necessidade de ação, a motricidade que consome a energia vital; fogo devorador; cor da chama, amarelo-vermelho-escarlata: instinto de conservação, egoísmo, ferocidade, mas também ânsia inquebrantável de realização.

O espaço central, interseção dos três círculos, domínio de Mercúrio, é onde as três cores primitivas sintetizam-se na luz branca; é a estrela flamejante, o mercúrio dos sábios, a quintessência; éter vivente sobre o qual age e reflete; é o agente do magnetismo, fluido de atração.

[1] Ramsés II (1301-1225 a. C.), faraó da XIX Dinastia, também conhecido como “o Grande”, era filho de Seti I e governou o Egito durante 67 anos. Sob a sua direção, o país experimentou uma grande prosperidade econômica e uma era de paz, depois da decisiva vitória sobre os hititas, na batalha de Kadesh (1272 a. C.). Faraó da época do êxodo dos hebreus, foi o responsável pela determinação dos signos astrológicos cardeais. Construiu Tebas e, por ordem sua e sob a sua direção, o majestoso Templo de Abu-Simbel foi esculpido na rocha, a partir de princípios astrológicos; também o seu imponente hipostilo no Templo de Ámon, em Karnak, foi idealizado em relação aos pontos fixos da esfera celeste.

[2] Hipócrates (460-335 a. C., aproximadamente), considerado “o pai da Medicina”, foi um fisiologista grego, nascido na ilha de Cós, na Ásia Menor. Foi o primeiro a utilizar um método de observação clínica, segundo a sua teoria dos humores. Os seus trabalhos, ou aqueles que lhe foram atribuídos – sem comprovação da paternidade – foram reunidos na Coleção Hipocrática, surgida por volta de 300 a. C., em Alexandria.

[3] Claudius Ptolomaeus (120-180), astrônomo, astrólogo e geógrafo, é considerado o primeiro cientista celeste, embora pouco se saiba sobre sua vida. Durante vários séculos, a ele foi creditada a autoria do Tetrabiblos; estudiosos modernos, porém, alegam que o estilo da obra sugere que ela tenha sido baseada em documentos mais antigos, dos babilônios e egípcios. Mesmo assim, suas observações foram extremamente importantes para o desenvolvimento da astronomia e da astrologia. Ele descreveu um mundo esférico, no centro do universo, cercado pelos corpos celestes, para, em seguida, estabelecer suas dimensões – geralmente, com muita exatidão – e catalogou mais de mil estrelas diferentes, trezentas das quais pela primeira vez.

[4] São Tomás de Aquino (1225-1274), nasceu no burgo de Aquino, Itália. Foi filósofo e teólogo cristão, declarado o Doctor Angelicus da Igreja Católica e canonizado por João XXII, em 1323. Sua doutrina cristianizava as ideias de Aristóteles, reunindo-as no mais poderoso sistema filosófico-teológico da Idade Média, o qual foi, em alusão a ele, chamado de tomismo. Suas principais obras, onde se encontra essa doutrina, são: Summa Theologiae e Summa Contra Gentiles.

[5] Nicolau Copérnico (1473-1543) foi um astrônomo polonês, nascido em Torun, cujo principal trabalho foi a elaboração da teoria heliocêntrica.

Dedicado, além da astronomia, à matemática, às leis e à medicina, publicou, em 1543, a obra *De revolutionibus orbium coelestium* (Das Revoluções do Orbe Celeste), onde expôs sua teoria, conforme o que já fora sugerido por Aristarco de Samos, por volta de 270 a. C. . Esta obra tinha uma introdução de Raethius, dedicada ao papa Paulo III, interessado em astrologia, e dirigida ao astrólogo Schoner.

[6] Tycho Brahe (1546-1601) foi um astrônomo dinamarquês, descobridor de uma desigualdade, denominada “variação”, do movimento lunar, com período igual ao da revolução sinódica. Filho do seu tempo, quando a ciência misturava-se às crenças tradicionais, Tycho, embora liquidasse com a noção de que os planetas eram fixos dentro de esferas cristalinas, não conseguia aceitar que a Terra pudesse se mover no espaço. Além de astrônomo, ele foi astrólogo da corte dinamarquesa.

[7] Johannes Kepler (1571-1630) foi um matemático astrônomo alemão, nascido em Weil, Wurttemberg, o qual descobriu as três leis fundamentais da Mecânica celeste, tendo, também, se dedicado à óptica física. Depois de ter trabalhado na cervejaria de seu pai – muito pobre – ingressou, aos 17 anos, na universidade, sendo, posteriormente, nomeado professor de astronomia em Graz. Em 1600, tornou-se assistente de Tycho Brahe, em Praga, sucedendo-o, em 1601, como matemático imperial e astrônomo da corte. No final da vida, como astrólogo da corte do duque de Wallenstein, ele escrevia que “a crença no efeito das constelações deriva, em primeiro lugar, da experiência, que é tão convincente, que só pode ser negada por quem não a tenha examinado”. Além de astrônomo e mestre em matemática, Kepler era um místico, que, inclusive, acreditava que os planetas emitiam notas musicais, na sua passagem pelo céu.

[8] Até 2006, Plutão era considerado o nono planeta do Sistema Solar. No final da década de 1970, com a descoberta de Chiron e o reconhecimento da sua pequena massa, sua classificação como um planeta começou a ser questionada. No início do século XXI, vários outros objetos similares a Plutão foram descobertos no Sistema Solar externo, incluindo Éris, que é 27% mais massivo do que ele. Em 24 de agosto de 2006, a União Astronômica Internacional (UAI) criou uma definição de planeta formal, que fez com que Plutão deixasse de ser um planeta e ganhasse a nova classificação de planeta-anão, juntamente com Éris e Ceres. Depois da reclassificação, Plutão foi adicionado à lista de corpos menores do Sistema Solar. N.E.

[9] Aristóteles (384-322 a. C.), nascido em Estagira, na Macedônia, foi um filósofo grego, discípulo de Platão durante trinta anos. Com este, ele formou a alternativa essencial do pensamento humano durante mais de dois mil anos, dominando toda a estrutura cultural e científica; só recentemente é que várias de suas teorias tornaram-se superadas. Sua vastíssima obra engloba os terrenos da Moral, da Biologia, da Metafísica, da Crítica Literária, da Psicologia, da Ciência Política e da Lógica (que foi uma criação sua).

[10] Canteiro é o operário que trabalha em cantaria, que esquadreja e trabalha na escultura da pedra bruta; cantaria (palavra derivada de canto) designa a pedra lavrada para as construções.

[11] Loja – do germânico: leubja (pronúncia: lóibja) e do frâncico: laubja, através do francês: loge – designava o lar, a casa, o abrigo, o pátio, o alpendre; e, também, a entrada de edifício, ou galeria usada para exposições artísticas e venda de produtos artesanais. As guildas de mercadores assim designavam seus locais de depósito e venda de produtos manufaturados, enquanto as guildas artesanais adotaram o termo para designar o seu local de trabalho, ou seja, as oficinas dos artífices.

[12] A Ordem da Milícia do Templo, ou Ordem dos Templários, foi uma ordem religiosa e militar, criada em 1118, com estatutos feitos pelo abade de Clairvaux (São Bernardo). Adquirindo prestígio e riqueza, a ordem excitava a cobiça do rei francês Filipe IV, cognominado “o Belo”, que, com a conivência do papa Clemente V, conseguiu a sua extinção, em 1312, seguida da execução, na fogueira, de seu Grão-Mestre, Jacques de Molay, em 1314. Antes da extinção, necessitando, em suas distantes comendadorias do Oriente, de trabalhadores cristãos, os templários organizaram o Compagnonnage, dando-lhe um estatuto chamado Santo Dever, de acordo com sua própria filosofia.

[13] Jean Théophile Désaguliers (1683-1744) nasceu em La Rochelle, filho de um ministro huguenote, o qual emigrou para a Inglaterra depois da revogação do Édito de Nantes. Em Londres, graduou-se em Teologia e tornou-se membro da Real Sociedade e correspondente da Academia de Ciências de Paris. Foi iniciado na Loja São Paulo, em 1709.

[14] Christopher Wren (1632-1723) nasceu em East Knoyle e faleceu em Londres. Foi matemático e arquiteto de Westminster, reputado como chefe dos maçons. Dirigiu, como foi visto, a reconstrução das igrejas londrinas.

[15] Anthony Sayer (1672-1742) foi o primeiro Grão-Mestre da Premier Grand Lodge; morreu em extrema pobreza, sendo obrigado, no final de sua existência, a recorrer à caridade dos Irmãos maçons.

[16] O reverendo James Anderson (1680-1739), nasceu em Aberdeen, na Escócia, e faleceu em Londres. Em 1710, tornou-se ministro da igreja presbiteriana de Swallow Street, no Piccadilly, em Londres. Muito ligado a Désaguliers – eleito Grão -Mestre da Primeira Grande Loja, em 1719 – foi incumbido, por isso, do importante trabalho de elaborar a Constituição. Além da Constituição, publicou outras obras – como Unity in Trinity, sobre a fé cristã – e exerceu cargos, como o de Venerável (presidente) da Loja N° 17.

[17] O capítulo referente à História da Maçonaria “desde a criação do mundo”, é absolutamente fantasista – inclusive colocando as origens da Maçonaria no lendário paraíso terrestre – e, há muito tempo, perdeu o crédito . As lendas, algumas ingênuas, sem qualquer nexos histórico, já habitavam a mente dos maçons operativos; e a compilação de Anderson não contribuiu para extirpar essas aberrações históricas, mesmo porque, no início do século XVIII, elas ainda estavam em voga, até que os intelectuais que fizeram, desse século, o século das luzes, derrubassem mitos e crendices, estabelecendo o reinado da razão e da lógica. Mas, na realidade, quem introduziu tais patranhas no meio maçônico foi mesmo o imaginoso Anderson, que tomou a Bíblia como modelo, considerando como maçons todos os que nela apareciam; e até hoje, lamentavelmente, ainda há os que falam de Maçonaria na Pré-História, no antigo Egito, no Paraíso e – o que é de pasmar – até antes da criação do universo !!!

[18] George Payne, nascido em data incerta e falecido em 1757 foi Grão-Mestre da Premier Grand Lodge em duas ocasiões: 1718-1719 e 1720-1721. Foi o último Grão-Mestre plebeu da Maçonaria inglesa e seu trabalho foi importantíssimo na compilação e revisão dos antigos costumes da confraria.

[19] Laurence Dermott (1720-1791), pintor e decorador de edifícios, nasceu em Dublin, na Irlanda, e ali foi iniciado maçom, aos 20 anos de idade, em 1740. Depois de ter sido Master (Venerável, Presidente) de sua Loja, foi, em 1748, para a Inglaterra, onde foi um dos fundadores da Grande Loja dos “Antigos”. Os seus direitos de autor sobre o “Ahiman Rezon” foram doados às obras sociais maçônicas.

[20] Ahiman Rezon, do hebraico: ahim = irmãos, manah = escolher e ratzon = lei. A frase, porém, significa: “Conselho dado a um Irmão”.

[21] Não há menção, entre o rol dos santos protetores dos franco-maçons operativos, do S. João Batista e do São João Evangelista. O que havia, era o hábito de comemorar os solstícios – de inverno e de verão – com um ágape fraternal. Solstício é a época do ano em que o Sol, depois de se ter afastado do equador, o mais possível, parece estacionar, durante alguns dias, antes de voltar a se aproximar daquela linha. As organizações de ofício costumavam comemorar os solstícios de verão – 21 de junho, no hemisfério norte – e de inverno – 21 de dezembro, no mesmo hemisfério. Posteriormente, por influência da Igreja e graças à proximidade desses dias com as datas comemorativas de São João Batista – 24 de junho – e de São João Evangelista – 27 de dezembro – os dias dos solstícios acabaram se confundindo com as festas dos dois santos. O costume acabou chegando à Maçonaria dos Aceitos, fazendo com que, em vários ritos maçônicos, as Lojas sejam intituladas “de São João” e os dois santos, fundidos num só, constituam o S. João padroeiro da Maçonaria.

[22] Os maçons ingleses dão, ao recinto das sessões, o título de Loja (Lodge), assim como a Maçonaria norte-americana e todas as demais Obediências maçônicas do mundo não latino. O mesmo título é dado à corporação. Já os latinos, influenciados pela França, chamam o recinto de templo e, embora, os franceses não façam tal diferenciação, reservam o termo Loja para a corporação. O vocábulo templo dá, ao não maçom desavisado, a ideia, errada, de que a Maçonaria é uma religião.

[23] Abstraindo que há de lendário, em torno do assunto, devem ter existido três Templos de Jerusalém, todos construídos no mesmo local: no monte Moriá, no setor oriental da cidade, onde hoje se encontra a mesquita de Omar. Segundo a tradição hebraica, o monte Moriá é o local onde Abraão teria ido, para sacrificar o seu filho, Isaac (Gênese, cap. 22). O primeiro foi o Templo de Salomão, construído cerca de 968 a. C. e destruído em 586 a. C., quando os babilônios, sob o comando de Nabucodonosor II, tomaram Judá e levaram o povo ao exílio. Em 920 a. C., houvera um grande cisma entre os hebreus, quando foram formados dois reinos: o de Israel, cuja capital era Samaria, e o de Judá, com capital em Jerusalém. A rivalidade entre os dois reinos é que causou um progressivo declínio e deterioração do poder, levando a um enfraquecimento, que ensejou o surgimento de conquistadores externos; assim, os assírios tomaram Israel, em 721 a. C., e

os babilônios tomaram Judá em 586 a. C. . O segundo Templo foi construído quando os hebreus, já se autodenominando judeus (yehudhin), regressaram à Palestina, com permissão concedida por Ciro, rei da Pérsia, que conquistara a Babilônia, em 538 a. C. . Retornando, os judeus reconstruíram o Templo, a partir de 520 a. C.; este ficou conhecido como Templo de Zorobabel, já que este comandara a sua reconstrução, como um dos líderes do povo, ao lado de Nehemias, o Aterzata (governador). O Templo de Zorobabel era menos imponente do que o anterior e o Santo dos Santos, a parte mais íntima, o santuário, estava vazio, pois a Arca da Aliança, que fora colocada no mesmo local, no primeiro Templo, havia desaparecido, durante a ocupação de Jerusalém pelos babilônios. O domínio persa sobre a Palestina durou até 332 a. C., quando se iniciou a ocupação grega, com a tomada de Jerusalém por Alexandre da Macedônia. Este domínio grego iria se estender até 140 a. C., quando Israel voltaria a ser um estado livre, graças à revolta dos asmoneus, em 167 a. C. . As novas rivalidades internas, porém, levariam à guerra entre Aristóbulo e Hircano, em 67 a. C., o que provocaria a última e mais traumática ocupação, a partir de 63 a. C., quando os romanos, sob o comando de Pompeu, dominaram Jerusalém. E foi sob o domínio romano que surgiu o terceiro Templo, o de Herodes. Herodes Magno, como preposto de Roma, governou Jerusalém, de 37 a 4 a. C., e, para captar a simpatia do povo judeu e satisfazer a sua ânsia de erigir grandiosas construções, resolveu construir, com toda a imponência possível, um terceiro Templo de Jerusalém, no lugar do segundo, que deveria ser demolido. Os líderes judeus, todavia, temendo, possivelmente, um ardil, não estavam dispostos a permitir a demolição do Templo de Zorobabel. Diante disso, Herodes, com muita habilidade, reuniu, em torno do Templo, todo o material de construção necessário e fez com que mil sacerdotes aprendessem o ofício de pedreiro, para que eles mesmos trabalhassem na ereção do santuário, que, assim, não seria profanado. Desta maneira, pôde, ele, sem grandes oposições, iniciar a demolição do segundo Templo em 19 a. C., iniciando a construção do terceiro, à medida que a área ia sendo desimpedida pela demolição. Esse é o Templo da época de Jesus e que, no início da hoje chamada era cristã, ainda não estava totalmente concluído. Após o reinado de Herodes, a Judeia tornou-se apenas uma província romana, governada por procuradores, do ano 6 até ao 40 da era atual. Após o governo de Agripa I, de 41 a 44, começava a guerra dos judeus contra os romanos, abertamente declarada em 66. No nono dia do mês hebraico ab (ou av) do ano 70, ocorria o fato até hoje lembrado e lamentado na liturgia da sinagoga: a queda de Jerusalém,

com a destruição do Templo, pelas legiões do imperador romano Tito. Desse terceiro Templo, só teria restado, segundo a tradição, um pedaço da muralha externa, conhecido, hoje, como “o muro das lamentações”, diante do qual são realizadas muitas festividades religiosas judaicas, além de manifestações.

[24] Os Mistérios de Elêusis resultam da justaposição do culto agrário da deusa Deméter (Ceres, para os romanos), que ensina, aos homens, o cultivo do trigo, e o de sua filha Perséfone, ou Coré (Prosérpina, para os romanos), cujo estágio hibernar nos infernos simboliza o ciclo do nascimento e morte dos vegetais. Diz a lenda que, certo dia, enquanto colhia flores no campo, Perséfone foi raptada por Hades (Plutão, para os romanos), deus dos infernos. Deméter, que amava a filha, intensamente, saiu à sua procura pelo mundo inteiro, dia e noite, até se encontrar com Apolo, que a informou sobre o rapto ocorrido. Tomada, então, de cólera contra a terra, Deméter negou-se a permitir que, nela, crescessem os grãos e os frutos, o que fez com que Zeus (Júpiter, para os romanos) resolvesse interferir junto a Hades, para que este devolvesse Perséfone, estabelecendo, contudo, uma condição: ela só poderia voltar ao Olimpo se não houvesse ingerido nenhum alimento; como, porém, havia comido alguns grãos de romã, ela não pôde voltar, sendo-lhe permitido, apenas, que passasse seis meses do ano com sua mãe e os outros seis meses no inferno. Entre os muitos poderes atribuídos a Perséfone, havia um relativo à morte: nenhum ser humano poderia morrer sem que ela lhe cortasse o fio de cabelo que o ligava à vida. Isso fez com que o seu culto fosse bastante desenvolvido: ela presidia aos funerais e os amigos do morto cortavam os cabelos e os atiravam ao fogo, em homenagem à deusa; acreditava-se, também, que ela fazia reencontrar os objetos perdidos. Tendo sido raptada quando ainda adolescente, os gregos deram-lhe o nome de Coré (a jovem). Graças à lenda, Perséfone simboliza as sementes, que permanecem sob a terra, durante meio ano e, depois, frutificam sobre a sua superfície. Esotericamente, esse ciclo de nascimento e morte dos vegetais representa a eternidade e a imortalidade. Desta maneira, os mistérios de Elêusis – alusão ao local em que se encontrava o mais antigo Templo de Deméter – forneciam, aos iniciados, os segredos da morte e da ressurreição.

[25] Tal condição, no sentido estritamente geográfico, é relativa ao hemisfério norte, onde o Norte é mais escuro, por se encontrar próximo ao polo e longe do equador, enquanto que o Sul é mais claro, por se encontrar junto ao equador terrestre. No hemisfério sul, evidentemente, ocorre o

contrário, com o Sul mais escuro do que o Norte. A Maçonaria mundial não leva, todavia, em conta tal diferença, não só como medida de padronização – que causaria enorme confusão se não fosse tomada – como, também, porque tal disposição do templo é meramente simbólica e não literal. Se assim não fosse, haveria necessidade, por exemplo, de que todas as Lojas fossem, realmente, colocadas de tal maneira que os seus pontos cardeais coincidissem com os pontos cardeais da Terra. Isso pode ocorrer, mas apenas por uma grande coincidência, pois as Lojas são construídas onde é possível e acessível. Desta maneira, independentemente do local onde se encontra a Loja, o iniciado sai das trevas do Ocidente, permanece algum tempo – como Aprendiz – em seu lugar no Norte, onde há mais luz do que no Ocidente, passa – como Companheiro – para o Sul, que é mais iluminado do que o Norte, até chegar – como Mestre – à luz que brilha no Oriente.

[26] Pitágoras foi um filósofo grego, do século VI a. C., nascido na ilha de Samos, fundador, na ilha de Crotona, colônia grega da Itália Meridional, de uma comunidade filosófica, religiosa e política. O que existe de sua doutrina, chegou à posteridade através de seus discípulos, os pitagóricos; por isso, Aristóteles nunca cita Pitágoras diretamente, mas, sim, os pitagóricos. Com Pitágoras, começou o tratamento dedutivo-demonstrativo da matemática, ligado a uma peculiar forma de misticismo. Ele afirmava que todas as coisas são constituídas de números, que representam a harmonia que deve haver no universo; associou os números à música e à mística, daí derivando os termos matemáticos “média harmônica” e “progressão harmônica”. Como crença religiosa básica, Pitágoras ensinava a transmigração das almas e a abstenção de diversas práticas, inclusive a da ingestão de carnes; esta abstenção era devida ao ensinamento que mostrava a possibilidade da alma reencarnar em animais.

[27] A lenda do terceiro grau, básica no desenvolvimento ritualístico e doutrinário do grau de Mestre Maçom, não tem – já que é uma lenda – qualquer compromisso com a realidade histórica, mas tem a sua base nos textos bíblicos (Livro dos Reis) e na lenda egípcia do deus Osiris. Segundo o relato do Livro dos Reis, o rei Salomão, ao resolver edificar o primeiro Templo de Jerusalém, no monte Moriá, no século X a. C., teria solicitado o auxílio de Hiram, rei da cidade fenícia de Tiro, o qual lhe teria fornecido trabalhadores, cedros do Líbano e ciprestes, em troca de trigo e óleo. Entre os artesãos fenícios estava o hábil entalhador de metais Hiram Abi (“Hiram meu pai”) – que muitas instruções maçônicas citam como Hiram “Abif”, ou “Abib” – que seria o responsável pela confecção de objetos importantes do

Templo, como o altar dos holocaustos, o mar de bronze, o altar dos perfumes, a mesa dos pães propiciais, os candelabros e as colunas do pórtico; estas – presentes no Templo maçônico – eram duas grandes colunas, colocadas à entrada do Santo (em hebraico: Kodesh), antecâmara da parte mais íntima do Templo, o Santo dos Santos (em hebraico: Kodesh ha Kodashim), que continha, principalmente, a Arca da Aliança. Estas colunas, como as egípcias, não tinham função de sustentação e mostram como os hebreus foram influenciados pela cultura egípcia, durante o tempo que passaram no Egito. A lenda maçônica, todavia, coloca Hiram Abi como o construtor do Templo e mostra a sua morte, provocada por três Companheiros, que, sem tempo suficiente de trabalho e sem o necessário aperfeiçoamento, queriam chegar a mestre-de-obras, para que pudessem, em seus países e províncias de origem, conseguir o prestígio, a posição e a sustentação econômica que o cargo propiciava. Tendo, o mestre Hiram, se recusado a atender a esse pedido, foi morto por eles, renascendo, depois, num plano superior. A descrição da lenda será abordada mais adiante, embora o seu desenvolvimento ritualístico, reservado apenas aos iniciados – esotérico, portanto – não possa ser relatado, minuciosamente, em escritos destinados ao público em geral. Mas o que importa, em última análise é que a lenda pode ser analisada sob dois aspectos: o moral, que mostra a Sabedoria (Hiram), morta pela inveja, pela cobiça e pela ignorância, mas revivendo, depois; e o místico, baseado na lenda de Osiris e nos mitos solares, o qual mostra a morte e a ressurreição da Luz.

[28] Fênix (do grego: phoinix, pelo latim: phoenix) era a ave mitológica, que, depois de viver muitos séculos, consumia-se em chamas e renascia das próprias cinzas. Segundo a lenda, a Fênix vivia no deserto da Arábia e, quando pressentia a morte, construía um ninho de ervas aromáticas e mágicas, no qual se acomodava. Esse ninho, incendiava-se ao sol do deserto e a ave se deixava queimar, confiante em sua ressurreição, já que o fogo a consumia sem matá-la, pois, de seus ossos calcinados, emergia uma larva, de cujo crescimento, nas cinzas, surgia a mesma Fênix. Símbolo ligado à alquimia, representa o Criador incriado – que pode gerar a si mesmo – e a eternidade, pelas sucessivas ressurreições. Na lenda há, ainda, a sugestão de que o corpo é reduzido a pó, mas a alma sobrevive, porque é eterna. Com esse sentido, o símbolo foi absorvido pela Maçonaria.

[29] A trolha (ou desempenadeira) é uma espécie de pá retangular, sobre a qual fica a argamassa, de que o pedreiro vai se servindo, com a colher, para junção e revestimento. Como ela serve para alisar a argamassa, tirando-lhe

as arestas, é tomada como símbolo da concórdia, aparando as “arestas” entre os que estão em litígio, ou desacordo.

[30] O avental maçônico lembra o avental de couro usado pelos canteiros, com a finalidade de proteger o corpo dos estilhaços da pedra. Por isso é símbolo do trabalho.

[31] A essência do simbolismo do olho está contida numa frase do filósofo romano Plotino: “nenhum olho está capacitado a ver o Sol, enquanto, de certa maneira, não for ele mesmo um Sol”. Como o Sol é a fonte de luz e como a luz é o símbolo da inteligência e do espírito, pode-se deduzir que o processo de ver, ou o sentido da visão, representa um ato do espírito e simboliza o conhecimento. Esse conceito é largamente baseado nos mitos solares da Antiguidade; para os antigos persas, por exemplo, o olho era a representação de Ormuz (o Sol) e, portanto, da Luz. A partir desse conceito, muitas civilizações tomaram-no como símbolo da sabedoria, do discernimento e do equilíbrio; entre os egípcios, o olho era símbolo de Hórus e, portanto, da sabedoria. Em Maçonaria, o olho é, geralmente, encontrado no centro do triângulo equilátero (Delta), simbolizando Deus e sua onividência; também adorna paramentos de altos dirigentes, como símbolo da sabedoria.

[32] A letra “G” é um símbolo muito antigo, em Maçonaria, e significa, simplesmente, Geometria, a quinta ciência (entre as sete Ciências ou Artes Liberais da Antiguidade), a parte da Matemática que tem por objeto o espaço e as figuras que, nele, se podem conceber, ou a medida das linhas, das superfícies e dos volumes. De origem egípcia, a Geometria foi levada à Grécia antiga. Sendo a base da arte de construir, das relações triangulares e do círculo, da astronomia e da medida das terras férteis às margens do rio Nilo, ela acabou servindo de fundamento filosófico para os sábios gregos, levando aos conceitos de Ordem, Equilíbrio e Harmonia Universal, que seriam tomados, na época da Maçonaria dos Aceitos (ou Especulativa), como obra de Deus, o Grande Arquiteto do Universo, ou Grande Geômetra. Graças a isso, a letra “G”, através da Maçonaria inglesa, passou a simbolizar, também, Deus, o Grande Geômetra, embora isso tenha sido associado ao fato de a palavra Deus, em inglês, ser iniciada pela letra “G” (GOD), o que não acontece em nenhum dos idiomas originados do latim.

[33] A espada flamejante tem duas interpretações diferentes. A interpretação clássica é bíblica e baseada na expulsão de Adão do Paraíso:

“E expulsou-o; e colocou, ao oriente do Jardim do Éden, querubins armados de uma espada flamejante, para guardar o caminho da árvore da vida” (Gênese, 3 - 24). Como, todavia, ela só é empunhada por um Venerável Mestre (Presidente) da Loja, para sagrar (conferir a dignidade do grau) candidatos à iniciação e à elevação, cabe a sua interpretação baseada na mitologia grega: com suas sinuosidades, ou ondulações, ela lembra a concepção artística do raio, apanágio de Zeus (o Júpiter romano), o senhor de todos os lugares atingidos pelo raio. Assim, só empunhada pelo Venerável Mestre, não podendo ser embainhada – não é possível embainhar o fogo – e nem ser encostada no candidato – pois o fulminaria – ela é o raio jupiteriano do poder e da majestade.

[34] Delta é a quarta letra do alfabeto grego – correspondente à letra “D” – e, pelo seu formato, designa o triângulo equilátero, ou seja, aquele que tem os três lados iguais. Este, simboliza os ternários ou tríades divinas, conceito comum à maioria das religiões. Assim, no hinduísmo, ele simboliza a tríade Brahma - Vishnu - Shiva; para os antigos egípcios, Osiris – Isis - Hórus; para o taoísmo, Yang - Ying - Tao, e assim por diante. Alguns autores aplicam esse simbolismo à trindade cristã, tese refutada por muitos teólogos, mas que tem a sua razão de ser, diante dos triângulos equiláteros que adornam muitos templos cristãos. O delta, assim, é de natureza neutra, representando o perfeito equilíbrio entre os três aspectos da divindade. Isso, quando ele tem o ápice voltado para cima, simbolizando o espírito, já que, com o ápice voltado para baixo, simboliza a matéria. Em Maçonaria, o Delta Radiante, ou Flamejante, tendo, no centro, o tetragrama hebraico com o nome impronunciável de Deus, ou o olho onividente, simboliza o Grande Arquiteto do Universo.

[35] Essas colunas representam as três grandes ordens arquitetônicas gregas. A coluna dórica, sem base e com um capitel muito simples e de alta plasticidade, cumpre a sua função básica, que é a de sustentar um peso, concretizando, com bastante originalidade, a transição da força ascensional do fuste (o corpo canelado da coluna) para o peso do entablamento do edifício. Por ser uma coluna forte e de aspecto atarracado, era, entre os gregos, o símbolo da força do homem. A coluna jônica, mais esbelta do que a dórica, com um fuste mais alto e provido de profundas caneluras, apresenta uma base e um capitel mais trabalhado e complexo, com volutas e ornamento em óvulos. Entre os gregos, era o símbolo da sabedoria da mulher (convém lembrar que a divindade greco-romana da sabedoria era feminina: Atená, ou Minerva). A coluna coríntia só difere da jônica pelo

capitel mais belo, formado de um cesto, em torno do qual crescem gavinhas e folhas de acanto. A lenda em torno dela diz que o escultor Calímaco (século V a. C.) viu sobre o túmulo de uma donzela, em Corinto, um cesto, em torno do qual crescera o acanto, o que o inspirou a moldar o complexo e belo capitel coríntio. A coluna coríntia tornou-se, assim, o símbolo da beleza.

[36] O pelicano é uma ave aquática, de grande porte, com asas longas e largas, pescoço alongado e bico comprido; de sua mandíbula, pende uma bolsa dilatável. A lenda surgiu das observações dos antigos marinheiros, que viam aquela estranha ave, de grande bico e uma bolsa membranosa sob ele, numa atitude em que parecia ferir o peito – que aparecia tinto de sangue – enquanto os filhotes reuniam-se em torno, para tomar a refeição, que parecia tirada do próprio peito da ave-mãe. O que ocorre, porém, é que o pelicano usa sua bolsa sub-mandibular como uma rede para apanhar peixes; e, quando vai alimentar as crias, pressiona-a contra o peito, para triturar esses peixes, tornando o alimento mais tenro para os filhotes, que o tomam diretamente da bolsa do pássaro adulto. O sangue que lhe mancha o peito, portanto, é dos peixes triturados.

[37] O conjunto formado pela rosa e pela cruz, com aquela colocada na intercessão dos braços desta, tem um grande significado místico e alegórico. Os membros da Ordem Rosa-Cruz explicam sua simbologia, interpretando a cruz como o corpo físico do homem, com os braços estendidos, em saudação ao Sol, no oriente, o qual representa a Luz Maior; já a rosa, parcialmente desabrochada, no centro da cruz, representa a alma do homem, o eu interior, desenvolvendo-se nele, na medida em que recebe e conquista mais luz; colocada no centro exato da cruz, onde os dois braços desta se cruzam, representa o ponto de unidade. A rosa é o símbolo da mulher, enquanto que a cruz simboliza o homem, já que, para os hermetistas, ela representa a junção da eclíptica com o equador terrestre, que se cruzam nos equinócios de primavera e de outono. Assim, a rosa representa a Terra, enquanto que a cruz simboliza a virilidade do Sol, com toda a sua força criadora, que fecunda a Terra. A junção de ambos leva à perpetuação da vida e ao segredo da imortalidade, resultando, também, dela, a regeneração universal, que é o ponto alto da doutrina rosacruziana. Esse princípio de regeneração universal é aceito pela Maçonaria, mas em termos mais racionais: a regeneração só poderá ocorrer através do aperfeiçoamento contínuo do Homem e da constante investigação da verdade. Também, como a rosa é a representação do amor, ela simbolizaria

a mensagem evangélica, representada pelo Cristo, colocado sobre a cruz

[38] Os preceitos da Torá – o Pentatêuco: Gênese, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio – eram rigorosos quanto à higiene pessoal, principalmente nas práticas religiosas. Assim, a purificação das mãos sacerdotais, através da lavagem com água, era impositiva

[39] Pão ázimo é o pão sem fermento (em hebraico: matsá), consumido pelos hebreus, pois fermento era artigo não encontrado durante os longos anos de peregrinação pelo deserto do Sinai. Em atenção a isso, na Pêssach (Passagem, Páscoa), festividade religiosa que comemora a saída do Egito, são consumidos matsot (plural de matsá).

[40] A urna do maná – o maná é semelhante ao coentro – foi colocada junto à Arca da Aliança para lembrar que a fome do povo fora saciada pela chuva de maná. A vara florida de Aarão foi ali colocada, para lembrar que, quando os chefes das doze tribos – cujo sinal de comando era a vara – disputavam, para cada uma delas, a dignidade de classe sacerdotal, Moisés teria, por instrução divina, mandado que cada um deles colocasse a sua vara à entrada do Santo dos Santos, que Deus faria florir a do eleito. E a vara que floriu foi a de Aarão, chefe da tribo dos levitas, que se tornou a tribo responsável pelo sacerdócio.

[41] O holocausto, ou seja, o sacrifício com combustão da vítima, era muito importante para a mística hebraica. Segundo uma das máximas obras cabalísticas, o Sepher ha Zoar (Livro do Esplendor), a alma humana tem tríplice conotação: nefeqe, a alma vegetativa, rouá, a alma intelectual, e nechamá, o sopro, a alma espiritual, correspondentes aos três graus da alma, em suas relações com o mundo superior e o inferior. Nefeqe é a força vital do homem. Corresponde ao sangue, que seria, então, a alma vegetativa, que, não sendo atributo exclusivo do homem, é comum a todos os animais; é por isso que os textos bíblicos proíbem o homem de se alimentar de sangue. Rouá (ar) corresponde à vida interior, intelectual e mental da alma; é através dela que é feita a união de nefeqe com nechamá. Nechamá corresponde à alma superior, à mais alta espiritualidade, por cujo intermédio ocorre a união (em hebraico: debekut) do homem com o mundo celestial. Quando se procedia ao sacrifício cruento de animais – geralmente, um cordeiro – era necessário que o sangue da vítima entrasse em combustão, ou seja, que fosse queimado, porque a combustão da alma vegetativa, da força vital, representava a máxima homenagem a Deus.

[42] Albert Pike, in “Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry” (Richmond - reedição de 1951, do original de 1871), afirma que o artífice era Khurum, impropriamente chamado Hiram.

[43] Zênite (do árabe: samt) é o ponto em que a vertical de um determinado local corta a esfera celeste acima do horizonte. Nadir (do árabe: natir = ponto diametralmente oposto a outro) é o ponto diametralmente oposto ao zênite. Do zênite ao nadir, a grosso modo, quer dizer do céu à terra, mostrando que o templo maçônico, com seus pontos cardeais, é uma representação da Terra.

[44] Essas colunas eram, no Templo de Jerusalém, muito provavelmente, homenagem a ancestrais, segundo costume herdado do antigo Egito. Boaz era um ancestral de David e de Salomão, filho de Salmon e esposo de Ruth, enquanto que Iachin, ou Jachin (Jakin), era o terceiro filho de Simeão, filho de Jacob, e foi o pai dos Jaquinitas e sacrificador de Jerusalém, depois do Êxodo. Há, porém, uma interpretação mística, segundo a qual os dois nomes, lidos da direita para a esquerda – que é o sentido da escrita hebraica – formam uma frase propiciatória, ou de dedicação do Templo a Deus. Como Jachin significa “estabelecerá, firmará, erigirá” e Boaz significa “nele está a força”, a frase significaria: “Deus dá estabilidade e força”, ou “Deus estabelecerá, com firmeza, o reino de David na terra”. Assim se exprime a fé de Israel no seu Deus, que fará perdurar o Templo e todo o povo sobre o qual ele reina

[45] A Grande Obra, ou Obra do Sol, da Alquimia, é a transmutação dos metais inferiores em ouro; ela é, também, chamada de Arte Real, graças à lenda segundo a qual o rei Midas teria recebido, do deus grego Dionísio (Baco, para os romanos), o poder de transformar em ouro tudo o que tocasse. A Alquimia oculta, todavia, despreza o ouro terrestre, material, e, para ela, a Grande Obra é a transmutação do quaternário humano, inferior, no ternário divino, os quais, quando se unem, acabam constituindo um só. Os planos da existência humana, espiritual, mental, psíquico e físico, comparam-se na Alquimia oculta, aos quatro elementos: o fogo, o ar, a água e a terra; cada um deles é capaz de uma tríplice constituição, ou seja: fixa, instável e volátil. A Grande Obra, para a Alquimia oculta, consiste no constante renascer, para que o iniciado percorra o caminho do conhecimento e do aperfeiçoamento, até chegar à comunhão com a divindade, conceito muito parecido com os do hinduísmo e com os da doutrina de revelação do mitraísmo. Assim, os metais inferiores

simbolizam as paixões humanas e os vícios, que devem ser combatidos e transformados em ouro do espírito, que é o objetivo da Grande Obra, ou Arte Real.

[46] O título de Venerável Mestre, dado ao presidente de uma Loja, tem origem nos meados do século XVII, na Inglaterra, quando ocorria a lenta transformação da Maçonaria de Ofício em Maçonaria dos Aceitos. Derivado da palavra inglesa “worship”, que significa culto, reverência, adoração, quando usada como substantivo, e venerar, adorar, idolatrar, quando usada como verbo transitivo, tem-se o termo “worshipful”, que significa adorador, reverente, ou venerável (como forma de tratamento). Assim, o presidente da Loja era o “Worshipful Master”, que significa Venerável Mestre, título que passou a ser adotado por todos os agrupamentos maçônicos, embora, de início, o termo Venerável fosse aplicado apenas às corporações de artesãos e não a pessoas. Nos países de língua inglesa, já há tempos, usa-se, apenas, o título de Master.

[47] O cargo de Vigilante remonta à Maçonaria Operativa. As organizações de ofício, principalmente a dos canteiros, costumavam manter, no local reservado aos trabalhos, uma construção, espécie de almoxarifado, onde eram guardados os planos da obra, o material de trabalho, as vestes dos obreiros, etc. . E tudo isso ficava sob a responsabilidade de um “Warden” (zelador, ou vigilante), que também tinha a incumbência de fiscalizar o trabalho dos obreiros e, no final do dia, despedi-los, pagando-lhes o salário da jornada diária de trabalho, e fechar o local. Aos Vigilantes da Loja também compete fiscalizar o trabalho dos obreiros, pagar, simbolicamente, esse trabalho e fechar a Loja.

[48] Embora essa seja a disposição da maioria dos ritos maçônicos, existem alguns que mostram uma inversão entre as colunas do 1º e do 2º Vigilantes.

[49] Metais é, genericamente, o nome que, em Maçonaria, se dá ao dinheiro, ou a qualquer objeto de metal precioso, que possa ser recebido em donativo, para as obras assistenciais da Loja.

[50] Convém relembrar que, durante a dominação romana e após o reinado de Herodes Magno – que governou, como preposto de Roma, de 37 a. C. a 4 a. C. – a Judeia tornou-se, apenas, uma província romana, tendo sido governada por procuradores, desde o ano 6 até o ano 40 da era atual. Depois de Herodes Magno, governou seu filho Herodes, responsável pela decapitação de João Batista e pela confirmação da sentença de Pilatos

contra Jesus; este Herodes foi sucedido por Herodes Agripa. Após o governo de Agripa I, de 41 a 44, começava a guerra dos judeus contra os romanos, abertamente declarada em 66. A 9 do mês ab de 70, ocorria o fato lembrado, até hoje, como uma data de luto, na liturgia da sinagoga: a queda de Jerusalém, com a destruição do Templo, pelas legiões do imperador Tito. A resistência dos zelotes, ala extremista do movimento farisaico, prolongou-se até 135, só terminando com a destruição total de Israel, tendo, a região, recebido, definitivamente, a denominação de Palestina. Do Templo, só teria restado, segundo a tradição, um pedaço da muralha externa, conhecido, hoje, como “o muro das lamentações”, diante do qual são realizadas muitas cerimônias religiosas judaicas. Com a destruição da Jerusalém terrestre, ficava a imagem da Jerusalém celeste, a nova Jerusalém, que é celebrada, especificamente, num grau maçônico, como a sobrevivência do espírito. A descrição da Jerusalém celeste está em Apocalipse, nos capítulos 21 e 22, cujos trechos principais são os seguintes: Vi, depois, um novo Céu, uma nova Terra, porque o primeiro céu e a primeira Terra haviam desaparecido e o mar já não existia. E vi a cidade santa, a nova Jerusalém que descia do Céu, de junto de Deus, bela como uma esposa que se ataviou para o esposo” (Apocalipse, 21 - 1 e 2). Então, um dos sete anjos que tinham as sete taças cheias de flagelos, veio ter comigo e disse-me: Vem e mostrar-te-ei a noiva , a esposa do Cordeiro. Transportou-me, em espírito, ao cimo de uma alta montanha e mostrou-me a Cidade Santa, Jerusalém, que descia do Céu, de junto de Deus, resplandecente da glória de Deus. O seu esplendor era semelhante a uma pedra muito preciosa, a uma pedra de jaspe cristalino. Tinha uma grande e alta muralha com doze portas, guardadas por doze anjos, nas quais estavam escritos os nomes das doze tribos dos filhos de Israel: ao Oriente, três portas; ao Norte, três portas; ao Sul, três portas; ao Ocidente três portas. A muralha da cidade tinha doze fundamentos e sobre ele os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro. (Apocalipse, 21 - 9 a 14). Depois o anjo mostrou-me o Rio da Água da Vida, resplandecente como cristal, que saía do trono de Deus e do Cordeiro. No meio da praça, com o rio de um lado e de outro, está a Árvore da Vida, que produz frutos doze vezes, uma em cada mês e cujas folhas servem para curar as nações (Apocalipse, 22 - 1 e 2). Ao se referir à nova Jerusalém, o autor do Apocalipse refere-se à eternidade bem-aventurada, que é descrita sob a imagem de Jerusalém, capital do reino messiânico e cidade de Deus. É de se notar a abundância de referências ao número doze: a muralha com doze portas, guardadas por doze anjos, nas quais estavam escritos os nomes das doze tribos de Israel; a

muralha com doze fundamentos, com os nomes dos doze apóstolos do Cordeiro; a Árvore da Vida, que produz frutos doze vezes (nos doze meses do ciclo zodiacal). Além disso, em outras partes do texto, o autor fala que a cidade media doze mil estádios de comprimento, largura e altura; que os fundamentos da muralha estavam adornados de doze pedras preciosas; e que as doze portas eram doze pérolas.

[51] . Isso é o que faz o Experto, durante as iniciações maçônicas: conduz o candidato, que, simbolicamente, morre, da Câmara de Reflexão ao templo, onde ele recebe a luz e renasce, num processo evolutivo.

[52] Alec Mellor, respeitadíssimo pesquisador francês, afirma que é inteiramente falso que essa divisa republicana seja de origem maçônica. Louis Blanc e outros autores pretendem que seu inventor tenha sido Louis-Claude de Saint-Martin, mas o historiador mais abalizado da vida e do pensamento deste, Robert Amadou, demonstrou que isso não é verdadeiro. A pesquisadora B. F. Hyslop examinou uma grande quantidade de diplomas maçônicos publicados entre 1771 e 1799, na Biblioteca Nacional de Paris, e não encontrou mais que dois, somente, onde as três palavras estão reunidas. Quase todos registram “Saúde - Força - União”, ou falam do templo onde reina “o Silêncio, a União e a Paz”. O resultado desse estudo está publicado in “Annales Historiques de la Révolution Française” - janeiro, 1951, pag. 7. A 1ª República conheceu bem a divisa “Liberdade, Igualdade, ou a Morte”, mas tal programa ideológico não foi jamais o da Maçonaria. Foi somente sob a 2ª República que a “tríplice divisa” surgiu. Mas não foi a República que tomou emprestada a divisa à Maçonaria, mas, sim, a Maçonaria é que a tomou emprestada à República (in Dictionnaire de la Franc-Maçonnerie et des Francs-Maçons” - Belfond - Paris - 1971) .

[53] Como já foi visto, a acácia (do grego: akakia = sem mácula, inocente), além de ser o símbolo da Grande Iniciação, representa, também, a imortalidade e a sobrevivência da energia, que a morte não pode destruir ; é o símbolo da vida indestrutível.

[54] Segundo as instruções de diversos ritos, o túmulo de Hiram-Abi tinha três pés de largura, cinco de profundidade e sete de comprimento. Esses Algarismos correspondem aos números sagrados, propostos à meditação dos Aprendizes, Companheiros e Mestres, respectivamente. A relação desses números com o túmulo de Hiram, é explicada, pela Maçonaria oculta, da seguinte maneira: o túmulo de Hiram-Abi encerra o segredo da

Grande Iniciação, o qual só é descoberto pelos pensadores capazes de conciliar os antagonismos pelo ternário, de conceber a quintessência disseminada pelas exterioridades sensíveis e de aplicar a lei do setenário ao domínio da realização.